



**PRESENTE!**

**PRESENCAS NEGRAS  
NO THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO**



OLD UM ERÊ

OLD UM ERÊ

E' GRANDE O ES  
PAÇO ENBOFA  
SE CREAM LIMUS  
NA MINHA LAMA FICOU  
O SANGRA O BATE  
QUE DE AMBÓLEIS  
EODES DE LIP?

MAR,  
CANTAR,  
NECTAR,  
SANTAMENTO,  
ENTIMENTAR  
CÉLS  
ZACCHARÁ



PRESENT

PRESENT

(...) eu sou  
atlã...  
sou...  
atlã...

RE-TON,  
RE-BONTE,  
RE-CAL...  
RE-...

PRESENT



MAS NÓS FIMOS ESCRAVOS  
O QUEM É?  
EU FIMOS SOU ESCRAVO  
O QUEM É?  
OS MEUS FILHOS NÃO SÃO

MOS QUE FALAR SOB  
BERTAR MENTES TA  
NTO SOBRE LIBERTAR A SOC



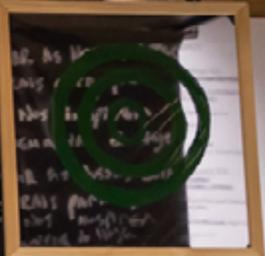
Substituto de trabalho  
que não há raça  
de país de negros e  
ocorrerem por parte  
de pessoas de cor  
de pessoas de cor  
de pessoas de cor  
de pessoas de cor

A América é para  
os americanos  
de pessoas de cor  
de pessoas de cor  
de pessoas de cor  
de pessoas de cor

ESCREVIVEM



Handwritten text in cursive script.



QUANTAS  
LÍNGUAS ESTOU  
FALANDO NAS  
LÍNGUAS QUE  
ESTOU FALANDO?  
CLAUDIA SCALAPINA





PRESENTE  
PRESENTE

RETORNAR AO  
PASSADO  
PARA RESSIGNIFI-  
CAR O PRESENTE  
E RECONSTRUIR  
O FUTURO



**GENTE NEGRA EM MOVIMENTO É ALGO NOVO QUE ME FAZ TER ESPERANÇA NA RESISTÊNCIA**

*Século XXI*

ALVIN AILEY

PRESENTE!

THE JAZZ BAND

PRESENTE!  
PRESENTE!

PRESENTE!

PRESENTE!

PRESENTE!

(...) A ENCRUZA É O UMBIGO E TAMBÉM A BOCA DO MUNDO (...)

(LUIZ RUFFINO)

RETORNAR AO  
PASSADO  
PARA RESSIGNIFI-  
CAR O PRESENTE  
E RECONSTRUIR  
O FUTURO





SENTE NEORA EN MOVIME  
QUE  
NA

*Sisti Cuervo*

PH  
PRES

SENTE!

INÍCIO,  
MEIO,

SAMBA  
CANÇÃO, PATNA, SABA  
CANÇÃO, UNBANDA, MIE  
E LIBERDADE  
CANÇÃO, Samba, SABIQUE  
CANÇÃO, PATNA  
CANÇÃO, UNBANDA

EU SOU A  
EU SOU TR



UMA ALMA  
VASTA O  
MUN  
PROFU  
COMO  
PROFUNDO  
MEU PE  
UM PO  
EXPANSÃO  
SOU DÁ





O GRANDE  
QUE DES  
OL... N  
MIE...  
RET...

NOS  
NÃO FALAMOS  
PORTUGUÊS,  
É SIM  
PRETUGUÊS

TRON...  
TURA...  
FOR...  
PRADO...  
LIZADO...  
ENTAL...

MOBILIZAD  
TOS DE GUB  
GENEAL  
DIAÇÃO

O MUNDO É UMA  
CRUZILHADA  
UM CAMPO  
DE BATALHAS



EUROPEAN ATLANTIC  
EUROPEAN ATLANTIC

RITUALS OF THE ATLANTIC  
C. & C.

VEINTITAS  
IN VACHABRAIDAS





# SUMÁRIO

<b>16</b>	Apresentação da Direção do Complexo Theatro Municipal de São Paulo
<b>18</b>	Apresentação da Gerência de Formação, Acervo e Memória
<b>20</b>	Apresentação da Coordenação da exposição e Núcleo de Acervo e Pesquisa
<b>22</b>	A Pesquisa
<b>26</b>	<i>Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo</i>
<b>30</b>	Luiz Gama, Maestro Gomes Cardim e o Theatro Municipal
<b>36</b>	Teatro Experimental do Negro no Municipal
<b>40</b>	Teatro Popular Brasileiro no Municipal
<b>48</b>	Penha Pietra's
<b>58</b>	Alvin Ailey no Municipal e os Negros no Balé
<b>66</b>	Z: Balé da Cidade de São Paulo e Germaine Acogny
<b>72</b>	Música Popular no Municipal
<b>82</b>	A <i>Aida</i> de 1951: Nomeando os Anônimos
<b>90</b>	Negras Vozes Líricas
<b>98</b>	A Longa História do <i>Jazz</i> no Municipal
<b>106</b>	Um Acontecimento na História da Ópera: <i>Porgy and Bess</i>
<b>114</b>	O Balé das Áfricas Pós-Independência e o Municipal
<b>122</b>	Tradições Negras e Populares no Municipal
<b>128</b>	<i>O Crepúsculo dos Deuses</i> e os laôs
<b>136</b>	A Congada d'O <i>Contractador de Diamantes</i>
<b>142</b>	Heitor dos Prazeres e o Ballet do IV Centenário
<b>146</b>	Fazendo o Municipal: Histórias de Trabalhadoras e Trabalhadores Negros
<b>154</b>	Paisagem Sonora, por Eugênio Lima
<b>156</b>	<i>Índice de Fontes: A Presença Negra no Acervo do Theatro Municipal de São Paulo</i>
<b>158</b>	Propostas Educativas
<b>170</b>	Roteiro da Visita "Presença em Dois Atos"
<b>200</b>	Ficha Técnica

**A EXPOSIÇÃO** *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo* reúne peças do acervo e também depoimentos, em uma espécie de colagem poética. A mostra foi realizada com a colaboração de funcionários negros do Theatro Municipal e tem a proposta curatorial de Ana Lucia Lopes, Anita Lazarim e Rafael Domingos Oliveira | Núcleo de Acervo e Pesquisa / Gerência de Formação, Acervo e Memória.

*Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo* cumpre importante papel na programação que, em dezembro de 2022, trouxe ao nosso palco, para se apresentar com a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM), os vencedores do Concurso de Canto Lírico Joaquina Lapinha – primeira ação afirmativa do gênero no Brasil voltada exclusivamente para cantores pretos, pardos e indígenas –, idealizado pela Sustenidos e realizado no Conservatório de Tatuí, com a valiosa contribuição de artistas negros da cena lírica brasileira.

A mostra nos provoca a nos debruçarmos e refletir sobre a presença negra no Theatro Municipal de São Paulo que é tão importante para nós, internamente, quanto para o público externo. Antes de mais nada, pelo fato de o conhecimento compartilhado ser força motriz de movimentos e desencadeamentos múltiplos, com potencial de provocar novos acontecimentos, novos arranjos e novas realidades. Já do ponto de vista institucional, termos os dados históricos organizados e uma radiografia da situação atual é fundamental para traçarmos metas e estratégias adequadas ao combate da histórica desigualdade racial de nosso meio.

A Gerência de Formação, Acervo e Memória do Complexo Theatro Municipal vem desenvolvendo um trabalho de notável importância, destacando-se como referência para outros teatros de ópera do Brasil e da América Latina. Além de organizar o rico

patrimônio de que dispomos, consolidando, para isso, parcerias e convênios com outras instituições, conta com uma especial equipe de mineradores e artesãos, profissionais empenhados em garimpar tanto tesouros esquecidos quanto trazer à luz fatos a princípio pouco significativos, mas que ganham importância a partir de novos olhares.

Assim, resguardamos a projeção e a perspectiva do desconhecido, visto que uma parte da retomada da memória serve, justamente, para lançar garrafas ao mar. Outra parte, igualmente importante, foca nas faltas, de diferentes naturezas, que constituem todo e qualquer acervo histórico. No caso, a presença negra no Theatro Municipal de São Paulo denota sua ausência – o traçado de uma história aprisionada em matrizes hegemônicas que tardam a ser desconstruídas. Com tantas reflexões sobre o assunto, e munidos de dados e documentos, resta-nos uma provocação: daqui, para onde vamos? O Theatro Municipal reafirma, com a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*, seu compromisso em pôr em prática ações efetivas que contribuam com uma maior presença negra nos palcos e nos bastidores da cena cultural brasileira, na expectativa de que as gerações futuras se deparem com um cenário menos desigual quando fizerem este mesmo exercício de revisitar o passado.

**Alessandra Costa**

Diretora Executiva da Sustenidos

**Andrea Caruso Saturnino**

Diretora Geral do Complexo Theatro Municipal de São Paulo

**É COM ORGULHO** e muito trabalho que realizamos a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*.

A mostra traz à tona um tema definidor da nossa nacionalidade: onde estão os negros na história das instituições brasileiras e como essa presença reflete a história do nosso país e sua organização social?

Ao reunir um conjunto significativo de diferentes documentos, de 1915 aos dias atuais, que marcam a presença de artistas negros no Theatro Municipal, a exposição aponta, por um lado, o que tem sido o Brasil nesses 111 anos de existência do Theatro: a exígua presença de artistas negras e negros no palco da Casa, em relação à massiva atuação de brancos e, ao mesmo tempo, exibe a qualidade e a competência dessa participação. Esse é o passado do nosso país confirmado até hoje.

Um mergulho insistente e profundo foi realizado pela equipe do Núcleo de Acervo e Pesquisa que integra a Gerência de Formação, Acervo e Memória nas diversas coleções documentais que compõem o acervo do Theatro. Descobertas comemoradas com vibração pelos diversos profissionais acompanharam esse processo. Todos se tornaram pesquisadores do tema, além da rotina que cada área tem por dever encaminhar cotidianamente. Cada figurino com uma etiqueta reveladora, um borderô no arquivo, fazia vibrar e circular a informação pelos pesquisadores, conservadores, documentalistas e arquivistas. Ficávamos sabendo na hora da descoberta, por intermédio das fotos enviadas.

Um trabalho realizado em equipe sempre transborda bons resultados.

Os programas das apresentações, borderôs, além de figurinos e suas etiquetas foram fonte para pesquisa e consolidação das informações identificadas e contextualizadas. Foi um longo, sistemático e rigoroso trabalho feito a muitas mãos e pensamentos.

Os pesquisadores foram incansáveis na reunião, aprofundamento e análise dos documentos encontrados e posterior escrita dos textos, que integram a pesquisa ampliada por fontes da imprensa e de textos acadêmicos e autorais. O processo integrado de trabalho precisa ser destacado, é revelador de compromisso. A exposição

e este catálogo dialogam com o *Índice de Fontes: A Presença Negra no Acervo do Theatro Municipal de São Paulo*, lançado recentemente pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa e disponível para consulta no site da Instituição, na aba Acervo e Pesquisa.

Para pensar e realizar a expografia foi convidado Ricardo Fernandes que, com sua competência em aliar conceito e sua materialização expográfica, propôs caminhos cortados e articulados por muitas encruzadas. As conversas constantes com todos os envolvidos na produção de conteúdos, em especial com Rafael Domingos Oliveira, coordenador do Núcleo de Acervo e Pesquisa, e com Anita Lazarim, pesquisadora do Núcleo, forneceram o substrato para a configuração da exposição, que privilegiou na sua composição outro princípio desta gestão do Theatro: o da sustentabilidade. Os mobiliários da mostra foram pensados a partir do reaproveitamento de materiais cenotécnicos antigos, o que envolveu, também, a equipe da Central Técnica da instituição na reflexão sobre a reutilização e a forma de como fazê-la.

Nossos compromissos e princípios foram a costura de todo o processo e, por isso mesmo, o papel da atualização da memória como possibilidade de reconstrução de novas representações sobre a presença negra no Theatro foi determinante na elaboração de um módulo essencial da exposição: o dos depoimentos de profissionais negros de diferentes setores que trabalham ou trabalharam na instituição, o que permitiu muitos encontros de trajetórias que, nas encruzadas da vida, os trouxeram para o Theatro. A emoção é uma dimensão dessa exposição e os depoimentos nos provocam e nos evocam a refletir.

Se, por um lado, a mostra aponta para o futuro quando reúne esses artistas em uma demonstração de excelência, por outro é incômoda para muitos. A competência é inquestionável, ficando para nós o compromisso antirracista de mudar essa história.

**Ana Lucia Lopes**

Gerência de Formação, Acervo e Memória do  
Complexo Theatro Municipal de São Paulo

**CONTA-SE QUE**, aos 6 anos de idade, Joaquim Paulo do Espírito Santo sentou-se diante de um piano pela primeira vez e, surpreendentemente, tocou uma peça inteira. Anos mais tarde, ficaria conhecido como um dos mais renomados pianistas e maestros do Brasil. Com especialidade em correpetição pianística – que consiste em simular toda a orquestra com um único instrumento para ensaiar cantores –, Joaquim era um talento indiscutível. Nasceu em uma família com poucos recursos, na cidade de São Paulo, o que não foi suficiente para impedir que recebesse uma sólida formação musical, estudando com nomes fundamentais da música erudita no Brasil como Eleazar de Carvalho e Magda Tagliaferro.

Além de ter sido maestro preparador no Theatro Municipal de São Paulo e ter regido orquestras em São Paulo e no Paraná, Joaquim apresentou-se em todo o mundo. Ele pode ser visto tocando piano no filme *Alma Corsária*, de 1993. Ele também era uma referência em negro spirituals, gênero musical de origem estadunidense associado ao universo religioso da população negra daquele país. Joaquim é uma das personalidades evocadas na exposição *Presente! – Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*. Seu nome foi identificado em mais de 40 documentos do nosso Centro de Documentação e Memória. Um desses documentos é o Programa das Vesperais Líricas de *Porgy and Bess*, de 1984 (seu nome reaparecendo em 1987 e 2002 nas mesmas vesperais).

*Porgy and Bess* é uma ópera estadunidense composta por George Gershwin em 1935, com libreto de DuBose Heyward e Ira Gershwin. Considerada uma das mais importantes obras do século XX, é conhecida por suas canções populares, como "Summertime" e "It Ain't Necessarily So". A história retrata a vida de moradores negros de um bairro pobre de Charleston, Carolina do Sul, e aborda temas como racismo, pobreza e violência. No Theatro Municipal de São Paulo, a ópera foi apresentada em 1992, com um elenco majoritariamente negro, com destaque para os solistas Brian Gibson e Theresa Hamm. O programa dessa apresentação também esteve presente na exposição, fazendo dezenas de pessoas que viram a ópera nos idos anos 1990 se emocionarem com a lembrança.

São histórias como a do pianista Joaquim Paulo do Espírito Santo e da apresentação da ópera *Porgy and Bess* que fazem de *Presente!* uma exposição necessária: um espaço de ocupação das memórias de mulheres e homens negros que fizeram do Theatro Municipal de São Paulo a casa de espetáculos renomada que é.

Em 1911, por ocasião da inauguração do Municipal, já se sabia da importância fundamental que a instituição teria para a cidade de São Paulo. A construção do edifício, nas cercanias do Viaduto do Chá, catalisou um enorme projeto de urbanização e revitalização da região, abrindo novos caminhos para a cidade que se tornaria, em algumas décadas, a maior da América Latina. Assim, desde seu nascimento, o Municipal ultrapassou as fronteiras das artes musicais e dramáticas, tornando-se monumento e símbolo da vida política e social brasileira. A história cultural e política brasileira teve palco no Municipal, tanto em seu entorno quanto em sua aclamada sala de espetáculos.

A profunda desigualdade racial, que fundamenta a formação brasileira, não apenas constituiu como marcou a história do Municipal. Casa de espetáculos que,

na maior parte do tempo esteve de portas fechadas às classes subalternizadas (entre elas, a população negra), foi também espaço de disputa, tendo sido ocupada, em diversas situações, pelas artes e por artistas negros. Isso, certamente, em função da intensa articulação de grupos, lideranças políticas e da enorme pressão de entidades que, ao longo do século XX, pautaram – como pautam – a luta negra por direitos.

A exposição *Presente!* evidencia essas articulações e redes responsáveis por trazer ao Municipal uma programação com destaque para as culturas afro-brasileiras, cantores, dançarinos e compositores negros e negras. Essa presença, como a pesquisa revelou, foi intermitente, porém constante. Isso demonstra que, embora a instituição nunca tenha efetivamente criado uma política cultural consistente voltada às artes afro-brasileiras, a população negra, por meio de diferentes formas de articulação, disputou e esteve presente no Theatro Municipal, deixando uma marca indelével de rica produção cultural.

A exposição é desdobramento da linha de pesquisa A Presença Negra no Acervo do Theatro Municipal de São Paulo, realizada pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa, desenvolvida em 2022. A pesquisa mapeou mais de 280 documentos presentes no Centro de Documentação e Memória do TMSP que registram diferentes espetáculos, eventos e intervenções políticas que tiveram como protagonistas mulheres e homens negros. São programas de espetáculos, fotografias, borderôs, vídeos, cartazes, partituras, trajes e adereços que documentam essa presença. Uma presença que foi fragmentária e difusa, porém perene. Você pode conhecer esses documentos em detalhe na publicação do nosso índice de fontes *A Presença Negra no Acervo do Theatro Municipal de São Paulo*.

Partindo dessa pesquisa, Ana Lucia Lopes, Anita Lazarim e Rafael Domingos Oliveira propuseram um olhar curatorial que visibilizasse documentos de tamanha riqueza, muitos deles inéditos. Isso só foi possível em razão de uma expografia cenográfica despojada e dinâmica, assinada por Ricardo Muniz Fernandes. Mas, o mais importante: a exposição só aconteceu porque muitas pessoas (muitas mesmo) se envolveram de corpo e alma, pensando cada detalhe, cuidando de cada documento e produzindo uma experiência inesquecível para todos que puderam conhecer essas histórias.

O projeto é uma verdadeira ode ao trabalho coletivo: a exposição é fruto de uma *articulação* entre muitos departamentos, trabalhadores e artistas, com o intuito de evidenciar o protagonismo da população negra na articulação artística e cultural, ocupando o Municipal de tantas e variadas formas.

Esperamos que este registro sirva, antes de tudo, para afirmar a centralidade das histórias contadas. Um exercício de retomada de um dos mais importantes equipamentos culturais do país. Uma provocação para um futuro mais humano e digno, para que nenhuma história seja contada pela metade.

**Rafael Domingos Oliveira**

Coordenação Geral da Exposição e do Núcleo de Acervo e Pesquisa

**A PESQUISA**

Aos pioneiros que com sangue, suor e suas próprias vidas cimentaram o caminho, e a todos os demais que com o mesmo espírito forjam nossos passos futuros, uma certeza: foi e será preciso muita raça para tanto.

Trecho do programa do evento *Troféu Raça Negra 500*  
Theatro Municipal de São Paulo, 8 de abril 2000

**NO ANO DE 2022**, o Theatro Municipal de São Paulo teve como tema da programação Independência e Modernidade, dialogando com as efemérides do centenário da Semana de Arte Moderna e o bicentenário da Independência do Brasil. Nesse contexto de releituras, contraponto crítico e de construção de imaginários artísticos e culturais mais plurais, o Núcleo de Acervo e Pesquisa produziu uma publicação<sup>1</sup> e uma exposição com enfoque na presença negra no Municipal.

A linha de pesquisa sobre essa temática investigou, ao longo de 2022, a contribuição de artistas negros e do repertório afro-brasileiro na programação do Municipal, produzindo amplo levantamento de registros de 285 eventos, abarcando o período de 1915 a 2022, cobrindo mais de um século da programação do Theatro Municipal. Assim, 273 programas de sala foram catalogados e estão disponíveis na íntegra para acesso público no portal de acervo<sup>2</sup>.

A mostra *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo* evidencia trajetórias de sujeitos negros que não estiveram nos holofotes da cena do Municipal, faltando-lhes a devida projeção de suas histórias e de suas contribuições técnicas e artísticas. A mostra exhibe parte da seleção documental realizada pela pesquisa, com diversas tipologias documentais como figurinos, objetos de cena, programas de espetáculos, libretos, fotografias e partituras. Além disso, reuniu depoimentos em vídeo de trabalhadores negros do Theatro Municipal que se dispuseram a compartilhar um pouco das minúcias de seu cotidiano, mostrando suas competências técnicas, experiências, realizações e limitações. Esses vídeos também integram o acervo do Theatro Municipal, como uma amostra da voz e do discurso dos trabalhadores que mantêm o Theatro vivo e operando há 111 anos como um centro de excelência das artes da cena.

<sup>1</sup>A publicação *Índice de fontes: a presença negra no acervo do Theatro Municipal de São Paulo* é um instrumento de pesquisa que convida o público a se aproximar do acervo do Theatro Municipal. Ela apresenta a seleção documental e análises desses documentos. Para acessar a publicação clique no link: [https://theatromunicipal.org.br/wp-content/uploads/2022/12/indice\\_fontes\\_exposicao\\_presente.pdf](https://theatromunicipal.org.br/wp-content/uploads/2022/12/indice_fontes_exposicao_presente.pdf).

<sup>2</sup>Para acessar os documentos catalogados no Portal de Acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, acesse o link: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/acervo-e-pesquisa/>.

Como mobiliário dos expositores de documentos foram utilizadas as caixas pretas de madeira dos cenários da ópera Aida da temporada lírica de 2022, dirigida por Bia Lessa. A escolha do projeto expográfico de Ricardo Muniz Fernandes demonstrou-se exitosa, uma vez que os documentos do acervo do Theatro Municipal foram valorizados, ganhando vida sob o cenário dessa grandiosa ópera. Essas vitrines provocam o olhar do público, conduzindo a leitura dos documentos de forma surpreendente ao apresentá-los ora na vertical, ora na horizontal e nas laterais dos cubos das caixas expositoras. Um conjunto de praticáveis – espécie de tablado de madeira comumente utilizado como solução rápida e eficiente para criar plataformas teatrais – compõe algumas bases de apoio das vitrines. Ou seja, na forma e no conteúdo, *Presente! Presenças negras no Theatro Municipal de São Paulo* deixa evidente as estruturas que levantam o espetáculo: os cenários, a fiação de luz, os nós das cordas que suspendem os manequins com figurinos, antigos refletores de iluminação e alguns objetos outrora ferramentas de trabalho das áreas de visagismo e cenotécnica, representando alguns ofícios dos bastidores do teatro. Essas peças compõem a seleção de objetos de cena da Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri.

Para a paisagem sonora da exposição, Eugênio Lima criou uma trilha com suas mixagens. A base para a criação da trilha foi o concerto de Miles Davis realizado no Theatro Municipal em 1974, em especial a música “Funk Suite 1”. Eugenio Lima produziu texturas de sonoridades com citações, beats, trechos de músicas, canções de protesto africanas, tambores de candomblé e umbanda, pontos sonoros riscados, empregando seu repertório e a textura musical própria de seus trabalhos. A paisagem sonora começa com a reprodução de um breve trecho da faixa “congada” de Francisco Mignone, da ópera *O Contractador de Diamantes*, do Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga, também presente na mostra com o documento de sua partitura autógrafo de 1921, dando início uma sequência de camadas musicais sobrepostas, criando circularidade do som, numa grande mixtape da presença negra do Theatro Municipal.

Assim, como evoca o título, a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo* reúne passado e presente, com fragmentos do hoje registrados nos depoimentos de trabalhadores que atuam no Municipal. Essas vozes estão mescladas com os itens do acervo que, por sua vez, nos convidam a olhar para algumas histórias desconhecidas, permitindo-nos aprofundar e qualificar a compreensão da história da arte e da cultura de São Paulo. A mostra deixa evidente tanto a riqueza histórica e cultural do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo quanto o grande valor da trajetória de sujeitos negros como artistas e técnicos dos bastidores do teatro.

**Anita de Souza Lazarim**

Pesquisadora do Núcleo de Acervo e Pesquisa

AM



VEM DE ÁFRICA!!!  
BUNDA, CAFUNE, CACHAÇA,  
QUITANDA, FUBA, MUVUCA,  
XINGAR, MOLEQUE...  
UMA QUIBUNGA SÓ!!!  
BUNDA, CAFUNE, CACHAÇA,  
QUITANDA, FUBA, MUVUCA,  
XINGAR, MOLEQUE...  
UMA QUIBUNGA SÓ!!!  
UMA QUITANDA SÓ!!!

ONDE VIVE  
A SUA MÃE?!

ONDE VIVE  
A SUA MÃE?!



***PRESENTE!***  
***PRESENCAS NEGRAS***  
***NO THEATRO***  
***MUNICIPAL DE***  
***SÃO PAULO***

**PRESENTE!** *Presenças negras no Theatro Municipal de São Paulo* não quer ser apenas uma exposição historiográfica que evidencia a presença da comunidade negra nos palcos do Theatro Municipal ao longo do século XX – se propõe um libelo sobre a importância e a conquista dessa presença que (r)existe. As encruzas, e sua multiplicação pelo espaço externo e interno da Praça das Artes, se estabelecem como fundamento, como um tempo-espaço em que o movimento, a profusão de possibilidades, histórias e futuros se cruzam inventando um outro mundo, uma outra lógica e sabedoria, oposta ao cogito branco e ocidental. A encruzilhada é a abertura de uma outra forma de ler e interpretar a realidade, para além das dicotomias ocidentais, dos territórios estabelecidos e determinados. A encruzilhada como disputa, luta e jogo, envolta em ritmo e dança, tomando outras referências que não apenas o fato concreto, e buscando para lá do real o encantamento que vive em tudo. Nesse sentido, as três encruzas apontadas, que compõem esta exposição, são aberturas para pensamentos e sentimentos. Elas envolvem e criam espaços não só para a exibição de documentos, figurinos e fotografias presentes em nosso acervo, registros da presença de artistas que compuseram a programação do Municipal de 1915 aos dias atuais, mas também abarca os trabalhadores de diferentes áreas do Theatro e suas memórias. “Suas manhas, suas graças, sua estranha mania de ter fé na vida”, como diz Bituca (Milton Nascimento). A exposição busca desconstruir a ideia de uma história linear, evidenciando bastidores, modos de fazer, improvisos, idas e vindas de um processo histórico que se desenrolou de forma muitas vezes espiralar, contraditória,

até mesmo precária e, ainda assim, perene. Invoca um território em que se misturam imagens, visibilidades e falas, um terreiro poético-político transatlântico. Um lugar quilombo como conceito, como lembrança. Palavras, gritos, cantos e ideologias, como uma existência além do tempo. A expografia proposta é também uma gira, uma mixagem da estética das ruas e dos museus, das quebradas e dos palácios. A Terra como um continente comum a todos os gestos, a toda a criação, clamando pela libertação das regras e de uma história única. Encruzilhadas pela decolonização de um pensar e pela apologia de uma práxis singular existencial. Um ponto de partida, um início, um sem-fim, a provocação de uma história ainda por se fazer.

**Rafael Domingos Oliveira  
e Ricardo Muniz Fernandes**

**SERVIÇO**

De 8/12/2022 a 29/3/2023

Terça a sábado, das 10h às 18h

Praça das Artes

Entrada Gratuita



**LUIZ GAMA, MAESTRO  
GOMES CARDIM E O  
THEATRO MUNICIPAL**

### **QUAL A RELAÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO COM O MONUMENTO DE LUIZ GAMA NO LARGO DO AROUCHE?**

Palco de relevantes eventos artísticos do país, o Municipal também foi utilizado para lutas por cidadania, nas quais diferentes sujeitos e movimentos sociais ocuparam sua programação e suas escadarias em defesa da justiça, da liberdade e da igualdade em diversos momentos políticos do país. A campanha pela construção da Herma a Luiz Gama é um exemplo disso. O espetáculo organizado pelo escritor Lino Guedes, do jornal *O Progresso*, na noite de 28 de fevereiro de 1931, visava angariar fundos para a construção de um monumento em homenagem a um dos maiores abolicionistas do país. Luiz Gama, apesar de ter nascido livre em 1830, foi ilegalmente escravizado pelo pai. Foi autodidata, aprendeu a ler e escrever, tornando-se rábula (advogava sem diploma) conseguindo reunir provas para sua liberdade. Tornou-se um grande intelectual brasileiro, atuando como escritor e abolicionista, conquistando a alforria de centenas de pessoas. A campanha da Herma empenhou-se para que Luiz Gama não fosse esquecido, deixando evidente sua fundamental contribuição para a luta emancipatória. Envolveu diferentes classes sociais, homens e mulheres, pessoas de variados pertencimentos raciais em torno de uma série de atividades como conferências, festivais, bailes, concertos e eventos desportivos. A Herma, de autoria do artista Yolando Mallozzi, foi erguida no Largo do Arouche sobre o pedestal de granito com as seguintes inscrições: “À Luiz Gama. Por iniciativa do Progresso, homenagem dos pretos do Brasil”, “Corporificou todos os [anseios] de um povo infeliz”, “Foi até ao sacrificio por um Brasil sem escravos”. Além do programa do evento da Herma a Luiz Gama, apresentamos a partitura do *Hino da Abolição*, do compositor João Pedro Gomes Cardim, que compôs a obra para a campanha de arrecadação de fundos para Luiz Gama, em 1881. O manuscrito é autógrafa.

**O HINO DA ABOLIÇÃO, DE GOMES CARDIM**  
POR PAULO AUGUSTO CASTAGNA

O *Hino da Abolição*, de João Pedro Gomes Cardim (1832-1918), foi uma das várias composições escritas em diversas cidades brasileiras para as campanhas abolicionistas de Luiz Gama (1830-1882), destinadas a arrecadar fundos para a libertação de escravizados. Com poesia de João Brasil Silvado, aluno da Faculdade de Direito de São Paulo, o *Hino da Abolição* de Gomes Cardim foi cantado pela primeira vez em 20 de agosto de 1881, no Clube Ginástico Português de São Paulo, para estimular os donativos para a Caixa Emancipadora Luiz Gama, fundada no mesmo ano. Ainda que a obra possa ter sido estreada por um pequeno conjunto instrumental, foi publicada, pela editora paulistana Di Franco em 1888, apenas a versão para piano, com a letra à parte. Somente em 23 de fevereiro de 1905 a obra foi orquestrada pelo próprio compositor, em documento autógrafo preservado na Biblioteca do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, hoje em tratamento no Centro de Documentação e Memória da Fundação Theatro Municipal de São Paulo.

PROGRAMA DO ESPETÁCULO DO "PROGRESSO" EM  
BENEFÍCIO DA HERMA A LUIZ GAMA, 1931  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

1921

THEATRO  
MUNICIPAL

Espectaculo do "Progresso"

em beneficio da

**Herma a Luiz Gama**

Patrocinado pelos Exmos. Srs.

*Coronel João Alberto Lins de Barros*, interventor federal - *General Isidoro Dias Lopes*, Commandante da II. Região Militar - *General Miguel Costa*, Secretario da Segurança Publica - *Dr. Luis de Anhaia Mello*, Prefeito Municipal e *Dr. José Carlos de Macedos Soares*, Embaixador do Brasil na Belgica.



**PROGRAMMA**

1.<sup>a</sup> PARTE

I. - Orquestra.

II. - Palavras de apresentação pelo Secretário Geral da Comissão pro-Bernar a LUIZ GAMA.

III. - Conferência pelo Excm. Sr. Dr. J. J. Cardoso de Melo Neto, lente da Faculdade de Direito e ex-Prefeito da Capital do Governo Provisório.

2.<sup>a</sup> PARTE

I. - Albeniz - Suite Espagnole.  
Chopin - Polonaise en la maior - piano  
Corina Ramos.

II. - M. Topynambá:  
a) - Sodalidades de chumbo;  
b) - Girandolas - Canções por Edgard  
Araújo, ao piano, o autor.

III. - Cyro Costa - Paz João  
Castiano Ricardo - Pratinha, declamação  
pela prof. Evangelina Xavier.

IV. - Zeca Ivo - Gancho Velho.  
M. Cardoso - Gancho Negro, pelo hary-  
tuno Max Cardoso.

V. - Marcello Topynambá  
a) - Du bel de ser de vocé  
b) - Esse gostinho que você tem - soa-  
das por Helena de Carvalho.

3.<sup>a</sup> PARTE

**VIGILIA DE PAE JOÃO**  
Entre acto (bailado) de Lino Guedes  
Dançada e S. Bento. - (o Dr. J. Corte de Alencar Soares,  
autor Escholarado no Belgica)

Leram o PROGRESSO

VI. - Lino Guedes  
a) - Ora essa!  
b) - Urucango de Paz João, poesias pelo  
autor.

VII. - J. Sylvestre - Serejada d'antrolra.  
Chopin - Nocturno - Op. 9 n.º 2  
Solos de violino por Mariquita Cândido  
Justo, acompanhada pelo maestro Paulo  
Dias.

VIII. - N. N. - Deixa essa mulher chorar - sam-  
ba - Nestor Clemente da Silva.  
H. P. Costa - O meu sonho não dá valor  
- samba - Henrique Philippe da Costa.  
Acompanhada pela Orquestra Typica Bra-  
sileira «Boa Baixa».

IX. - Zeca Ivo - Nelly  
N. N. - Brasileira

OTHELINSO

X. - Potapio - «Sinho» Romance - Fantasia  
Berg - «Cocetti» - Fantasia Op. 392  
Solos de flauta pelo prof. Vicente de Li-  
ma, ao piano o maestro Norberto Bastos

XI. - Palestra Harmonística, pelo dr. Plínio de  
Castro Fozes.

XII. - Verdi - Miserere (Trovador)  
Nazarah - Odéon - Tango Brasileiro.  
Pou-pou-pou - adaptado ao violão por  
Benedicto Chaves.

PROGRAMA DO ESPETÁCULO DO  
"PROGRESSO" EM BENEFÍCIO DA  
HERMA A LUIZ GAMA, 1931  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES -  
COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO

JOÃO PEDRO GOMES CARDIM (1821-1918)  
HINO DA ABOLIÇÃO, 1881  
PAPEL/MANUSCRITO AUTÓGRAFO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

*Hymno da Abolição por Dom Gordon, dedicado Luiz Gama. Comp. pelo Sr. J. Paulo em 29 de Agosto de 1881.*

M.<sup>te</sup> Marcial  
S. Parahypana orehuiv.

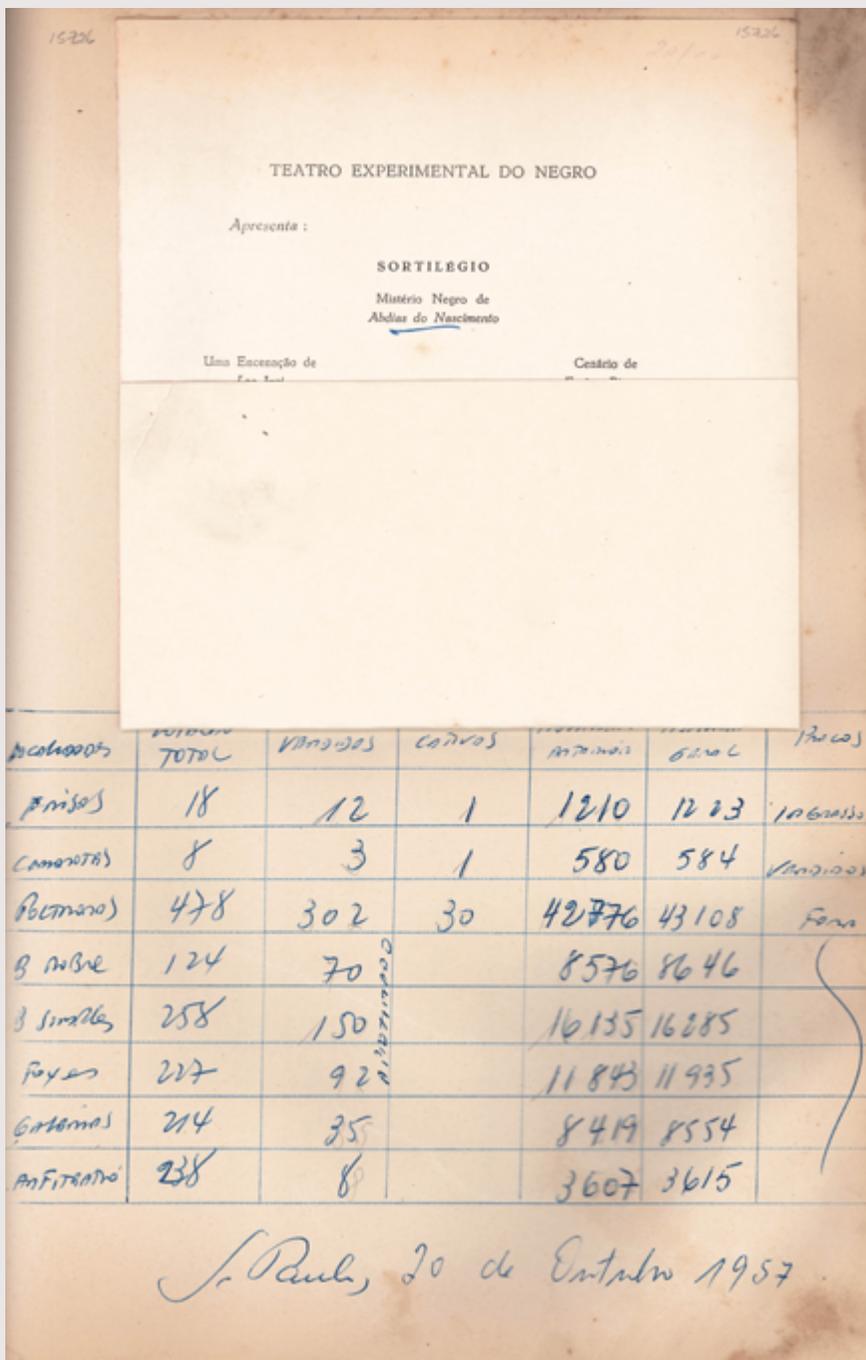
*Foy cantado pelo Sr. Paulo em 29 de Agosto de 1881*

*Requiem da celebração para o Aniversário Nacional do Brasil*  
*de 15 de Novembro*  
*de 1950*

Requiem  
Vozes  
Flauta  
3<sup>as</sup> Clarinetas  
3<sup>as</sup> Trompas  
3<sup>as</sup> Trombones  
Trombeta  
Trombeta  
Trombeta  
Corno  
Bateria

**TEATRO  
EXPERIMENTAL DO  
NEGRO NO MUNICIPAL**

**“SORTILÉGIO** é um pouco da carne e do sangue da biografia de um negro. Poderia acrescentar: da biografia de toda uma geração de brasileiros de cor”, disse Abdias do Nascimento ao *Correio Paulistano* em 9 de outubro de 1957. Naquele ano, em 20 de outubro, o Theatro Municipal de São Paulo recebeu a peça *Sortilégio, Mistério Negro*, de Abdias do Nascimento, do Teatro Experimental do Negro (TEN). Escrita em 1951, censurada em 1953 e encenada em 1957, a peça apresentou talentosos atores como protagonistas de um texto de alta envergadura trágica. A peça teve apresentação única e foi registrada em um livro de borderô. **E qual seria a importância de um borderô como documento histórico?** No caso do Theatro Municipal de São Paulo, os borderôs registram tanto o fluxo de caixa quanto de público das apresentações, ou seja, a quantidade de ingressos comprados, assentos utilizados e valor arrecadado, o que nos permite, entre outras coisas, entrever a composição de classe da plateia naquele dia. Alguns dos borderôs contam com a ficha técnica e o repertório da apresentação.



BORDERÔ DO ESPETÁCULO SORTILÉGIO, APRESENTADO PELO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO, 1957  
PAPEL/IMPRESSO E MANUSCRITO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



**TEATRO POPULAR  
BRASILEIRO  
NO MUNICIPAL**

**EM 13 DE MAIO DE 1968**, nos 80 anos da Abolição, o Teatro Popular Brasileiro trazia para o Municipal uma apresentação com jongo, frevo, maracatu, lundu, congada... Naquela data, também completava 18 anos a companhia, que nasceu a partir dos caminhos abertos pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), criado nos anos 1940, por Abdias do Nascimento, com a proposta de um repertório da dramaturgia clássica com pessoas negras como protagonistas, opondo-se à presença secundária e caricata do sujeito negro na cena teatral brasileira. A partir da companhia de Abdias surgiram algumas dissidências, como o Teatro Popular Brasileiro e o Teatro Folclórico Brasileiro, que também ofereceram protagonismo e visibilidade para o sujeito negro e sua trajetória no Brasil. Com uma dramaticidade marcada pela dança e pela música, voltaram-se para as religiosidades e as manifestações artísticas, culturais e tradicionais afro-brasileiras. Mas fica um questionamento: **para além da data da celebração da Abolição, no restante do ano, quantas vezes pessoas negras subiram ao palco do Teatro Municipal como protagonistas?**



PROGRAMA DO ESPETÁCULO  
BRASILEANA, APRESENTADO  
PELO TEATRO FOLCLÓRICO  
BRASILEIRO, 1956  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

AUTOR DESCONHECIDO  
TEATRO FOLCLÓRICO  
BRASILEIRO, 1956  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
AGÊNCIA ESTADO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO





# Teatro Municipal

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



temporada 1968

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

São Paulo, 13 de Maio de 1968 — às 21 horas  
 PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
 SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
 DEPARTAMENTO DE CULTURA  
**ESPETÁCULO FOLCLÓRICO**  
 comemorativo ao  
**80.º ANIVERSÁRIO DA ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS  
 NO BRASIL**  
 a cargo da  
**TEATRO POPULAR BRASILEIRO**  
 sob a direção geral de  
**SOIANO TRINDADE**  
**PROGRAMA**  
 La Parto

1.º quadro — **SENZALA** — Formas de São Paulo.  
 CAPOEIRAS DE ANGOLA — Música de Capela  
 JUNGUÁ MINEIRO — Dança do folclore brasileiro.

2.º quadro — **FREGES DO RECIFE** — Fregues do folclore pernambucano em  
 formas de São Paulo Trindade.  
**FREVO** — Dança do Populário Nacional.

3.º quadro — **MARACATU** — Folclore pernambucano.  
 Formas de São Paulo Trindade.  
 Música de Capela — J. Ayres — Irindes Valença  
 La Parto

1.º quadro — **LUNDO E SAMBA DE BODA DA BARRA** — Música, canto e coreogra-  
 fia do Populário Nacional.

2.º quadro — **SAMBA LENÇÓ PAULISTA** — Música, canto e coreografia do folclore de São Paulo.

**CONGADA DE POÇOS DE CALDAS** — Música, canto e coreogra-  
 fia do folclore de São Paulo.

**JOANA BARRA** — Quadro de BUMBÁ-MEU-BÓI de Pernambuco.

3.º quadro — **CANDOMBLÉ** — Organização coreográfica de São Paulo Trindade e  
 Marlene Nascimento.  
 Música e canto do Populário Afro-Brasileiro.

de sua table servida  
 para convívio,  
 todos os anos, celebra-se em

**PRATA MERIDIONAL**

popular brasileira que dos origens ao nome  
 «FREVO».

**MARACATU** — Os escravos também ti-  
 nham sua alegria e sua vida de festa;  
 com a permissão do senhor, festejavam, sim-  
 bolicamente a comemoração de seu Rei-Congo,  
 com canto e dança. Esse festejo teve sua  
 origem a mais um gênero de canto e dança  
 cujo nome «MARACATU» ainda se desenvol-  
 veu a origem e significado. Foi tratado de  
 fidelidade em homenagem a um Rei-  
 Congo, profeta ou negro realista. No  
 25 de dezembro, data da construção do  
 monumento do Rei São João. Mas, por  
 questões puramente racistas, os negros não  
 impediram de girar as ruas no Natal sob  
 o argumento de que comemorari a honra-  
 gem a Congo, rei negro e Negro e Cristo.  
 O «Monumento brasileiro» para o 6 de ja-  
 neiro dia dos Reis Negro, mas os costumes  
 ficaram ao cardeal. Hoje, em Recife e  
 Maranhão é dançada por pessoas escravas,  
 quase totalmente de negros em presença or-  
 questra de gonzalez.

**LUNDO** — Dança rural, cantada, de  
 origem africana. Foi através de bondé que  
 os brancos brasileiros tiveram as primeiras  
 notícias e participaram em festas negras.  
**SAMBA DE BODA DA BARRA** — **NANDA  
 LENÇÓ PAULISTA** — Várias modalidades  
 de danças tradicionais no Brasil pelo ne-  
 gro escavo, enfeitadas sob a denomina-  
 ção geral de SAMBA. A distinção entre-  
 ta é apenas pelas diferentes maneiras de se-  
 res dançadas. Quando em roda, tem-se, res-  
 tito, o «Samba de Rodas» que foi comum na  
 Bahia.

Em São Paulo, o samba também foi dan-  
 çado em características típicas europeias. Pou-  
 co do tempo, que serviu ao intuito, quan-  
 do dançada, sempre a nome de **SAMBA  
 LENÇÓ PAULISTA**.

**CONGADA DE POÇOS DE CALDAS** —  
 Dança coletiva de negros em homenagem  
 das Boas de Congo. Não demonstram fol-  
 clorismo africano, mas que se apresentam conga-  
 das, há sempre de falar no negro, folclore  
 mistico. A Congada, provavelmente nasceu  
 em Poços de Caldas — Minas Gerais, mas,  
 também, foi dançada em alguns Estados do  
 Nordeste.

**JOANA BARRA** — O «Bumba-meu-bó»  
 tem por tema central a morte e a consorça-  
 ção

de casamento do Rei. O espetáculo não se  
 prende apenas a esta característica — é  
 errada de espírito escravista não escava-  
 riam, mas dedicados da ação principal. O  
 Rei não fala, mas, em cada lugar, surge  
 personagem e qualifica não acrescentada com  
 objetivo tanto de prolongar e variar a  
 brincadeira.

**Joana Barra** é um quadro clássico do  
 «Bumba-meu-bó» da Bahia. É a história de  
 uma mulher pobre que casou com um  
 boquiço. Ao surgir na rua com sua  
 noiva de uma cidade, causa curiosidade  
 a quanto a sua vida. O espetáculo alonga  
 ao desenvolvimento da festa que termina sua  
 filha a reintroduzir com Joana Barra.

**CANDOMBLÉ** — Canto negro da Reli-  
 gião africana em câmbio e acompanhada  
 com o tamborim. De estilo participativo  
 o Rei do Candomblé, o líder do câmbio, re-  
 presentam espiritual e moral da vida, e os  
 «Folhos de Sombro» — cada um sob a pro-  
 teção sua ou Bahia: —

**ECU** — Dança de rua, em espírito que  
 como criado dos OIGAS, tanto pode fazer  
 o bem como mal, indolentemente, de-  
 pendendo da vontade do invocante.

**OGUM** — Dança de guerra, se representa  
 por seus instrumentos: pil, machado, va-  
 lumbas sempre com uma espada na mão.

**COXOMBÉ** — Dança de dança, três cora-  
 ções instrumentais de caxex, xaxé, xaxé,  
 xaxé e xaxé.

**YAKU** — Dança de Xaxé, se identi-  
 fica com São João Batista. Controla as  
 tripulantes, surge sempre com sua es-  
 pada na mão.

**XANGÔ** — Dança dos Baile e dos Tri-  
 ves. Ocorre primeiro contra os portões  
 do meu tempo. Um só machado com  
 vara.

**OGUM** — Dança das fútes e dos refú-  
 tes, se identifica com S. João das Chadelas.  
 É uma dança mística.

**ONTELÉ** — Dança da Divindade e o mudi-  
 co dos negros. Tive sempre um grupo de  
 dança que lhe dá o nome e São  
 onela a face.

**OXALA** — Indentificado como Senhor  
 do Bonfim, no Candomblé, o culto é Di-  
 vino Espírito Santo e considerado como  
 o pai de todos os Orixás.

**TEATRO MUNICIPAL**  
 em revista

**Ribeiro - publicidade e editora Ltda.**  
 REDAÇÃO — ADMINISTRAÇÃO — PUBLICIDADE  
 Armêda Ipiranga, 795 — La Andar — Conjunto 181 — Fone: 37-4841 — São Paulo

PROGRAMA DO  
 ESPETÁCULO FOLCLÓRICO  
 COMEMORATIVO AO 80.º  
 ANIVERSÁRIO DA ABOLIÇÃO  
 DOS ESCRAVOS NO BRASIL,  
 APRESENTADO PELO TEATRO  
 POPULAR BRASILEIRO, 1968  
 PAPEL/ IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
 E MEMÓRIA DO THEATRO  
 MUNICIPAL DE SÃO PAULO



**ANIVERSÁRIO DA ADOLESCÊNCIA ESCRAVA**  
 em homenagem ao  
**TEATRO POPULAR BRASILEIRO**  
 com o espetáculo especial de  
**LIZIANO TRINDADE**  
 La Fama

**LIZIANO TRINDADE**  
 La Fama

São Paulo, 15 de Maio de 1968 — de 21 horas  
 comemorativa do aniversário de 20 anos de fundação  
 da Associação de Estudantes de Cultura  
 Dramática Brasileira sob o patrocínio  
**ESTRUCÇÃO POLICÊNICO**

apresentação de  
**ANIVERSÁRIO DA ADOLESCÊNCIA ESCRAVA**  
 em homenagem ao  
**TEATRO POPULAR BRASILEIRO**  
 com o espetáculo especial de  
**LIZIANO TRINDADE**  
**PROGRAMA**

1ª sessão — **SENZALA** — Fragmento de O Quilombo de Guarani  
**LAZARUS DE ANJARA** — História de Guarani  
**RAÍZES DO NORTÃO** — Fragmento de O Quilombo de Guarani  
 2ª sessão — **FRASCO** — Fragmento de O Quilombo de Guarani  
**MIGALHAS** — Fragmento de O Quilombo de Guarani  
 3ª sessão — **LENDAS E CANÇÃO DE BOMBA DA BARRA** — Música, dança e teatro  
 4ª sessão — **SANHA LINDA PAULEIRA** — Música, dança e teatro  
**SONGUEIRA DE FOGOS DE CALDAS** — Música, dança e teatro  
**MASSA BOLA** — Quadrilha apresentada no Teatro "Tróvão" e  
 5ª sessão — **CANTAGUELO** — Apresentação apresentada no Teatro "Tróvão" e

O que  
 faz  
 a diferença

De cada coisa possível  
 que podemos  
 fazer de cada coisa possível.

**PRATA MERIDIONAL**

**TEATRO MENSUAL**  
 Ribeira - publicidade e editora Ltda.  
 Avenida Ipiranga 100 - La Salle - Curitiba 90 - Fone: 33.400 - São Paulo

**PENHA PIETRA'S**

**NATURAL DE PASSOS, MG**, Francisca da Penha Santos (1949-2021) ou Penha Pietra's, como era conhecida, foi atriz, diretora, coreógrafa, professora de dança e uma das mais conhecidas bailarinas negras da cidade de São Paulo. No Brasil participou como discente de diversos grupos de dança e teatro como a Escola Municipal de Dança do Rio de Janeiro (RJ), Escola de Bailados do Theatro Municipal de São Paulo (SP), Escola de Dança Ruth Rachou (SP) e Ballet Stagium (SP). Angariando extenso currículo profissional, Penha Pietra's fundou, no ano de 1982, com Roberto Regensteiner, do grupo de teatro Os 16 Meninos da 13 de Maio, que recebia crianças, em sua maioria do bairro do Bixiga, entre a faixa de 6 e 16 anos, para a formação sociocultural nas artes cênicas. Ao longo dos anos, o grupo recebeu diversas premiações, como o Prêmio Mambembe (1987) e a Concorrência Fiat (1989), este último pelo espetáculo *Vai Passar*, estreado no Theatro Municipal de São Paulo. Em 1992, tendo Penha Pietra's como coreógrafa, Os 16 Meninos da 13 de Maio participaram do espetáculo (*ZERO*)<sup>2</sup>, do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), realizado no período de 24 a 27 de abril também no Municipal. No mesmo ano, um documentário sobre o grupo, dirigido por Roberto D'Ávila, foi finalista no 33º Festival de Cinema e Televisão de Nova York. Através de seu trabalho como educadora ligada à dança, Penha Pietra's notabilizou-se pela criação de um método próprio de ensino do balé, focado no direito à arte e cultura, formando uma geração de artistas. Em 2021, Penha Pietra's foi vítima da pandemia de Covid-19 e seu acervo foi doado por amigos e familiares ao Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal. Em 2023, este acervo passará por tratamento documental para ser disponibilizado para consulta pública.



AUTORIA DESCONHECIDA  
PENHA PIETRA'S EM GRAVAÇÃO  
DO DOCUMENTÁRIO SOBRE OS  
16 MENINOS DA 13 DE MAIO, 1990

FOTOGRAFIA  
PAPEL / GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



AUTORIA DESCONHECIDA  
PENHA PIETRA'S, S.D.  
FOTOGRAFIA  
PAPEL / GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO





AUTORIA DESCONHECIDA  
APRESENTAÇÃO DO  
GRUPO OS 16 MENINOS  
DA 13 DE MAIO, S.D.  
FOTOGRAFIA  
PAPEL / GELATINA E PRATA  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



AUTORIA DESCONHECIDA  
PENHA PIETRA'S E SEUS ALUNOS NA FUNDAÇÃO  
ESTADUAL DO BEM-ESTAR DO MENOR - FEBEM, 1984  
FOTOGRAFIA  
PAPEL / GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO  
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



AUTORIA DESCONHECIDA  
GRUPO OS 16 MENINOS DA 13 DE MAIO EM APRESENTAÇÃO DO  
ESPETÁCULO VAI PASSAR NO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1989  
FOTOGRAFIA  
PAPEL / GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO



PROGRAMA DO ESPETÁCULO FILHOS DOS SEM TERRA, APRESENTADO PELO GRUPO OS 16 MENINOS DA 13 DE MAIO, BELFORT (FRANÇA), 1998  
PAPEL / IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

# "16 Meninos da 13 de Maio"

Groupe d'enfants Brésiliens



## GALA DE SOLIDARITE

Organisé en collaboration avec:

CIE GEC ALSTHOM BELFORT  
Ecole Raymond AUBERT B

Centre Culturel Résidences Bellevue BELFORT  
20 février 1998 à 20 h 00

**BON DE SOUTIEN** : 30 F - 20F (moins de 14 ans)

THEATRO MUNICIPAL  
DE  
SÃO PAULO

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

(Zero)<sup>2</sup>

TEATRO COREOGRÁFICO DE  
JOHANN KRESNIK

BASEADO NO ROMANCE 'ZERO' DE  
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO



BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

(Zero)<sup>2</sup>

TEATRO COREOGRÁFICO DE  
JOHANN KRESNIK

BASEADO NO ROMANCE 'ZERO' DE  
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Encenação, direção e coreografia: Johann Kresnik

Livro e dramaturgia: Henry Thoreau

Coreografia e figurinos: J.C. Santos

Figurinos sonoros: Paulo Soares

Coreografias musicais estabelecidas por Johann Kresnik, Henry Thoreau e Ignácio de Loyola Brandão

Assistentes de direção: Annette Farnsworth, Zsófia Hódolat e Murilo Rêka

Assistentes de coreografia: Eliza Razouk, Jairo Satta e Hugo Travençolo

#### DISTRIBUIÇÃO

Rosa 1: Raul Campos

Rosa 2: Elton Adriano

Rosa 3: Adriana Almeida

Os demais Rosas: Ana Verônica Coutinho,  
Andréa Maia, Cibúlia Decara, Mariana Grass,  
Mônica Kodato

João 1: Raymundo Costa

João 2: Riki Morais

João 3: Maurício Ribeiro

João 4: Maurício Christyan

O jovem João: Wellington Rodrigues

Os demais Joãos: Ineu Maravachio,  
Maurício Oliveira, Nelson Soares, Rogério Maia

Papa: Ineu Maravachio

Presidente: Luis Fernando Bongiovani

Esposa do presidente: Lila Shaw

Mãe: Yara Marcelo Orens

Os: Nelson Soares

Carlos Lopes: Milton Kennedy

Filho de Carlos Lopes: Veruška Campos

Armaduras: Andréa Maia

Pedro Rodrigues: Luis Fernando Bongiovani

Filha de Pedro Rodrigues: Maria César

Repórter Mattone: Luis Fernando Bongiovani

Mulher do Outdoor: Mônica Maia

Equipe de guarda: Mônica Maia,  
Maurício Christyan, Milton Kennedy,  
Nelson Soares, Rogério Maia

Armaduras: Maurício Oliveira,  
Ineu Maravachio

Casal: Mônica Maia, Rogério Maia

Bornes de carga: Luis Fernando Bongiovani

Jovem da cadeia de rodas: Tania Vituloff

Equipe de dentadura: Cibúlia Decara

Negro: Marcelo Ilvo

Segurança: Maurício Christyan

Osque: Maurício Christyan

Pedro: Rogério Maia

Ign-Sha: Mônica Maia

Corredores do anel: Thais Araújo

Operários, homens dos botões, pessoas  
procurando emprego, viciados, jornalista,  
grifei and boys, madonnas, salvadores,  
vendedores de crianças, contínuos, toques,  
marginais, grávidas: Adriana Almeida,  
Alexandra Fagari, Ana Verônica Coutinho,  
Andréa Maia, Cibúlia Decara, Elton Adriano,  
Ineu Maravachio, Riki Morais, Lila Shaw,  
Luis Fernando Bongiovani, Lumina Miranda,  
Mariana Grass, Marcelo Orens, Mariana Grass,  
Maria César, Maurício Christyan, Maurício  
Oliveira, Maurício Ribeiro, Milton Kennedy,  
Mônica Kodato, Mônica Maia, Nancy

Bongiovani, Nelson Soares, Raymundo Costa,  
Rogério Maia, Silvia Machado, Suzana Mattos,  
Tania Vituloff, Tassiana Steveschi

Crônicas: Ana Paula Nassis, Elma Rangil

Rodrigues, Everton Esteves, Mariana Alves dos  
Santos, Mariana Alves dos Santos, Michele  
Cristina Martins, Thais Cardoso Araújo Galvão,  
Tatiana Centes, Veruška Galvão, Veruška  
Campos, Wellington Augusto A. Rodrigues

(Papel Poesia e Roberto D'Ávila, Grupo 18  
Meninos de 13 de Maio)

Fig do Papa: Wellington Rodrigues

Vozes em off: Ignácio de Loyola Brandão e  
Francisco Medeiros

Músicas do Papa e do Onco: Gipo e Vilas

Adaptado: J.C. Santos e assistentes

Pintura de Arte: Juremal Inano

Cenário Arquitetado: Luis Rossi

Encenação e montagem de cenário: Equipe do  
Teatro Municipal e Osvaldo Latorre

Encenação das figurinas: Equipe do Teatro  
Municipal e Alca Correas

Assistentes de coreografia e figurinos:

Elene F. Lusi, Gisela Bongiovani, Sônia Faria,  
Mônica Santoni, Tairani Helen, Viana Oliveira,  
Yasica Antunes



PROGRAMA DO ESPETÁCULO (ZERO)<sup>0</sup>  
– BALÉ DA CIDADE  
DE SÃO PAULO, COM  
A PARTICIPAÇÃO  
DO GRUPO OS 16  
MENINOS DA 13 DE  
MAIO, ABRIL DE 1992  
PAPEL / IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO  
THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO

PROGRAMA DO ESPETÁCULO O QUE!!!, ESTREADO  
PELO GRUPO OS 16 MENINOS DA 13 DE MAIO NO  
TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA – TBC, 1982  
PAPEL / IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO  
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.



**"16 Menores de 13 de Maio"**  
Grupo d'ensino Brasileiro



**SALA DE SOLIDARITE**

Associação Cultural  
de São Paulo - SP  
Rua...  
Cidade...  
São Paulo - SP

BOM DE BOUTON 307 200 (antes de 1980)



Uma música de  
**HILTON N  
FERNAND**



**ALVIN AILEY NO  
MUNICIPAL E OS  
NEGROS NO BALÉ**

**NA DÉCADA DE 1970, quais eram as cores de uma sapatilha de balé à venda?** Alguns podem dizer, “tom de pele”. Mas de qual pele? Em 1978, a companhia Alvin Ailey American Dance Theater, com 20 anos de trajetória, chegava ao Brasil para se apresentar no Theatro Municipal. Já naquele momento, o grupo de 23 bailarinos dirigido por Alvin Ailey se destacava como um dos mais importantes do cenário mundial. Em 15 de junho daquele ano, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiava que a companhia apresentaria em terras brasileiras sua concepção de dança moderna com coreografias inspiradas em “temas negros norte-americanos a partir do blues, dos spirituals e dos Evangelhos pregados nas igrejas negras do sul dos Estados Unidos”. O programa dessa apresentação conta com variadas e belíssimas fotografias do grupo que, formado majoritariamente por artistas negros, suscita questionamentos, para além do contexto estadunidense, sobre **qual é o lugar ocupado (ou não) por artistas negros no balé?**



# A COMPANHIA

**Charles Adams** (Washington) atendeu e atuou no Repertório Dance Company da sua nativa Washington, atuando à companhia de Alvin Ailey no verão de 1974.

**Sarita Allen** (Albany) - Coreografa suas aulas de dança em sua cidade natal, Escoclanville, em o Palácio Baker e Mary Stuart Theatre Escoclanville. Como bailarina atuou no Dance Theatre do Harlem e no American Dance Center (a escola oficial do Alvin Ailey). Como integrante do Alvin Ailey Repertório Washington apresentou no espaço de CBS-TV "Alvin Ailey Celebrates Ellington".

**Marilyn Banks** (Orlando, FL) - Formou-se em dança na Juilliard School. Foi sua primeira performance em 1974 no Fred Benjamin Dance Company. Atuou no Broadway, atuando e se apresentando pela dança no Alvin Karpis Community Center. Também trabalhou nas companhias de Claudi Darius, Mose Donatovic e Glen Brown.

**Enid Britten** (Philadelphia) - Teve sua primeira aula de dança aos 10 anos, em 1914, em sua cidade natal. Após estudar em D.C., voltou à Philadelphia, onde dançou dois anos com o Philadelphia Ballet. Antes de ingressar em Alvin, dançou também com o La Jolla (Califórnia) Dance Company.

**Alistair Butler** (Chelmsford) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Masazumi Chaya** (Osaka) - estudou ballet clássico no Japão onde aprendeu sua técnica ancestral para TV. Coreografa e ensina dança moderna em Tóquio, Japão. Antes de ingressar na companhia de Alvin Ailey, dançou com o Dance Repertory Company.

**Ronni Favors** (Cleveland) - Estudou sua técnica com a Companhia Alvin Ailey na Universidade de Iowa e no National Music Camp, Michigan, onde estudou sua técnica para coreografia com estudos no período com. Em 16 anos de sua vida coreografou e ensinou e Alvin Ailey Repertório Escoclanville, onde dançou durante mais de 1 ano, e também, como bailarino no American Dance Center.

**Nicky Harrison** (Philadelphia) - Dançou com a Companhia Alvin Ailey desde sua graduação, onde foi a primeira bailarina coreógrafa de 16. Em Philadelphia, ensinou como Marlene Crippin e com o Performance Ballet. Sua técnica foi com Nicky com seis grandes bailarinos de Philadelphia.

**Judith Jamison** (Philadelphia) - Estudou em dança no Instituto de Arte de Chicago em 1954, onde se tornou professora em 1974 no Fred Benjamin Dance Company. Atuou no Broadway, atuando e se apresentando pela dança no Alvin Karpis Community Center. Também trabalhou nas companhias de Claudi Darius, Mose Donatovic e Glen Brown.

**Steve Jones** (Philadelphia) - Teve sua primeira aula de dança aos 10 anos, em 1914, em sua cidade natal. Após estudar em D.C., voltou à Philadelphia, onde dançou dois anos com o Philadelphia Ballet. Antes de ingressar em Alvin, dançou também com o La Jolla (Califórnia) Dance Company.

**Melvin Jones** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Melvin Jones** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Melvin Jones** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

(Cleveland) - Estudou sua técnica com a Companhia Alvin Ailey na Universidade de Iowa e no National Music Camp, Michigan, onde estudou sua técnica para coreografia com estudos no período com. Em 16 anos de sua vida coreografou e ensinou e Alvin Ailey Repertório Escoclanville, onde dançou durante mais de 1 ano, e também, como bailarino no American Dance Center.

(Philadelphia) - Dançou com a Companhia Alvin Ailey desde sua graduação, onde foi a primeira bailarina coreógrafa de 16. Em Philadelphia, ensinou como Marlene Crippin e com o Performance Ballet. Sua técnica foi com Nicky com seis grandes bailarinos de Philadelphia.

(Philadelphia) - Estudou em dança no Instituto de Arte de Chicago em 1954, onde se tornou professora em 1974 no Fred Benjamin Dance Company. Atuou no Broadway, atuando e se apresentando pela dança no Alvin Karpis Community Center. Também trabalhou nas companhias de Claudi Darius, Mose Donatovic e Glen Brown.

(Philadelphia) - Teve sua primeira aula de dança aos 10 anos, em 1914, em sua cidade natal. Após estudar em D.C., voltou à Philadelphia, onde dançou dois anos com o Philadelphia Ballet. Antes de ingressar em Alvin, dançou também com o La Jolla (Califórnia) Dance Company.

(Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

(Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Mari Kajiwara** (New York) - Graduada com honras pela High School of Performing Arts, já se apresentou com o Broadway Ballet Dance Company e Glen Taylor. Mas trabalhou como bailarina do Alvin Ailey, já tendo apresentado suas aulas em suas coreografias.

**Keith McDaniel** (Chicago) - Já ingressou com o Alvin Ailey Repertório Escoclanville com o Alvin Ailey Dance Center Washington, já tendo trabalhado em apresentações em países de outros países como bailarino e coreógrafo em sua cidade natal. Em 1971, atuou com o Alvin Ailey American Dance Theater.

**Jodi Moccia** (New York) - Trabalhou como bailarina e em coreografia para a TV enquanto era bailarina de dança no High School of Performing Arts, em NY, onde recebeu o título de Paris. Coreografa como bailarina em companhias Alvin, quando não dirige a terna "Four Dances in Three Acts" de Nigel Thomson, para o New Metropolitan Opera.

**Steve Mones** (New York) - Coreografa e ensina dança como coreógrafo de dança moderna, em 1955, em NY, no seu próprio grupo "Four Dances in Three Acts" dirigido por Alvin Ailey. Mones está que ensina dança para bailarinos de coreografia, por isso ele e sua mulher, Kathryn, tiveram sua casa em Spring Point.

**Milton Myers** (Kansas) - Coreografa sua técnica de bailarino no Conservatório de Kansas. Já se apresentou com as companhias de George Urban, Fred Benjamin e Walter Hicks. É coreógrafo profissional de dança tanto quanto bailarino, já tendo coreografado para grandes companhias nos nomes Berlin, Be-Glenn e Alvin Company.

**Milton Myers** (Kansas) - Coreografa sua técnica de bailarino no Conservatório de Kansas. Já se apresentou com as companhias de George Urban, Fred Benjamin e Walter Hicks. É coreógrafo profissional de dança tanto quanto bailarino, já tendo coreografado para grandes companhias nos nomes Berlin, Be-Glenn e Alvin Company.

**Milton Myers** (Kansas) - Coreografa sua técnica de bailarino no Conservatório de Kansas. Já se apresentou com as companhias de George Urban, Fred Benjamin e Walter Hicks. É coreógrafo profissional de dança tanto quanto bailarino, já tendo coreografado para grandes companhias nos nomes Berlin, Be-Glenn e Alvin Company.

**Michihiko Oka** (Osaka) - Formou-se na Nihon University, do Japão. Foi sua primeira performance no palco no "Lago dos Cisnes" com o Alvin Ailey. Antes de se juntar à companhia, ensinou e Alvin com o Instituto Canter e Geneva.

**Carl Paris** (Chicago) - Foi bailarino para o Dance para seu primeiro ano acadêmico em 1955. Sua primeira aula de dança foi em 1971 e em 1974, já se apresentou nas companhias de Marlene Crippin, Glen Brown, Paul Lang, Mary Anthony e George's Advance Dance Company.

**Maxine Sherman** (Philadelphia) - Foi sua primeira aula de dança com o Alvin Ailey American Dance Theater no último semestre da companhia. Já se apresentou com Alvin Ailey Dance Center Washington. Atuou em Baltimore, Virgínia, apresentando sua técnica no National Academy of Arts onde se apresentou como bailarina.

**Beth Shorter** (New York) - Graduada no High School of Performing Arts, Califórnia de Fred B. White Dance School, foi coreógrafa do George Washington University e do Rockman Ballet. É coreógrafa e bailarina Paris Shorter.

**Estelle Spurlock** (Chicago) - Foi sua primeira aula de dança em 1955, em sua cidade natal. Após estudar em D.C., voltou à Chicago, onde dançou dois anos com o Chicago Ballet. Antes de ingressar em Alvin, dançou também com o La Jolla (Califórnia) Dance Company.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Carl Paris** (Chicago) - Foi bailarino para o Dance para seu primeiro ano acadêmico em 1955. Sua primeira aula de dança foi em 1971 e em 1974, já se apresentou nas companhias de Marlene Crippin, Glen Brown, Paul Lang, Mary Anthony e George's Advance Dance Company.

**Maxine Sherman** (Philadelphia) - Foi sua primeira aula de dança com o Alvin Ailey American Dance Theater no último semestre da companhia. Já se apresentou com Alvin Ailey Dance Center Washington. Atuou em Baltimore, Virgínia, apresentando sua técnica no National Academy of Arts onde se apresentou como bailarina.

**Beth Shorter** (New York) - Graduada no High School of Performing Arts, Califórnia de Fred B. White Dance School, foi coreógrafa do George Washington University e do Rockman Ballet. É coreógrafa e bailarina Paris Shorter.

**Estelle Spurlock** (Chicago) - Foi sua primeira aula de dança em 1955, em sua cidade natal. Após estudar em D.C., voltou à Chicago, onde dançou dois anos com o Chicago Ballet. Antes de ingressar em Alvin, dançou também com o La Jolla (Califórnia) Dance Company.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

**Clive Thompson** (Chicago) - Dançou no Balletto para as Crianças em Atlanta onde decidiu se por se bailarino. Sua primeira performance foi com o "Dance Ballet Danco" em Boston. Antes de se juntar à companhia, dançou com Alvin Farnham e o Instituto Canter e Geneva.

J. PETER HAPPEL  
APRESENTAÇÃO DA COMPANHIA ALVIN AILEY, 1963  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO





ALVIN AILEY  
AMERICAN DANCE THEATER

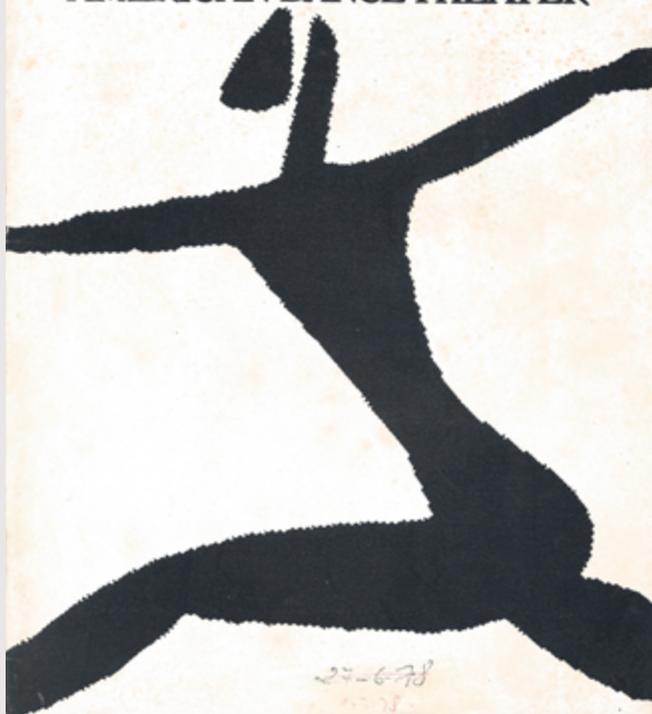
PROGRAMA DO APRESENTAÇÃO DA  
COMPANHIA ALVIN AILEY AMERICAN  
DANCE THEATER, PARA A ABERTURA  
DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE  
MÚSICA E DANÇA DE 1978, 1978  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO

ALVIN AILEY



# ALVIN AILEY

## AMERICAN DANCE THEATER



### ALVIN AILEY

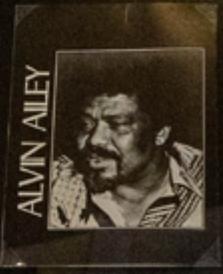
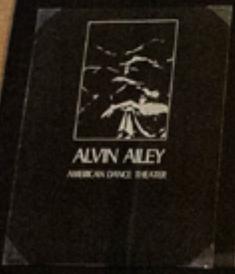
#### AMERICAN DANCE THEATER

ABERTURA DO FESTIVAL INTERNACIONAL  
DE MÚSICA E DANÇA DE 1978

PATROCÍNIO  
EMBAIXADA AMERICANA  
E  
AGÊNCIA DE COMUNICAÇÃO  
INTERNACIONAL DOS  
ESTADOS UNIDOS

PROMOÇÃO  
AULIS PROMOÇÕES LTDA.

S. PAULO, 1977/78. 98 81 horas



ALVIN AILEY  
AMERICAN DANCE THEATRE

ALVIN AILEY  
AMERICAN DANCE THEATRE

**NA DÉCADA DE 1970, OS AÍAS ERAM AL**  
Alguns podem pensar, talvez do jeito errado, que Alvin Ailey American Dance Theatre, com seu repertório de dança afro-americana, se apresentava no Teatro Municipal dirigido por Alvin Ailey se destacava mundial. Em 15 de junho daquele ano, o conselho apresentaria em terras mineiras coreografias inspiradas em "Tombas espirituais e dos Evangelhos perdidos". O programa dessa apresentação ao grupo, que formado majoritariamente por bailarinos negros no Brasil?

... CADEN  
... RODAM  
... OS TERN  
... DE CAM  
... BOM  
... LACK  
... CAMARAD  
... other limit  
... DIRECA  
... MICE B...

A COMPANHIA

...



... CORES DE UMA SAPATELHA DE BALLET À VENDA  
... de qual país? Em 1978, a companhia Alvin  
... 20 anos de trajetória, chegava ao Brasil para  
... naquele momento, o grupo de 72 bailarinos  
... encontre um dos mais importantes do cenário  
... e o jornal O Estado de São Paulo noticiava que  
... ocasionais sua concepção de dança moderna com  
... negros norte-americanos a partir do blues, dos  
... nas igrejas negras do sul dos Estados Unidos".  
... ta com variados e belíssimas fotografias de  
... te por artistas negros, suscita questionamentos,  
... se, sobre qual é o lugar ocupado (ou não) por



**"Z": BALÉ DA CIDADE  
DE SÃO PAULO E  
GERMAINE ACOGNY**

**NO DIA 19 DE NOVEMBRO DE 1995** estreia Z, espetáculo de dança do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) com coreografia da bailarina franco-senegalesa Germaine Acogny, trilha sonora de Gilberto Gil e percussão de Carlinhos Brown. Estreado às vésperas do Dia da Consciência Negra, Z esteve no palco do Theatro Municipal de São Paulo ao longo do mês de dezembro. Com Z, o Balé da Cidade de São Paulo homenageia a figura de Zumbi dos Palmares, assassinado há 300 anos naquela data (em 1695). “Z” refere-se a Zumbi como uma figura universal. “Zumbi simboliza a liberdade que está em cada um de nós, um desejo eterno que a dança e a música vão celebrar”, explicou a coreógrafa a Ana Francisca Ponzio, para a *Folha de S. Paulo*. Ainda em dezembro, após as apresentações no Municipal, Z apresentou-se no Centro Cultural São Paulo (CCSP) e em muitos outros teatros pelo país e fora do Brasil, sendo reencenado muitas vezes como uma das principais obras do repertório do Balé da Cidade de São Paulo. Sob a direção de coreografia de Germaine Acogny, o BCSP expôs o domínio da técnica, do ritmo e a herança de uma movimentação física presente em seus corpos. A presença de Germaine Acogny na exposição se dá por reconhecimento profissional e marco na trajetória do BCSP e de Z como espetáculo calcado nas permanências de **uma luta política e cultural pelo espaço de artistas negros dentro e fora do Theatro Municipal de São Paulo.**





JOÃO MUSSOLIN  
GILBERTO GIL E GERMAINE ACOGNY, COM  
ELENCO DO BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1995  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
- PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

JOÃO MUSSOLIN  
GERMAINE ACOGNY DURANTE  
OS ENSAIOS DE Z, 1995  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO







# **MÚSICA POPULAR NO MUNICIPAL**

**SENDO O THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO** conhecido como casa de espetáculos onde predominam linguagens artísticas eruditas, a presença de artistas negros representantes da música popular, apesar de esparsa, é de suma importância para tensionar com o imaginário criado sobre esta instituição cultural. Já nos anos 1930, cantores como Motta da Motta, conhecido das rádios paulistanas, trazem ao palco do Municipal o jongo enquanto expressão da cultura afro-brasileira. Nos anos 1960, o projeto de Diogo Pacheco de apresentar conhecido repertório lírico pela interpretação de cantoras de música popular, com destaque para a apresentação de Elizeth Cardoso, expressa tentativas de extrapolar as compreensões fechadas do que é música erudita e popular, borrando as fronteiras que as separam. Em 1974 ocorre a gravação do disco instrumental de Milton Nascimento *Milagre dos Peixes* com participação da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo. As três experiências não passaram despercebidas pelo público, levantando questionamentos sobre a competência desses artistas ao se apresentarem em uma casa operística. O racismo e o olhar elitista para a música popular acenderam discussões que ainda hoje reforçam o debate sobre o que é cultura e onde ela pode circular. **Das rádios ao palco, Motta da Motta, Elizeth Cardoso e Milton Nascimento são exemplos da grande qualidade da presença negra na programação do Theatro Municipal.**

PROGRAMA DA APRESENTAÇÃO  
 PROMOVIDA POR DIOGO  
 PACHECO, COM PARTICIPAÇÃO  
 DE ELIZETH CARDOSO, 1964  
 PAPEL/IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
 E MEMÓRIA DO THEATRO  
 MUNICIPAL DE SÃO PAULO

São Paulo, 12 de outubro de 1964 — às 21 horas

**DIOGO PACHECO**

apresenta

1.ª Parte

Vila-Lobos ..... **Bachiana No 1, para violoncelo**  
 — Eudolinda  
 — Modinha  
 — Cuquereta

2.ª Parte

Stravinsky - Rumor ..... **Música do Soldado**  
**PAULO AUTRAN** ..... **MARRADOR**  
**LUIZ LINHARES** ..... **DIABO**  
**GIANFRANCESCO GUARNIERI** ..... **SOLDADO**  
**EVA WILMA** ..... **PRINCESA**  
**JAIRO ARCO E FLEXA** ..... **AMIGO**  
**CARLOS KROEBER** ..... **RUI**

**FIGURANTES**

**BAILARINAS:** Evangelina Abreu - Mon — Nadine Levy — Judy Levy  
 e participação especial de **AIDA SLON**  
 Coreografia de **AIDA SLON**  
 Direção de **FLAVIO RANGEL**  
 Assistente e figurinista: **JEAN LAFRONT**  
 Cenário de **FRANCISCO GIACCHERI**

**CONJUNTO INSTRUMENTAL**

Clemente Capella (Violino) — Alexandre Moreira (Contrabaixo) — Leonardo Righi  
 (Clarineta) — José Antônio da Cunha (Fagete) — César Paglioli (Trompete)  
 — Antonio Secato (Trombone) — Ernesto De Luca (Bateria) —  
 Eletricitista-chefe: José Augusto Mango — Mecânico-chefe: João Maciel dos Santos  
 Sídes de Thomas Farkas

Vila-Lobos ..... **BACHIANA No 5, para voz e violoncelo**  
 Cantada, com texto de Ruth V. Corvía  
 Marielo, com texto de Manoel Bandeira  
 Solista: **ELIZETE CARDOSO**

Violoncelo: Celso Corazza — Geófilo Zwiarg — Frederico Capella — Flávio Russo  
 — Luiz Varoli — Paulo — Tacetti — Lauro Del Claro — Elio Dal Pin  
 Instalação Sonora de José Scatena

Regência de  
**DIOGO PACHECO**



FAQUEIROS : PRATA 100  
 FAQUEIROS : AÇO INOX  
 BAIXELAS E PRESENTES



A venda nos centros de venda que  
 exigem QUALIDADE



**CARLOS KROEBER**  
 — RUI —



**JAIRO ARCO E FLEXA**  
 — AMIGO —



**LUIZ LINHARES**  
 — DIABO —



**ELIZETE CARDOSO**  
 — SOLISTA —

**TEATRO MUNICIPAL**  
 SÃO PAULO

**Reitor - publicidade e cultura Ita.**

REGRAS — ARRENDAMENTO  
 PERMANENTE  
 av. Ipiranga, 363 - 1.ª andar - CEP: 130  
 Fone: 51-8811 — — — site www

O espetáculo desta noite marca o início das atividades da Empresa Diogo Pacheco, cujo objetivo principal não se de desviar nenhum de boa qualidade em programas que falem à rotina habitual dos programas de concertos e de espetáculos teatrais.

O espetáculo de hoje apresenta três atrações: a *Bachiana n.º 1*, de Vila-Lobos, servida somente para violoncelo; a *ópera do Soldado*, de Stravinsky-Rumor, para narração, representação e ballet; e a *Bachiana n.º 5*, de Vila-Lobos, para voz e orquestra de violoncelos.

A *Bachiana n.º 1* tem como características principais a sua organização, dividida em três partes: *Eudolinda*, *Modinha* e *Cuquereta*. De extrema dificuldade para os violoncelos, a peça é de rara beleza e para os músicos de primeira e que havia de melhor em São Paulo nos mestres de violoncelos. Não podemos imaginar: realizamos se necessário para a melhor execução possível.

Depois da *Bachiana n.º 1*, seguramente encastada, apresentaremos a *ópera do Soldado*, de Stravinsky. A complexidade desta peça seria suficiente para justificar a nossa empresa. Musicalmente difícil, exige dos músicos e do regente um trabalho intenso. Sobretudo ritmicamente a obra apresenta tal diversidade que, sem um grupo de músicos de primeira ordem, seria insuportável. Nossa missão permanente escolher as primeiras partes da nossa Orquestra Sinfônica Municipal e duas vezes incentive também os músicos que tenham a oportunidade (como tivemos) de estudar, levar as partes para casa, e realizar um trabalho que só servirá para prestigiar e para provar ao público que possuímos instrumentos de qualidade.

Mas não será só isso o problema a vencer. Havia os solos, as bailarinas, a coreografia, a direção, os cenários, as figurinas, uma infinidade de coisas, nada, para mostrar. Enfrentamos as dificuldades e procuramos e que havia de melhor atualmente em São Paulo: Paulo Autran, como *Marrador*; Luiz Linhares, como *Diabo*; Gianfrancesco Guarnieri, como *Soldado*; Eva Wilma, (que sabe muito a distinguir), como *Princesa*; Carlos Kroeber, como *Rui*; e Jairo Arco e Flexa, como um amigo do soldado. Para a direção, ninguém nos pareceu melhor do que Flávio Rangel, depois de seu grande feito em «Depois da queda», justamente com Paulo Autran, e como coreógrafo, despretensas e encorajadas de algumas encenações de solos. Aida Slon, uma excelente artista argentina, há tempo realizada entre nós e que ainda não teve a oportunidade de mostrar as suas reais possibilidades artísticas. Francisco Giaccheri montou os cenários e Jean Lafont, além de assistir à direção encarregou-se das figurinas.

**JOALHERIA**

**CASA BENTO LOEB**

Serviço e Sociedade Paulista desde 1911 — Rua Barão de Itapetinga, 548

5. Maio 1931  
**THEATRO MUNICIPAL**

3.ª feira, 5 de Maio de 1931

Às 21 horas



Festival de musica brasileira,  
organizado pelo compositor

**"SIVAN"**

com o concurso de elementos da  
"Radio Educadora Paulista" e  
outros artistas, em beneficio da  
"Associação Promotora de Instruc-  
ção e Trabalho para Cegos".

PROGRAMA DO FESTIVAL DE  
MÚSICA BRASILEIRA, ORGANIZADO  
PELO CANTOR SIVAN, 1931  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES -  
COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO

Bolsas e  
Carteiras  
finas



51 Libero 51  
Baden

MARTINEZ & C.ª

1.ª PARTE

- 1 - a) JONGO (Molta-En vô giral) **Marta de Matta**.  
b) SAMBA (Batente) **Pili**.  
c) EMBOLADA (Batente-A bola) **Bertha**.  
d) FOADA (Sivan-En queira ser . . .).  
**Maria Antonieta Pereira**.  
e) CANÇÃO (Sivan - En e voce) **Marta Branda**.
- 2 - a) Choros de flauta - **Albino Gray (Grupo) e seu grupo**.  
b) Numeros de canto - **Pili e seu grupo**.  
c) Sôlos de violões - **Juli dos Santos, Amarelho, Pili e Rosário**.
- 3 - a) Choros de clarineta - **Rafael de Souza e seu grupo**.  
b) Numeros de canto - **Bertha e o Grupo dos Colaptes**.  
c) Choros de cavaquinho - **Pistolinha**.
- 4 - a) Sivan - **Castello Netto** - É tempo de amar . . .  
Canto - **Antonieta Pereira**.  
b) Numeros de piano - **Juli Brando**.  
c) Jogos - **Marta de Matta** e seu conjunto tipico.
- 5 - a) Sôlos de saxophone - **Pili**.  
b) Sivan - **Castello Netto** - Foi tudo um sonho . . .  
Canto - **Antonieta Pereira**.  
c) Choros de bandola e bandolo - **Bertha** e seu grupo.
- 6 - a) Sivan - **Castello Netto** - Lar! Doce Lar! Canto **Marta Branda**.  
b) Numeros de baço - **Zelinda**.  
c) Sôlos de piano - **Isai**.

A apresentação dos artistas será feita pelo poeta **ROCHA FERREIRA** que tambem falará sobre o nosso momento musical.

As canções de **SIVAN** serão acompanhadas ao piano pelo autor.

A orchestra da **RADIO EDUCADORA PAULISTA** prestará o seu valioso concurso.

Piano **BLUTHNER** cedido gentilmente pela **CASA DI FRANCO**

2.ª PARTE

- 1 - a) Sivan - **Fabricio Vampol** - Queer Bem.  
b) Sivan - **Castello Netto** - Pestinha! Canto.  
**Edgort Amiel**.  
c) Declamação - **A. Costa Sotocoppi**.
- 2 - a) Tapyrambá - O canto da Vara.  
b) Sivan - **Rosário** - Sôlos de violões.  
Prof. **Alberto Maria**.
- 3 - a) Sivan - **Mario Sampaio** - Confidencias.  
b) Sivan - **Castello Netto** - Quando o coração fala . . .  
Canto - **Antonieta Pereira**.  
c) Declamação - **Isidoro Augusto**.
- 4 - a) Palladio Sôlos - **Oriental**.  
b) Sivan - **Air de Hatlet** - Sôlos de flauta.  
**Sebastião Cortes**.
- 5 - a) Sivan - **Bonald de Carvalho** - Melancolia.  
b) Sivan - **Luzinete de Brito** - Quando te passas . . .  
Canto - **Marta Branda**.  
c) Declamação - **A. Costa Sotocoppi**.
- 6 - a) e b) Sôlos de saxophone - **José Joaquim de Silva**.
- 7 - a) Sivan - **Castello Netto** - Si Deus quizer . . .  
b) Sivan - **Cleómenes Campos** - Cantiga Sentimental - **Edgort Amiel**.  
c) Declamação - **Isidoro Augusto**.
- 8 - a) Numeros de canto - **Antonieta Pereira**.  
b) Sôlos de piano - **Franziska Gerga**.  
c) Numeros de canto - **Marta Branda**.

Bolsas e  
Carteiras  
finas

RE-  
FRANCO

EX - CASA BLUTHNER

Secção para  
concertos  
e  
reformas

36-1 São Benito 36-1

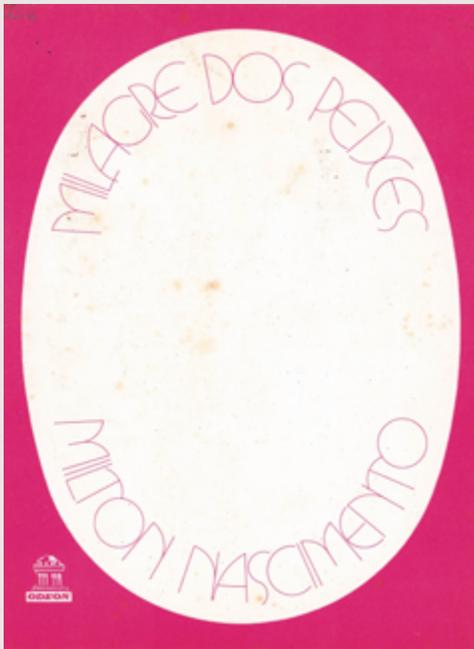
MARTINEZ & C.ª







AUTORIA DESCONHECIDA  
ELIZETH CARDOSO, 1964  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
- PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO  
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



PROGRAMA DO SHOW MILAGRE DOS PEIXES: MILTON NASCIMENTO, SOM IMAGINÁRIO E GRANDE ORQUESTRA, 1974  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



**PELO AMOR DE DEUS**  
Milton Nascimento  
Fernando Brant

Faço de uma velha lenda  
Ouvia há sempre, antes do primeiro  
No mar do Brasil  
Foi nascido com nome  
Como um rio  
Papa, pelo amor de Deus  
Ouvia o meu abençoado  
Aventura de paixão e condão  
Ouvia os caminhos  
Uma vez de me  
Dizia então  
Como, pelo amor de Deus  
Racismado e adrebrado  
Ouvia os caminhos  
Como o velho Chaplin  
Eu jogo no mar  
Fazem então  
Papa, pelo amor de Deus  
Atravessar de uma panela  
Pantufalhando nos caminhos  
Como criança pobre  
Pelo amor de Deus  
Bela, pelo amor de Deus

**OUTUBRO**  
Milton Nascimento  
Fernando Brant

Faço gente no meu nome  
Mas no tempo meu só  
É uma noite, duas noites, já não sei viver  
Desta noite, desta noite  
É de sempre eu não posso me deixar  
É de sempre para ser mais dia de morrer

Mais se eu não de... sempre sem nome como  
Ouvia do rei nome?  
Faz ouvir um tanto a amar  
Faz morrer só quando 33P

*Oh, fazer meu braço no mundo  
Fazer meu caminho de sempre  
Matar com amor meu dia  
Faz fazer dentro minha vida  
Mas não é que era dentro  
O mundo já era dentro*

Faço gente no meu nome, já não sei viver só  
Faz meu dia, e é uma noite, que não sinto  
Como nunca me lembrado, sempre  
Eu sempre sempre  
Minha história está contada, vou me despedir...



**AQ-QUE VAI NASCER**  
Milton Nascimento — Fernando Brant

Município de tanta espera  
Faz corpo crescido antes do olhar  
É eu já vejo meu corpo crescer  
Um dia, se encontro no mar de não eu de me  
Não sei se que vou contar  
Responde então ao tempo

Um tanto claro e sereno me ali  
É eu caminho com pedras no mar  
Na frente dos dias, sempre o que é velho,  
o que é novo  
É o como se encantar  
Como a se encantar

*Eu espelho tanta mais olho  
É no fundo da tarde uma coisa me só  
Desta noite de uma tarde  
Como gente no tempo e viver no só  
É então eu não, o velho sempre  
Formoso sempre  
Alguém a tanta grande a vez e o velho  
É não por só  
Responde eu sempre para o meu sempre  
Responde por não o tempo  
Eu não que um dia e dia indiano  
É eu caminho com pedras no mar  
Na frente dos dias sempre o que é velho,  
o que é novo  
É o como se encantar  
Como a se encantar*



PROGRAMA DO TEMPO MILAGRE DOS PEIXES  
MILTON NASCIMENTO, SOM IMAGINÁRIO E  
GRANDE ORQUESTRA, 1974

DISCO MILAGRE DOS PEIXES, MILTON NASCIMENTO  
SOM IMAGINÁRIO E GRANDE ORQUESTRA

© Museu de Arte Moderna



***A AIDA* DE 1951:  
NOMEANDO  
OS ANÔNIMOS**

**EM AGOSTO DE 1951**, a temporada lírica do Theatro Municipal de São Paulo trazia cantores de grande projeção internacional: Maria Callas, Renata Tebaldi, Fedora Barbieri, Beniamino Gigli, Giuseppe Di Stefano, Gino Bechi, entre outros. Acometida por um mal-estar, Maria Callas foi substituída por Norina Greco, que recebeu grandes elogios. Enquanto os solistas tiveram os nomes e retratos registrados nos programas da temporada lírica, o elenco de figurantes sequer foi mencionado. Parte dessa história consta no registro “criados negros figuração” na etiqueta do traje dessa montagem de *Aida* de 1951. **Mas quem fazia essa figuração? Como ocorria a seleção de figurantes no Theatro Municipal de São Paulo em meados de 1951?** A pesquisa de André Santos aponta alguns caminhos. O historiador estudou a experiência de engraxates ambulantes, muitos dos quais homens negros sambistas que circulavam pelos arredores do Municipal. Em sua dissertação de mestrado, Santos entrevistou algumas referências do samba paulista como Toniquinho Batuqueiro e Seu Carlão do Peruche, que trabalharam como engraxates no centro de São Paulo. Em seu depoimento, Seu Carlão confirmou que ele e Toniquinho Batuqueiro fizeram figuração na ópera *Aida* no Municipal, representando escravizados. Nomear esses dois ilustres artistas, outrora figurantes invisibilizados, é uma emocionante conquista da pesquisa que possibilita restituir humanidade a documentos históricos muitas vezes constituídos de anonimatos.

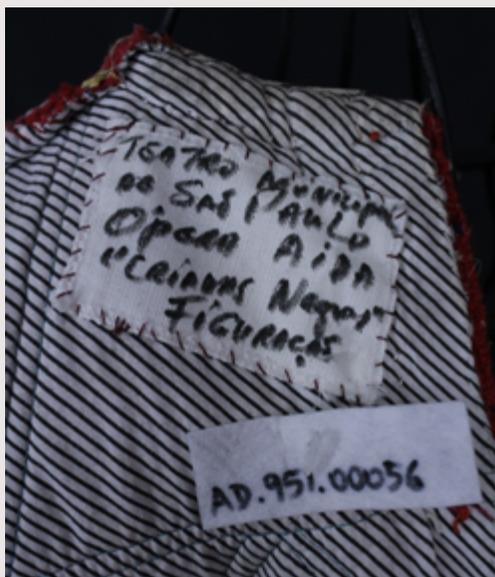


STIG DE LAVOR  
FOTOS DE CENÁRIO DE 2022  
LIBRETO DA ÓPERA AIDA, 2022  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO





GIOVANNI GRANDI, ALBERTO SCAIOLO,  
NICOLAS BENOIS, CESARE NASTRI  
TRAJE DE FIGURAÇÃO DA ÓPERA AIDA,  
DE GIUSEPPE VERDI (1813-1901), 1951  
TECIDO/ COSTURADO  
CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES  
ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI



PROGRAMA DA ÓPERA AIDA, DE GIUSEPPE VERDI (1813-1901), 1951  
 PAPEL/IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DAS ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

**TEATRO MUNICIPAL**  
**PROGRAMA DA GALERIA**

SÃO PAULO, 28 DE AGOSTO DE 1951 — AS 21 HORAS — La Rêvue de Anstadius

**AIDA**

Opera em 4 atos, música de VERDI — Libreto de Lucchi, em francês, traduzido para o italiano por Ghislanzoni, representado pela primeira vez no Teatro, a 26 de dezembro de 1851

**PERSONAGENS:**

AIDA . . . . .	Maria CALLAS
RADAMES . . . . .	Mario FLIPPESCHI
AMNERIS . . . . .	Federo BARBERI
AMNASRO . . . . .	Gino BECHI
RAMFIS . . . . .	Giulio NERI
REI DO EGITO . . . . .	Enrico CAMPI
SACERDOTIZA . . . . .	Irmgard MULLER
MENSAGEIRO . . . . .	Mariano CARUSO

Regente: Maestro TULLIO SERAFIN

Director Constitucional Policia ANSALDO	Regente Ricardo MORESCO	Director dos Estúdios Mts. José TORRE
Director da Casa Mts. Sisto MICHETTI	Paute Mts. Mario BRUNO	
Coreografia: Mariña FRANCO — La Ballarina: Luciana NOVARRO		

Soltos: Aray EVANS

Corpo de Balé: Wabandita - Luha - Di Talla - Aravia Schomack - Frouin - Laguna - Rosali Anzali - Kliffina - Boracelia - Barren - Zulfan - Schibster - Magalhães - Nardos - Fernando Heckman - Nina - Carvalha - Charra - Tebezer - Macilomata - Modita

Coreografia do Corpo de Balé de Mariña FRANCO

PROGRAMA DA GRANDE TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1951, 1951  
 PAPEL/IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

**TEATRO MUNICIPAL**  
**Grande Temporada Lirica Oficial de 1951**

**MAESTROS REGENTES**  
 Armando HELARDI — Umberto FERRETONI —  
 Eduardo de GUARNIERI — Tullio SERAFIN

**OUTROS MAESTROS**  
 A. Maestros GRAM — Mts. PODOROLSKY

Coordenador artístico: Maestro NINIS PIKROGLI

Chefes dos Estúdios: Maestro José TORRE

**SOPRANOS E MEIO SOPRANOS**  
 Helena ARIMONINI — Agnes AYRES — Elisabeth BERRATO —  
 Federa BARBERI — Wanda BOYFIM — Maria CALLAS —  
 AIDA IRONINI — Anna FARAGNE — Enza FALZANO — Emma LEVONNI  
 — Irmgard MULLER — Ekstina PENNAROFF — Gilda ROSA —  
 Renata TERALES — Matilde YALAMO

**TENORES**  
 Mariano CARUSO — Xmas CRIMI — Giuseppe DI STEFANO —  
 Mario FLIPPESCHI — Evulzandis GIGLI — Arnaldo PESUTTA —  
 Mitoa PUCCHI — Cesare VALLETTI

**BARITONOS E BAIXOS**  
 Gino BECHI — Enrico CAMPI — Guglielmo ENMANSO — Paolo FORTEPI  
 — Tito GOBBI — Vincenzo RUFPOSTO — Giulio XERZI — José PIEROZZA  
 — Nicola ROSSI LEMANI — Hector SERRANA — Paulo SILVERI —  
 Marino THERANOVA

Director Constitucional: Eng. Policia ANSALDO  
 Regentes: Ricardo MORESCO — Paute: Mario BRUNO  
 Primeira Ballarina: Luciana NOVARRO — (de Scala de Milão)  
 Coreografias e "maestros" de Balé:  
 Mariña FRANCO — Luciana NOVARRO

**ORQUESTRA, COIRO E CORPO DE BALÉ DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

Director da Orca de 50 vozes: Maestro Sisto MICHETTI

Companhia de Ópera Erardo Sarmiento de Milão — Guarda-tempa de Casa S'Arca C. Fozza de São Paulo — Casa Enrico Gino Artigiani de Roma — Sarmiento de Ópera da Casa-Franco Pampaloni de Roma — Colonna do "Principe Rodolfo" de Roma — Antunes de Ópera Sarmiento de Rio de Janeiro e Sarmiento de Roma

Tudo o material transportado e guardado nos três dormitório e quinqueto-cômodo sob a guarda dos zeladores e assistentes para a temporada Lirica Oficial de 1951 no Teatro Municipal de São Paulo, pelas companhias e artistas: Gerson Grandi, Alberto Scardi, Nuno Basso e Cassio Nogueira

**ASSINATURA PARA 10 RECITAS DE GALA DE ACORDO COM O PLANO ANEXO:**

<p style="text-align: center;"><b>AIDA</b>          (De Verdi)          Maria CALLAS — Federa BARBERI —          Mario FLIPPESCHI — Gino BECHI — Giulio NERI          Regente: Tullio SERAFIN</p>	<p style="text-align: center;"><b>MANON</b>          (De Rousseau)          Anna FARAGNE — Giuseppe DI STEFANO — Paolo FORTEPI —          Renata TERALES          Regente: Tullio SERAFIN</p>
<p style="text-align: center;"><b>TEAVIATA</b>          (De Rossini)          Renata TERALES — Giuseppe DI STEFANO — Tito GOBBI          Regente: Tullio SERAFIN</p>	<p style="text-align: center;"><b>BORIS GODUNOFF</b>          (De Moussorgski)          Protagonista: Renata TERALES — Regente: Tullio SERAFIN</p>
<p style="text-align: center;"><b>Barbiere di Siviglia</b>          (De Rossini)          Tito GOBBI — Agnes AYRES — Cesare VALLETTI —          Giulio NERI          Regente: Umberto FERRETONI</p>	<p style="text-align: center;"><b>NOEMA</b>          (De G. Belli)          Maria CALLAS — Federa BARBERI —          Mitoa PUCCHI — Cesare VALLETTI — Renata TERALES — Regente: T. SERAFIN</p>
<p style="text-align: center;"><b>FALSTAFF</b>          (De Verdi)          Tito GOBBI — Anna FARAGNE — Federa BARBERI — Cesare VALLETTI —          Renata TERALES — Paolo FORTEPI — Regente: Tullio SERAFIN</p>	<p style="text-align: center;"><b>Adriana Lecouvreur</b>          (De Cilea)          Elisabeth BARRATO — Federa BARBERI —          Evulzandis GIGLI — Paolo FORTEPI —          Regente: Tullio SERAFIN</p>
<p style="text-align: center;"><b>Andréa Chenier</b>          (De Gounod)          Evulzandis GIGLI — Renata TERALES —          Gino BECHI — Tito GOBBI —          Regente: Eduardo de GUARNIERI</p>	<p style="text-align: center;"><b>Cavalleria Rusticana</b>          (De Mascagni)          Elisabeth BARRATO — Renata TERALES —          Evulzandis GIGLI — Cesare VALLETTI —          Regente: Umberto FERRETONI</p>
<p style="text-align: center;"><b>PAGLIACCI</b>          (De Leoncavallo)          Anna FARAGNE — Evulzandis GIGLI —          Tito GOBBI — Paolo FORTEPI —          Regente: Umberto FERRETONI</p>	<p style="text-align: center;"><b>A EMPRESA SO EM CASO DE FORÇA MAIOR COMEÇARÁ SE RESERVA O DIREITO DE MUDAR ARTISTA OU REPERTÓRIO</b></p>







**TEATRO MUNICIPAL**  
CASA DE LA CULTURA - CALLE DE LA PLAZA DE SAN JUAN, 10 - 41013 SEVILLA

AGENCIAMIENTO GENERAL DE ESPECTACULOS Y GALAS  
DE ARQUITECTURA Y DISEÑO INTERIORES

<b>BAJOS</b> 1.ª fila: 15.000 € 2.ª fila: 12.000 € 3.ª fila: 10.000 € 4.ª fila: 8.000 € 5.ª fila: 6.000 € 6.ª fila: 4.000 € 7.ª fila: 2.000 € 8.ª fila: 1.000 € 9.ª fila: 500 € 10.ª fila: 250 €	<b>GRANDE</b> 1.ª fila: 10.000 € 2.ª fila: 8.000 € 3.ª fila: 6.000 € 4.ª fila: 4.000 € 5.ª fila: 2.000 € 6.ª fila: 1.000 € 7.ª fila: 500 € 8.ª fila: 250 € 9.ª fila: 100 € 10.ª fila: 50 €
<b>GRANDE</b> 1.ª fila: 8.000 € 2.ª fila: 6.000 € 3.ª fila: 4.000 € 4.ª fila: 2.000 € 5.ª fila: 1.000 € 6.ª fila: 500 € 7.ª fila: 250 € 8.ª fila: 100 € 9.ª fila: 50 € 10.ª fila: 25 €	<b>GRANDE</b> 1.ª fila: 6.000 € 2.ª fila: 4.000 € 3.ª fila: 2.000 € 4.ª fila: 1.000 € 5.ª fila: 500 € 6.ª fila: 250 € 7.ª fila: 100 € 8.ª fila: 50 € 9.ª fila: 25 € 10.ª fila: 10 €
<b>GRANDE</b> 1.ª fila: 4.000 € 2.ª fila: 2.000 € 3.ª fila: 1.000 € 4.ª fila: 500 € 5.ª fila: 250 € 6.ª fila: 100 € 7.ª fila: 50 € 8.ª fila: 25 € 9.ª fila: 10 € 10.ª fila: 5 €	<b>GRANDE</b> 1.ª fila: 2.000 € 2.ª fila: 1.000 € 3.ª fila: 500 € 4.ª fila: 250 € 5.ª fila: 100 € 6.ª fila: 50 € 7.ª fila: 25 € 8.ª fila: 10 € 9.ª fila: 5 € 10.ª fila: 2 €

**TEATRO MUNICIPAL**  
CASA DE LA CULTURA - CALLE DE LA PLAZA DE SAN JUAN, 10 - 41013 SEVILLA

**BAJOS**

1.ª fila: 15.000 €  
2.ª fila: 12.000 €  
3.ª fila: 10.000 €  
4.ª fila: 8.000 €  
5.ª fila: 6.000 €  
6.ª fila: 4.000 €  
7.ª fila: 2.000 €  
8.ª fila: 1.000 €  
9.ª fila: 500 €  
10.ª fila: 250 €

TEATRO MUNICIPAL  
CASA DE LA CULTURA - CALLE DE LA PLAZA DE SAN JUAN, 10 - 41013 SEVILLA

**NEGRAS,  
VOZES LÍRICAS**

**A PRESENÇA DE CANTORES LÍRICOS NEGROS** no palco do Theatro Municipal de São Paulo pode ser traçada desde a década de 1930 até os tempos atuais. Um exemplo contemporâneo são as cantoras líricas Priscila Olegário e Marly Montoni na encenação de *Aida* de 2022. Ao longo dos anos, destacaram-se na pesquisa cantores estadunidenses que vieram para o Municipal por incentivo da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, como Marian Anderson, Aubrey Pankey, Dorothy Maynor e Lawrence Winters, e cantoras como Carol Brice e Gloria Davy por intermédio do evento Pró-Arte. São evidenciados nesses programas a frequente descrição dos artistas como “cantores de côm”, sendo um marcador racista reforçado por comentários no interior dos programas, questionando e diferenciando a habilidade musical de nomes consagrados internacionalmente. É possível ver nos primeiros programas repertórios com negro spirituals, canções de resistência da população afro-estadunidense escravizada, e árias conhecidas de *Porgy and Bess*, ópera cujo enredo aborda a vida da população negra nos Estados Unidos. São esses alguns exemplos de como cantores líricos negros viam e eram vistos em suas apresentações, constituindo espaço de contestação e apropriação e, ao mesmo tempo, reforço de um lugar previamente estabelecido. Muitos dos nomes aqui expostos se tornaram referências, sendo pioneiros na interpretação de papéis de solistas em óperas consagradas, anteriormente apenas representados por pessoas brancas. **Seus rostos, nomes, técnicas e repertórios incidem sobre a possibilidade de reconhecer nesses cantores líricos espaço de disputa de uma memória branca e europeia sobre o meio operístico.**



GLORIA DAVY, 1956  
FOTOGRAFIA  
PAPEL / GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



PROGRAMA DE BARBARA HENDRICKS, 1994  
PAPEL / IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



São Paulo, abril de 1994.

É com imenso prazer que assistiremos juntos, nesta noite, no Theatro Municipal de São Paulo, à apresentação da soprano norte-americana Barbara Hendricks.

Uma das mais renomadas cantoras de sua geração, Barbara Hendricks estreou no cenário operístico em 1976 e, desde essa época, vem realizando apresentações nos mais importantes centros musicais da Europa, América do Norte, bem como no Japão e União Soviética. É relevante ressaltar, também, que Barbara Hendricks trabalha ativamente como Embaixatriz pelos Direitos Humanos na UNESCO, tendo sido premiada inúmeras vezes por seu trabalho humanitário.

Esta apresentação tem o patrocínio do BFB - Banco Francês e Brasileiro, associado ao Crédit Lyonnais, instituição financeira reconhecida como uma das maiores incentivadoras da arte e cultura do Brasil e de um intercâmbio permanente entre talentos artísticos brasileiros e dos mais variados países.

Obrigado pela presença.

Georges Chaix  
Diretor Superintendente



BANCO FRANCÊS E BRASILEIRO  
Associado ao Crédit Lyonnais

# THEATRO MUNICIPAL

CONCESSIONARIA : EMPRESA ARTISTICA THEATRAL LTDA.



TEMPORADA OFFICIAL  
DE 1937

A Empresa Artística  
Theatral Ltda.

apresenta

a celebre cantora  
norte-americana  
de côr

*Marian  
Anderson*

**Estréa :**

Terça-feira — 15 de Junho

Às 21 horas

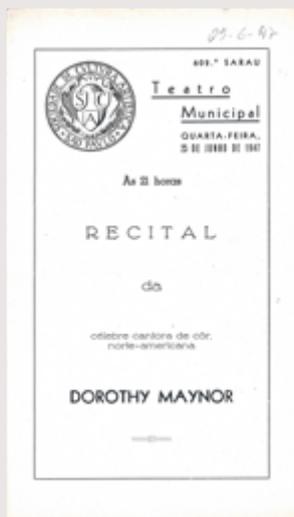
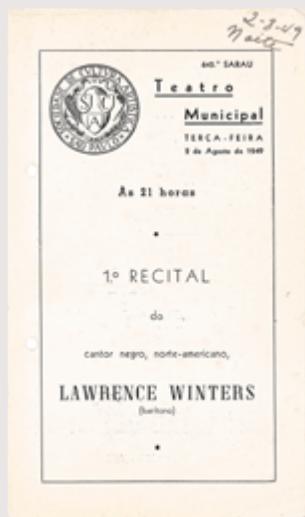


PROGRAMA DO RECITAL DA  
CELÉBRE CANTORA NORTE-  
AMERICANA DE CÔR, MARIAN  
ANDERSON, 1937  
IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PROGRAMA DO 1º RECITAL  
DO CANTOR NEGRO,  
NORTE-AMERICANO  
LAWRENCE WINTERS, 1949  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PROGRAMA DO RECITAL  
DA CÉLEBRE CANTORA DE  
CÔR, NORTE-AMERICANA,  
DOROTHY MAYNOR, 1947  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PROGRAMA DO GRANDE  
RECITAL DE CANTO DO  
CÉLEBRE BARÍTONO, DE  
CÔR, AUBREY PANKEY, 1942  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO







**A LONGA HISTÓRIA DO  
*JAZZ* NO MUNICIPAL**

**GRANDES NOMES DO JAZZ** subiram ao palco do Theatro Municipal durante a década de 1970, trazendo ao público presenças aclamadas em todo o mundo. Cantores e músicos negros estadunidenses davam destaque a importância de produzir um repertório que trouxesse novas interpretações a partir de uma trajetória já consolidada e respeitada dentro da música. O êxito de suas carreiras, a popularidade de suas canções, a responsabilidade com suas raízes e o compromisso em estar próximo de diferentes públicos são pontos de destaque que fizeram tais figuras se apresentar em teatros de capitais brasileiras. Diante disso, levanta-se a questão: **Como pensar a participação de outras linguagens artísticas nos caminhos por aproximar e formar novos públicos em uma casa de óperas?**



PROGRAMA DO PRESERVATION  
HALL JAZZ BAND, 1978  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



PROGRAMA DO STITT E  
HOLLOWAY JAZZ QUINTET,  
1979  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



AUTOR DESCONHECIDO  
ELLA FITZGERALD, 1971  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
FOLHA DE S. PAULO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

AUTOR DESCONHECIDO  
ELLA FITZGERALD, 1971  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
O ESTADO DE S. PAULO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
- PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO  
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO





# sarah vaughan

com acompanhamento de

CARLTON SCHROEDER / piano  
WALTER BOCKER / contrabaixo  
JIMMY COBB / bateria

SARAH VAUGHAN cantou com estes  
os canções de seu repertório

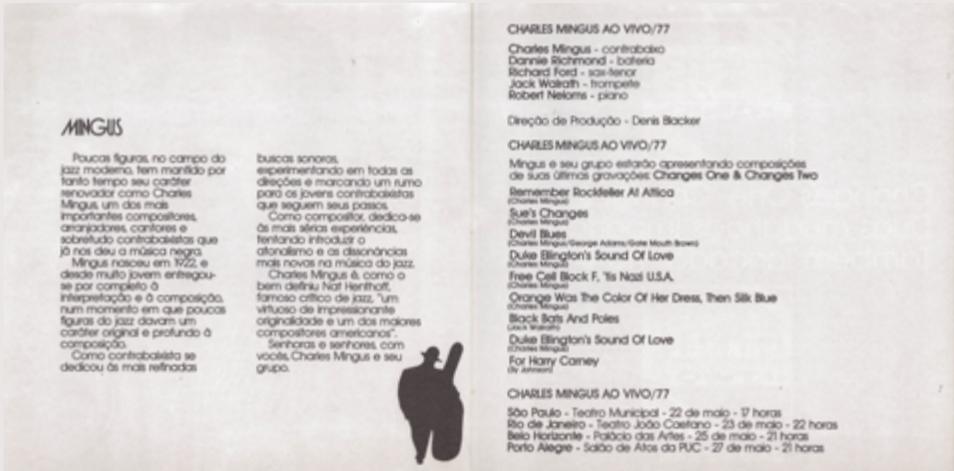
MISTY  
TENDERLY  
A LOT OF LIVING TO DO  
BUT NOT FOR ME  
HOLDING ABOUT  
THE LAMP IS LOW  
THE MAN I LOVE  
I REMEMBER APRIL  
I GOT IT BAD  
I COULD WRITE A BOOK  
LIKE SOMEONE IN LOVE  
I REMEMBER YOU  
SUMMERTIME  
FEELINGS  
SAND IN THE OCEANS  
THE LONG AND WINDING ROAD  
GOLDEN SLIMERS  
HERE, THERE AND EVERYWHERE  
YESTERDAY

São Paulo, 20/10/77 - no Teatro Municipal - Promoção AULUS  
Rio de Janeiro, 21/10/77 - no Teatro do Hotel Nacional - Promoção AULUS

PROGRAMA DE SARAH  
VAUGHAN E TRIO MUSICAL, 1977  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

NEIL C. RESHEIN  
MILES DAVIS, 1974  
FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
O ESTADO DE S. PAULO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
- PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO  
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO





PROGRAMA DE CHARLES MINGUS AO VIVO, 1977  
 PAPEL/ IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

AUTOR DESCONHECIDO  
 CHARLES MINGUS, 1974  
 FOTOGRAFIA  
 PAPEL/ GELATINA E PRATA  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



AUTOR DESCONHECIDO  
 DUKE ELLINGTON, DÉC. 1970  
 FOTOGRAFIA  
 PAPEL/ GELATINA E PRATA  
 O ESTADO DE S. PAULO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



PRESERVATION HALL  
JAZZ  
BAND



NEW ORLEANS

Placem e G.L. Proulxes ap  
stitt & holl  
jazz qui



sarah vaughan

THE PRESERVATION HALL JAZZ BAND  
SARAH VAUGHAN  
NEW ORLEANS





**UM ACONTECIMENTO  
NA HISTÓRIA  
DA ÓPERA:  
*PORGY AND BESS***

**QUANTOS CANTORES LÍRICOS NEGROS já se apresentaram como solistas das principais óperas no palco do Theatro Municipal de São Paulo?** A resposta é: poucos. Talvez a principal exceção seja a ópera *Porgy and Bess*, de 1992, que, ao contar com um elenco quase que exclusivamente de artistas negros, levou ao Municipal mais de 20 cantores líricos, com destaque para Brian Gibson e Theresa Hamm como intérpretes de Porgy e Bess, respectivamente. Trechos da ópera já haviam sido antes apresentados no *Concerto Gershwin* de 1984, com as vozes do barítono Benjamin Matthews e da soprano Faye Robinson. Contou também com três Vesperais Líricas nos anos de 1984, 1987 e 2002, todas acompanhadas do pianista negro Joaquim Paulo do Espírito Santos, artista presente em mais de 40 documentos selecionados pelos pesquisadores do Theatro Municipal de São Paulo. A ópera *Porgy and Bess*, apesar de polêmica, possibilitou a muitos cantores líricos negros seus primeiros papéis principais, caso da conhecida cantora lírica Leontyne Price que inicia sua carreira de sucesso interpretando Bess. Reconhecendo que no espaço operístico até hoje predominam cantores brancos e europeus, óperas como *Porgy and Bess* continuam relevantes para discutir o racismo e o elitismo que ainda operam nesse meio.

27/outubro 87/terça/18h30m

Trechos da Ópera "PORGY AND BESS", de George Gershwin

personagens	intérpretes
Forgy	ROBERTO CASENIZO, barítono
Bess	DAISY DE ASSUMPÇÃO, soprano
Clara / Serena	MARIA APARECIDA XAVIER, soprano
Sportin' Life	ALDO BUSTAMANTE, tenor
Maria	LIANA MARIA FERREZ, mezzo-soprano
Jack	ELI SOARES, barítono

Ao piano : M<sup>o</sup> JOAQUIM PAULO DO ESPÍRITO SANTO  
 Narração : MARIA ROSA SABATELLI  
 Maquiagem e Penteados : ARNALDO MOSCARFINI  
 Som e Iluminação : LUIZ A.V. RUSSO e RICARDO J. CASTRO  
 Coordenação : EMERSON ECKMANN

P R O G R A M A

"PORGY AND BESS"

Ópera em 3 Atos, com libreto de Du Bose Heyward e Ira Gershwin, adaptada da peça "Porgy", de Du Bose e Dorothy Heyward, com música de George Gershwin

Primeira representação : Boston, aos 30 de setembro de 1935

Resumo

A ação desenrola-se em Catfish Row, bairro pobre dos negros da cidade de Charleston, na Carolina do Sul, por volta de 1920.

Ato I

Durante acirrada partida de dados, ocorre uma briga e Crown, um forte e violento estivador, mata o amigo Robbins e vê-se obrigado a fugir. Bess, que era sua mulher, fica abandonada e procura refugio com o mendigo Forgy, um pobre como que sempre fora remunerado dela. À noite, os moradores de Catfish Row choram a morte de Robbins e recolhem dinheiro para o funeral.

Ato II

Bess passa a morar com Forgy e são felizes, mas, um dia, enquanto o pessoal de Catfish Row vai fazer um "pic-nic" na Ilha Kittiwah, Crown reaparece e obriga Bess a segui-lo. Depois de alguns dias, Bess volta para Forgy, diz-lhe aterrorizada: ele a recusa, cuida dela e promete protegê-la. Entretanto, irrompe uma tempestade,

e as mulheres com pelos maridos que estão em alto-mar, pescando.

Ato III

De noite, as mulheres pranteiam seus maridos. Aparece Crown, que se dirige à casa de Forgy. Chama por Bess, mas o coxo Forgy o mata com uma facada no coração. Depois, externa sua alegria de "pobre suado", muitas vezes ofendido. Forgy é preso, permanecerá detido algum tempo. Não confessa seu delito, sendo solto por falta de provas. Durante sua ausência Bess fica sozinha e Sportin' Life, um traficante de drogas, a aproveita-se da situação para convencê-la a segui-lo em viagem a New York, fazendo-a crer naquela cidade a vida ser melhor. Quando Forgy regressa à sua casa, é informado do acontecido por alguns vizinhos. Desesperado, parte para New York, onde espera encontrar a sua Bess.

PROGRAMA DAS VESPERAIS LÍRICAS DE PORGY AND BESS COM O PIANISTA JOAQUIM PAULO DO ESPÍRITO SANTO, 1987 PAPEL/IMPRESSO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PROGRAMA DAS VESPERAIS LÍRICAS DE PORGY AND BESS COM O PIANISTA JOAQUIM PAULO DO ESPÍRITO SANTO, 2002 PAPEL/IMPRESSO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Porgy and Bess

Trechos da ópera de G. GERSHWIN (1898-1937)

Ato I

Introduction

A Woman is a Sensitive Thing (Jack)  
 My Man's Gonna Give You Trouble

Ato II

Oh, I Got Plenty O'Whatcha (Porgy)  
 Bess, You Are My Weakness (Clara e Bess)  
 Strawberry Wimmen  
 B'Cause I Couldn't Do (Sportin' Life)  
 I Love You, Porgy (Porgy e Bess)

Ato III

There's a Boat Dat's Leavin' Soon For New York (Sportin' Life)  
 Oh, Bess, Oh, Where's My Bess (Clara e Bess)  
 Oh, Lord, I've Got My Way (Clara)



Elenco

PORGY/ELI - ROBERTO CASENIZO, barítono  
 BESS/LIANA MARIA - SANDRA FERREZ, soprano  
 SERENA - BÉRGIA DE OLIVEIRA, mezzo-soprano  
 SPORTIN' LIFE - GUYBARRA FERREZ, tenor  
 Piano: JOAQUIM PAULO DO ESPÍRITO SANTO  
 Coordenação: REGINA ELINA MESQUITA

A ação se passa em Catfish Row, uma antiga comunidade de artesãos, localizada em uma ilha de negros, no sul de Charleston, Carolina do Sul

**Ato I** - No grande porto interno, uma festa festiva celebra o aniversário de casamento e comemora a vida recente dos moradores. Clara não tem felicidade com o casamento. Ela diz que vai visitar sua filha para dentro, ele canta A Woman is a Sensitive Thing.

Uma tempestade se aproxima, e Porgy percebe o perigo em vê-lo, e o perigo e o desejo de sua vida recente. "Acho que ele tem um plano para Bess de Forgy", comenta Jack. Quando aparece Crown, Crown pede casualmente uma bebida e jura-se ao grupo de pagadores de dívidas. Quando Robbins ganha a partida, Crown precisa pagar o dinheiro devido, sua briga, mata com uma facada de vários golpes. Enquanto isso Bess, Crown foge da polícia e a polícia o mata com vários tiros.

Hoje quando de manhã, o corpo de Robbins é levado. Quando chega o dia seguinte, Porgy comemora que o casamento é o melhor amor que vai passar. A vigília para Bess e Bess começa um grande baile em My Man's Gonna Give You Trouble é cantado por alguns amigos, que é todo que comemora a festa.

**Ato II** - Ela não diz, os policiais pegaram o marido para ir ao mar, apesar das chances de sobreviver que o apresentaram. Porgy aparece em uma partida de jogo quando uma chuva de biscoito, Oh, I Got Plenty O'Whatcha que para comemorar de

estes na vida melancólica depois da morte de Bess.

Sportin' Life tenta pedir a Bess, a mãe, e ela responde que ela não deve covagem. Sportin' Life volta a tentar com Bess para que ela vá com ele para New York. Bess se nega novamente e diz que quer mais o "quêbra de cabeça" que ela tem. No momento seguinte, Porgy canta para Bess e ela diz a Bess, You Are My Weakness.

Sportin' Life faz um discurso às mulheres de Charleston. Aí então aparece Bess, Crown avisa Bess, que não vai com ela para New York. Bess pensa que ela está perdendo e quando volta a casa de Forgy, ela vê seu rosto. Então Porgy e Bess que não tem mais Bess, Bess pede a Porgy que a leve para dentro com Crown. Segundo o plano de Sportin' Life, Bess tem que ir para New York com Crown. Bess começa a fugir. Mas o plano de Porgy está quebrado e Crown não pode ajudar.

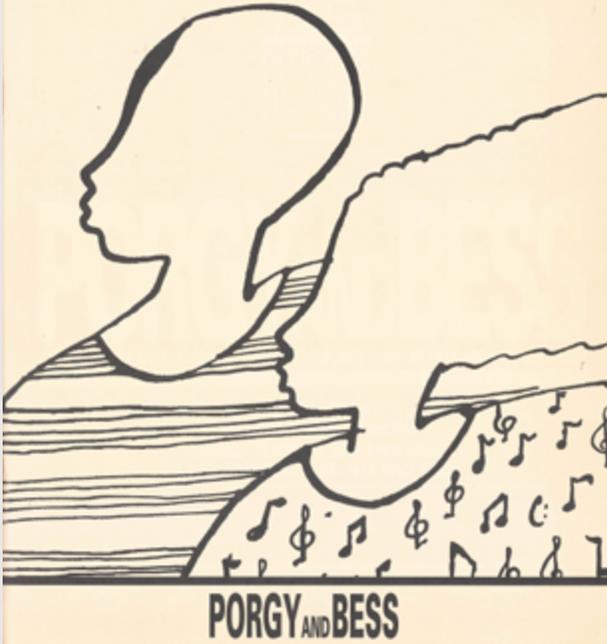
**Ato III** - Quando todos estavam juntos bebendo, Porgy surge, sozinho e sozinho com Crown bebendo, Bess You Got a Man Alike, You Got Porgy. No dia seguinte a polícia leva Porgy para comemorar o casamento. Bess, quando é perseguido por Sportin' Life a matar o "quêbra de cabeça".

Uma semana depois, Porgy retorna da prisão e ela começa a preparar para o baile. Quando vai começar o baile de Bess, ela se encontra com o filho de Clara, que foi enviado a Bess, está agora com Serena e Maria (todas suas irmãs) e quando Porgy vê o rosto de Bess, ela começa a chorar. Porgy volta para casa e encontra o corpo de Bess, Oh, Lord, I've Got My Way. Porgy canta para Bess, Oh, I Got Plenty O'Whatcha que para comemorar de

**Ato III** - Ela não diz, os policiais pegaram o marido para ir ao mar, apesar das chances de sobreviver que o apresentaram. Porgy aparece em uma partida de jogo quando uma chuva de biscoito, Oh, I Got Plenty O'Whatcha que para comemorar de



THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO



PROGRAMA DA ÓPERA  
*PORGY AND BESS*, DE  
GEORGE GERSHWIN  
(1898–1937), 1992  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

apresentou atraentes vozes, que realmente viveram seus papéis, sem engasgos e cenário.”

(Mark Mobley, *The Virginian Pilot*, Ledger Star, 8/1992)

“A brilhante partitura de Gershwin inclui uma deslumbrante exibição de solos para papéis menores; nesta produção, cada cantor tornou-se uma atração importante: a soprano Patricia Saunders Nixon, como Clara, iniciou com emocionante “Summertime”; Keith Crawford (Jake) mobilizou a audiência em

“A Woman is a Sometime Thing”, como possente barítono, direção falada e cantada - soberba - e brilhante senso de estilo.

A mezzo Marjorie Wharton mostrou o humor e a determinação da revolta musicalista Maria; a soprano Wiltonia Boyer (Serena) estava apaixonadamente triste em “My Man is Gone Now”; Angela Simpson (Libby/ Strawberry Womani), Tyrone Jolivet (Robbins/ Crab Man) e Hugh Harvell III (Peter) estavam, cada um deles, encenando em suas breves aparições.”

(May Dell Ridge, *On Stage Magazine*, 18/1992)

# PORGY AND BESS

REGENTE: PETER MARK  
DIRETOR DE CENA: ARVIN BROWN

Coreografia: \_\_\_\_\_ Carmen de Lavallade      Figurino: \_\_\_\_\_ Candice Donnelly  
Coreografia de luz: \_\_\_\_\_ Ivan Thomas      Iluminação: \_\_\_\_\_ Mark Stanley  
Cabelos/maquiagem: \_\_\_\_\_ Michael Yeagan      Cabelos/maquiagem: \_\_\_\_\_ Stephen Bryant

Cenário do Teatro Colón de Buenos Aires

## ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

### ELENCO

Porgy _____ Brian Gibson	Peter (vendedor de mel) _____ Hugh Harvell III
Porgy (atas 5 e 9) _____ Stephen Finch	Annie _____ Edwin Garner
Bess _____ Thomas Hamm	Jim _____ Marvin Lowe
Bess (atas 5 e 9) _____ Elizabeth Graham	Agente funerário _____ William Marshall
Crown _____ Ivan Thomas	Vendedor de caranguejos _____ Tyrone Jolivet
Serena _____ Wiltonia Boyer	Nelson _____ William Marshall
Sportie' Life _____ Keith Bryant Kirk	Mulher na janela _____ Joyce Harding
Clara _____ Patricia Saunders Nixon	Detetive _____ Lynn Summerall
Maria _____ Marjorie Wharton	Policia I _____ Kevin Bonquet
Jake _____ Keith Crawford	Policia II _____ Angel Waly
Libby (vendedora de morangos) _____ Angela Simpson	Médico Legista _____ Lynn Summerall
Mingo _____ Stephen Smoot	Scipio _____ Anthony Holloway
Robbins _____ Tyrone Jolivet	Jaibo Brown _____ Robert Brown

# CONCERTO GERSHWIN

RHAPSODY IN BLUE  
AN AMERICAN IN PARIS

PORGY and BESS (SUITE)

SÃO PAULO  
ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO  
Regente: ISAAC KARABTSCHEVSKY  
Dias 28 e 30 Setembro

RIO DE JANEIRO  
ORQUESTRA SINFÔNICA  
DO TEATRO MUNICIPAL  
Regente: MÁRIO TAVARES  
Dias 05 e 07 de Outubro, às 21 e às 17 horas



FAYE ROBINSON, soprano (BESS)



BENJAMIN MATTHEWS,  
baixo barítono (Porgy)

"Porgy and Bess Suite", com a participação de: FAYE ROBINSON, soprano (Bess).

BENJAMIN MATTHEWS, barítono (Porgy) inclui: "Summertime", "I Got Plenty o' Nuttin'", "Bess, You is My Woman Now", "My Man's Gone Now", "It ain't Necessarily So", "Oh Lawd, I's On My Way". Gershwin é o mais festejado compositor norte-americano. Suas belíssimas composições atravessaram todas as fronteiras. Da ópera "Porgy and Bess" o autor reuniu uma suíte de árias e duetos dos papéis título, que terá a interpretação de dois dos mais destacados cantores negros: Faye Robinson — com freqüentes apresentações com a New York City Opera, é na Europa uma das "Traviatas" mais disputadas da atualidade, já tendo se apresentado nos mais importantes teatros como a Ópera de Paris, Liceo de Barcelona, Ópera de Munique e outros. Benjamin Matthews é dos principais barítonos americanos de hoje, com inúmeras apresentações nos mais importantes teatros dos Estados Unidos, sendo um dos "Porgy" mais disputados. Já se apresentou com a New York Philharmonic, Chicago Symphony, e outras orquestras, em concertos e oratórios.

PROGRAMA DO CONCERTO GERSHWIN, 1984

PAPEL/IMPRESSO

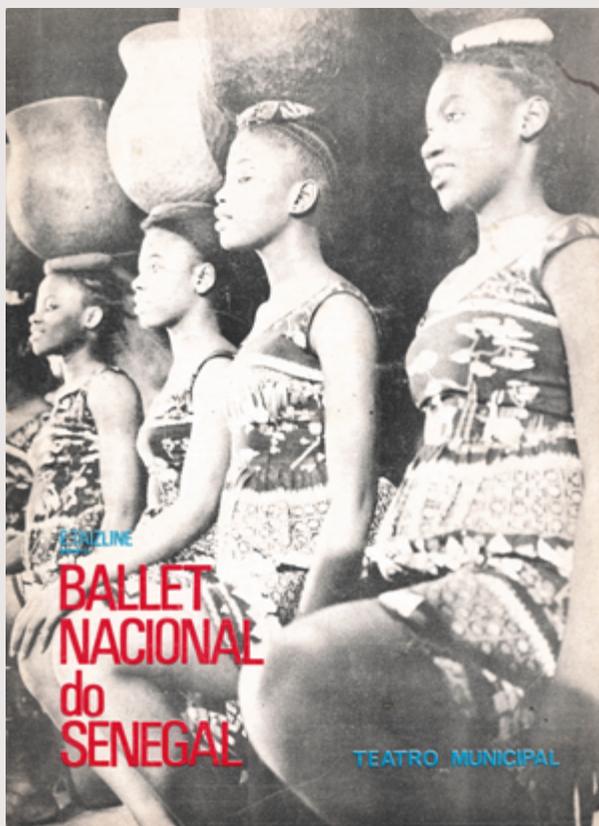
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO





# O BALÉ DAS ÁFRICAS PÓS-INDEPENDÊNCIA E O MUNICIPAL

**EM PAÍSES COMO SENEGAL, GUINÉ E UGANDA, como companhias artísticas contribuíram para a representação cultural após a conquista da independência?** Entre os anos 1950 e 1970, companhias que afirmam o compromisso com a divulgação de expressões culturais do seu território de origem por meio de linguagens artísticas como a dança e o teatro estiveram presentes no Theatro Municipal de São Paulo. Os documentos apresentados registram suas passagens por este palco e demonstram tal discussão, além de levantar temas como representatividade negro-africana e censura de anúncios e cenas dos espetáculos em que artistas apareciam com os seios expostos.



PROGRAMA DO BALLET  
NACIONAL DO SENEGAL,  
NA SUA QUINTA TURNÊ  
INTERNACIONAL E PELA  
PRIMEIRA VEZ NO BRASIL, 1971  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



# Abafumi Company

# UGANDA

10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

## RENGA MOI

grupo .....	abafumi company
espetáculo .....	renga moi
autor .....	robert serumaga
direção .....	robert serumaga
atores .....	jane majoro
	richard seruwaga
	paulo mpagi
	jones kiwamuka
	sarah ntambi
	jane kobusinye
	charles buyondo
	marie kirindi
	charles tmwesigye
	dede majoro
	robert serumaga
	alice bitamba
	stephen lwanga

### RENGA MOI

Renga Moi é a história de um valoroso guerreiro africano que se encontra frente ao problema universal de ter que escolher entre as solicitações de caráter social e seus objetivos pessoais.

A história se passa na aldeia das Sete Colinas. A paz e a prosperidade que ali reinam despertam a inveja e o ciúme das aldeias vizinhas.

Renga Moi, um bravo guerreiro, se casa com Nakasi e desta união nascem dois gêmeos. Este grande acontecimento na família de Renga Moi deve ser celebrado de acordo com o ritual e costumes de seu povo. Assim, começam os preparativos da cerimônia para a purificação dos gêmeos. Segundo a tradição, Renga Moi deve deixar sua casa e ir para o templo da cerimônia, onde resparão sua cabeça e cortarão suas unhas.

Durante todo o ritual, Renga Moi não deve derramar sangue nem de homem nem de animal. Antes, porém, que a cerimônia seja completa, a rivalidade explode nas aldeias vizinhas e começa a guerra. A aldeia das Sete Colinas é atacada.

Renga Moi encontra-se, então, frente a um di-

lema: combater para salvar sua aldeia ou obedecer às exigências do ritual de purificação que o proíbe de derramar sangue.

Se ele decidir lutar, certamente provocará derramamento de sangue, mas conseguirá, graças ao seu valor e bravura, salvar sua aldeia. Neste caso, contudo, ele não poderá ir até o final da cerimônia e os gêmeos deverão fugir.

Esta alternativa, porém, é perigosa; ele pode fugir com seus filhos para as colinas, mas deste modo não só perderá a aldeia, como também, pelo fato do ritual de purificação não ter sido completado, os gêmeos terminarão por queimar o próprio pai.

Renga Moi, no entanto, decide combater e perseguir o inimigo além dos confines da aldeia.

A ira dos gêmeos começa, então, a se manifestar e inicia um período de miséria total para a aldeia. Tenta-se evitar, mas sem qualquer resultado.

Nakasi, a mãe dos gêmeos, começa a pôr em dúvida a validade dos princípios morais da sociedade na qual vive, e que passa a ser a razão de sua angústia. A sociedade, porém, se exime de qualquer responsabilidade.

Surge neste momento um feiticeiro adivinho

PROGRAMA DO II FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO,  
 DIRIGIDO POR RUTH ESCOBAR, 1976  
 PAPEL/IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



que declara que esse grande desastre foi causado por não haverem sido respeitadas as regras do ritual de purificação, e ali seu verdadeiro desejo é morrer; deverão ser sacrificados.

Assim é feito, e os são transportados pela esposa, como impõe o ritual.

A sociedade, desengana-se com a crueldade de sua própria religião, se revolta contra o feiticeiro, e dá início a um período de sofrimento social e físico.

Renga Moi está de volta, mas antes de ser admitido na aldeia deverá passar por um ritual que o purificará de "mutilação do sangue" por não derramar. O governo aceita substituí-lo por si, e assim, oferece a um herói.

Renga foi purificado entre as aldeias e pode agora ver seus filhos, quando então ele encontra o que buscava. O governo mata o adivinho e acaba por submeter-se aos seus desejos.

**CRÍTICAS**

"... Este valeroso grupo de jovens atores mostrou um inaudível controle na mudança de tom durante o espetáculo, alternando com tanta frequência de fúria, tristeza e outros instrumentos, sabendo conscientemente em cada novo momento de espetáculo." JEAN LOWRIE.

**ABAFUMI COMPANY (THEATRE LIMITED)**

"Theatre Limited" foi fundado em 1968. Por muitos anos, durante o período colonial, o teatro africano consistiu por um terreno infértil. De um lado, sofreu dominação pela influência do teatro europeu tradicional, que não refletia a estética africana, ignorando-a, e do lado oposto, desrespeitando a sensibilidade desta raça. Por outro lado, graças ao despertar cultural decorrente da independência, os jovens africanos constituíram alguns grupos de dança que giravam pelo mundo. Estes grupos,





PREFEITURA  
DE  
SÃO PAULO

23 - 4 - 58  
TEATRO  
MUNICIPAL  
SÃO PAULO



Distribuição GRATUITA

1 9 5 8  
ABRIL

Temporada Oficial de 1958  
**CEDIART** Centro de Difusão Artística e Desportiva Ltda.  
 apresenta ao  
**TEATRO MUNICIPAL**  
 de São Paulo

**SAISON THEATRALE FRANÇAISE EN AMERIQUE LATINE**

Representações Oficiais  
 de  
**LES BALLETS AFRICAINS DE KEITA FADERA**

Coletânea de danças em 6 cartões integrais  
 COM O APOIO

da  
 DIREÇÃO DOS MINISTERIOS DAS RELAÇÕES CULTURAIS  
 E SOB OS AUSPÍCIOS DA  
 ASSOCIAÇÃO FRANCESA DE AÇÃO ARTÍSTICA

Bari Oumar	Kouyate Dieliman	Darius Alfredine
Camara Ladji	Sissoko Alou	Diello Klouf
Camara Seni	Sissoko Diely	Dionara Hana
Cissoko Danoua	Traore Lancine	Doumbouya Diene
Diabate Danoua	Zombo Ido	Fall Plant
Diello Balla	Bruant Raphael	Kaminko Fatoumata
Kante Manfila	Camara Manashe	Mouder Albertine
Kita Mamadou	Camara Naby	Mansara Aissatou
Soumano Kadi	Dia Fora	Raphael Wigbert

**DIA FARA**  
 Administrador  
**KANTE FACELLI**  
 Diretor  
**BERNARD DAYDE**  
 Direção e planejamento  
**BERNARD DAYDE e K. FACELLI**  
 Advogados

Representantes exclusivos:  
 Gérard Servant, 20, Rue de Valenciennes - Saint-Marc, Paris  
 7123 Richi, Société Africaine des Champs-Élysées, 15 avenue Montaigne, Paris.



*Chapeus Finos*  
**BROADWAY**  
 opera sob a direção de **DIVATU** CHAPEUS  
 Rua Santa Apolonia, 376 - 34-4347

PROGRAMA DA APRESENTAÇÃO  
**LES BALLETS AFRICAINS DE**  
**KEITA FODEBA, 1958**  
 PAPEL/IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
 E MEMÓRIA DO THEATRO  
 MUNICIPAL DE SÃO PAULO

**hogar**  
 decorações  
 presentes  
 objetos de arte  
 Augusta n. 2215  
 telef. 80-7722  
 loja matriz E. ou. Itá

joias modernas  
**Casa Bento Loeb**  
 rua 15 de novembro, 331

MODAS  
 E  
 ESPORTE  
*Antonaccio*  
 São Luís, 83  
 Augusta, 2186

**LIVIA**  
 PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS  
 nacional - internacional  
 DESPESAS DE ENCOMENDAS  
 RESERVAS DE HOTÉIS  
 PASSAPORTES  
 ENTREGAS DE PASSAGENS A DOMICÍLIO  
 RUA XAVIER DE TOLEDO, 26  
 L. ANDAR - SÃO PAULO  
 END. TELEG.: DIVATUR-  
 RESERVAS E INFORMAÇÕES  
 TELS.: 34-7025 - 35-1045

**LES BALLETS AFRICAINS KEITA FADERA**

PROGRAMA  
 La Parte

- 1 - APELO DO TAM-TAM**  
 Juntos como o tam-tam transmito todas as mensagens, o tam-tam é o mensageiro de todos os tempos, na África; e quando é morto, no preço do albatroz, o chefe lida-lido o faz renascer, sempre pronto ao seu antigo trabalho. A África vai dançar...  
 Dançar principal: Danza CISSOHO
- 2 - CUNDEDON**  
 (Crônica Keita Fadera)  
 Para adotar os seus espíritos que espalham epidemia, os feiticeiros se reúnem e através dos jorros rituais, comunicam-se com seu gênio protetor.  
 Dançar principal: Fanta DEALY
- 3 - SAKEDJEG**  
 Canto melancólico  
 Cantor: DIEZMAN  
**4 - AGUADREIAS**  
 (Crônica Keita Fadera)  
 Cantos e danças durante as quais os jovens recebem ensinamentos no tocante com o seu bem-estar físico e moral.  
 Dançar principal: Fanta DEALY
- 5 - KOGGA YAMBE**  
 Canto de amor da Costa de Marfim  
 Solista: Fanta KAMISSAKO
- 6 - ENIAN AJEJE**  
 (Crônica Droua Mackay)  
 Segredo e lealdade, existiam em uma albatroz, bruxa decoradora de homens, que casaram e nasceu de sua vítima. O último diazou bruxa malévola, foi, ao que parece, abençoado pelo seu antigo equipamento espiritual a vítima.  
 Bruxa: MAREKI  
 Vítima: AMINA  
 Feiticeiro: ITALO
- 7 - DOCTORI**  
 Lançamento de uma que partiu seu filho ao hospital.  
 Intérprete: MADJANA
- 8 - MINDEANS**  
 (Crônica Capoul Mard)  
 Dança ritual em que a futura esposa, cujo marido a encontrou virgem, trazer ao estágio por haver estado lançada a família.  
 Dançar principal: Fanta DEALY
- 9 - SIDI ALLAH**  
 Homenagem ao fundador do Universo  
 Trovador de Cora: BAKARI
- 10 - DANSA DE FOREKESORBA**  
 (Crônica Keita Fadera)  
 Na praia do albatroz, à noite sob o luar, os jovens exibem danças de seus núvens, êxtase e vitalidade.  
 (Continua)

PRATA **MERIDIONAL**  
  
 PARA SORTE INTEGRAL

JANTARES DANSANTES  
**STUDIUM**  
 DO HOTEL  
**JARAGUÁ**  
 Rua Major Quadrichi, 40 - Fone: 37-5121

*Claude Lory*  
 e seu CONJUNTO DE PARIS  
 ABERTO DAS 12 HORAS AS 2 HORAS DA MANHÃ  
 CLUB **15507** Praça da República, 100  
 Fone: 38-9101





**hogar**  
 CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y DOCUMENTACIÓN  
 DE LA CULTURA AFRO-CARIBEÑA  
 DE SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

**Casa Beato Leob**  
 CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y DOCUMENTACIÓN  
 DE LA CULTURA AFRO-CARIBEÑA  
 DE SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

**ESTUDIO**  
 DE DANZA  
 JARAGUA  
 SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

**CLUB DE DANZA**  
 DE SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

...ISES COMO SENEGAL, GUINÉ E UGANDA, COMO COMPANHIAS ARTÍSTICAS  
 ...TRIBUÍRAM PARA A REPRESENTAÇÃO CULTURAL APÓS A CONQUISTA  
 ...DEPENDÊNCIA? Entre os anos 1950 e 1970, companhias que afirmam o  
 ...omisso com a divulgação de expressões culturais do seu território de  
 ...o por meio de linguagens artísticas como a dança e o teatro, estiveram  
 ...tes no Teatro Municipal de São Paulo. Os documentos apresentados  
 ...tam suas passagens por esse palco e demonstram tal discussão, além de  
 ...ar temas como representatividade negro-africana e censura de anúncios  
 ...s dos espetáculos em que artistas apareciam com os selos expostos.

PROGRAMA DE REPRESENTAÇÃO  
 DAS DANÇAS AFRO-CARIBEÑAS DE SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

PROYECTO  
 Centro de Documentación e Historia  
 de Teatro Municipal de São Paulo

PROGRAMA DE DANÇAS AFRO-CARIBEÑAS DE SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

PROYECTO  
 Centro de Documentación e Historia  
 de Teatro Municipal de São Paulo

PROGRAMA DE DANÇAS AFRO-CARIBEÑAS DE SAN PABLO DE LOS PEÑONES, C.R.

PROYECTO  
 Centro de Documentación e Historia  
 de Teatro Municipal de São Paulo

**TRADIÇÕES NEGRAS  
E POPULARES  
NO MUNICIPAL**

**A PRESENÇA NEGRA** no acervo do Theatro Municipal envolve principalmente artistas negros e o repertório da arte afro-brasileira na programação da instituição. Os movimentos corporais expressos pela dança representada por grupos nacionais, a partir da pesquisa em tradições das comunidades negras, articulam e trazem ao palco referências que dão destaque à afirmação e ao reconhecimento de memórias afro-brasileiras. Ainda assim, levantam-se as questões: **quem faz essas referências, de que modo elas são realizadas e como é a recepção do público?**

AUTORIA DESCONHECIDA  
 BALLET BRASILEIRO DA BAHIA, 1975  
 FOTOGRAFIA  
 PAPEL/ GELATINA E PRATA  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E  
 MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES -  
 COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL  
 DE SÃO PAULO



PROGRAMA DO BALLET  
 BRASILEIRO DA BAHIA, 1980  
 PAPEL/ IMPRESSO  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
 E MEMÓRIA DO THEATRO  
 MUNICIPAL DE SÃO PAULO

# BALLET BRASILEIRO DA BAHIA

TEMPORADA

1980

**COLABORAÇÃO**  
 Prefeitura de Município de São Paulo  
 Secretaria Municipal de Cultura  
 Departamento de Teatro

**PROGRAMA**

**1ª PARTE**

"FUNDAMENTAL" (Linda Amadoral, Bailar em 2 atos)  
 Música: III Parte H. Villa Lobos  
 2ª Parte: Milton Nogueira  
 Coreografia: Carlos Miran  
 Argumento e Roteiro: Otacílio Almeida  
 Cenário: Roberto Mariani  
 Figurinos: Kátia Murcinio  
 Adereços: Pedro Louzada

Intervalo

**2ª PARTE**

"A MORTE E A MORTE DE GUACAS BERRÓ D'ÁGUA"  
 Enredo de Sophocles Figueiredo, versão de Otacílio Almeida  
 Música: Francisco Mignone  
 Coreografia: Carlos Miran  
 Cenário e Figurinos: Carl

Intervalo

**3ª PARTE**

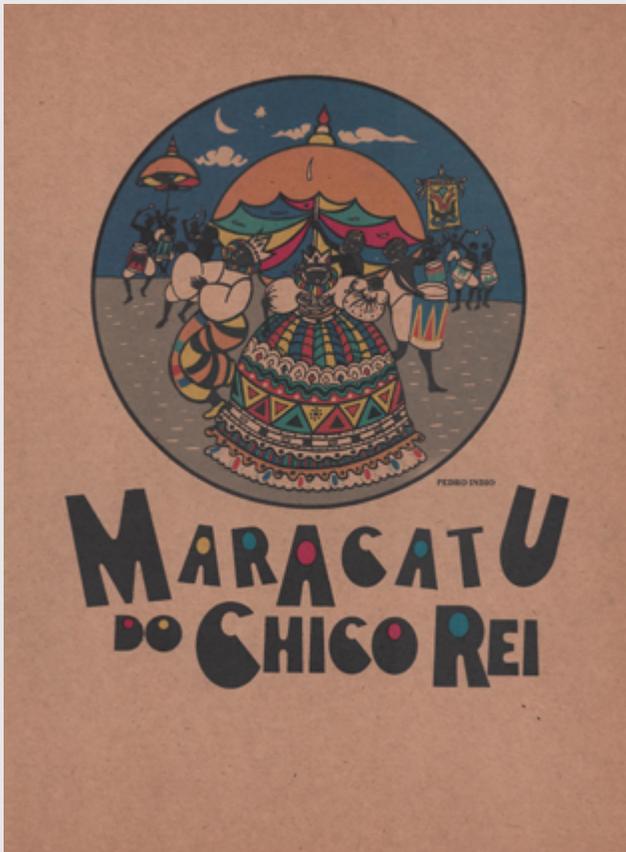
"A CORTE DE ENALÉ"  
 Música: Raimundo de Toledo  
 Coreografia: Carlos Miran  
 Figurinos: J. Costa

**ELenco**

<b>BALANINAS:</b> Angeli Bandeira Anna Olima Constantino Anna Paula Diniz Erika Guimaraes Eliane Patrício Iara Lage Inês Ramos Jane Oliveira Kátia Regina Mello Marcia Sacramento Marcia Sacramento de Freitas Marli Nascimento Nani Costa Sônia Sampaio	<b>BALANINOS:</b> Afonso Canabarro Augusto Gonçalves Ezequiel Ribeiro Carlos de Jesus Gerardo Coutinho Joaquim Sacramento Leonardo Sacramento Luiz Antonio de Jesus Marcos Faria Marcos Sacramento Paulo Faria Rafael de Souza
--	--

**TÉCNICOS:**

Supervisor de Guacás Berró: Marcia Silva  
 Coreógrafo: Sulema e Leudir Romão  
 Adereços: J. Costa  
 Iluminação e coreografia: Gerson  
 Centro Regia: Edmundo Garcia



CATÁLOGO DO  
ESPETÁCULO **MARACATU  
CHICO REI**, DE FRANCISCO  
MIGNONE, (1897-1986),  
APRESENTADO PELA CISNE  
NEGRO CIA. DE DANÇA, 1996  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO



PROGRAMA DO  
ESPETÁCULO **MARACATU  
CHICO REI**, DE FRANCISCO  
MIGNONE, (1897-1986),  
APRESENTADO PELA CISNE  
NEGRO CIA. DE DANÇA, 1996  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E  
MEMÓRIA DO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

INFORMAÇÕES GERAIS  
2007/2008 (2008/2009)

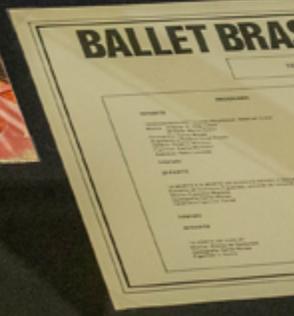
Programa de Iniciação em Dança  
Curso de Aperfeiçoamento em Dança  
e Teatro Musical de São Paulo

PROGRAMA DE DANÇA (2008/2009)

Informações  
Curso de Aperfeiçoamento em Dança  
e Teatro Musical de São Paulo

PROGRAMA DE DANÇA (2008/2009)

Informações  
Curso de Aperfeiçoamento em Dança  
e Teatro Musical de São Paulo





***O CREPÚSCULO DOS  
DEUSES E OS IAÔS***

**ESTA MONTAGEM BRASILEIRA** de *O Crepúsculo dos Deuses* (2012) cruza as três Nornas, personagens da mitologia nórdica que tecem o fio do destino, com referências de uma cerimônia religiosa presente em tradições do candomblé. Os figurinos de Marcelo Marques, na montagem da ópera pelo diretor cênico André Heller-Lopes, apresentam uma aproximação do passado, presente e futuro representados pelas personagens à figura do iaô, pessoa iniciada na religião, demonstrando caminhos possíveis na interpretação e adaptação de obras estrangeiras dentro de contextos nacionais.



MARCELO MARQUES  
FIGURINO DA  
PERSONAGEM NORNA, DA  
ÓPERA *O CREPÚSCULO  
DOS DEUSES*, 2012  
TECIDO/ COSTURADO  
CENTRAL TÉCNICA DE  
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS  
CHICO GIACCHIERI





# O CREPÚSCULO DOS DEUSES

PROGRAMA DA ÓPERA  
O CREPÚSCULO DOS DEUSES, DE RICHARD WAGNER (1813-1883), 2012  
PAPEL/IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

É, quando a pizza de todo Runemans, Brynhild não e carinhosa até ela, falando com esta sim que honrou o nome que Rex desgraja dar. E depois dois Brynhild encara e gestiona junto li com Sigurd, e assim tomam fim suas vidas.

Em termos filosóficos, não há grande dúvida a respeito do tamanho da influência da obra de Arthur Schopenhauer (1788-1858) sobre a poética wagneriana e, sobretudo, em que se torna repetidamente patente no *Crépúsculo*, encarnada tanto em Wotan, o deus dos deuses que, sem apenar em nada, assiste a todo infort, amando por sua própria destruição, quanto em Brunnhilde e seu sacrifício final.

Na sua *Metáfora do Belo*, Schopenhauer confere à música a posição mais elevada na hierarquia das artes, atribuindo-lhe papel privilegiado na atenuação do vazio de viver e, portanto, na atenuação momentânea do sofrimento inerente à existência.

Contudo, ao receber de Wagner o libretto de *And*, o autor de *O Mundo como Vontade e Representação* não ficou nada de que se. Não manifestou nenhuma opinião ao compositor e, privadamente, disse: "Ele não tem nada! Este músico é capaz". Com sua habitual ironia, Wagner achou que as críticas de Schopenhauer atingiam mais quem se frotava do que quem as recebia, conforme o seguinte relato de Götting.

Vivendo para casa perto jardins do castelo, ele me disse: "Não é um bom sinal para Schopenhauer que ele não tenha prestado atenção alguma ao meu *And* de Nibelung. Não conheço outro poeta no qual a inspiração da vontade de viver se tenha manifestado e seguido que criou o mundo para sua própria morte tão encarnada, sem intervenção da Graça, por uma natureza ativa e feroz como a de Wotan. Essa vontade, aniquilada pela separação de Brunnhilde, recorre e se insinua no momento do encontro com Siegfried,

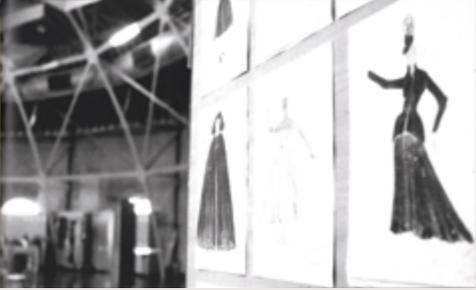
também com o espírito de Wotan até que não e suas completares conta no Wahn, no final. No entanto ele tentou a terra e disse: "Espero de que Schopenhauer se tenha por este discurso todo isso antes de ter conhecido sua filosofia, ou, que em um estado político. E depois, seu discípulo Rasko demonstrou que a teoria segundo a qual nada existe não tem nenhuma real vida".

Também ele influenciado por Schopenhauer, Friedrich Nietzsche (1844-1900) elaborou uma explicação filosófica para o *And* em seu Wagner em Bayreuth. Nietzsche (que nessa época ainda adorava o compositor que, mais tarde, chamou de "senhor de decadência"), nesse sentido explicita pouco menos de cinquenta e sete com uma pergunta à geração de sua época, para concluir com um chamado ao futuro.

Queris não, deveis voltar, em alguma capela de subterráneo a inspirar de novo de Wotan

segundo suas próprias vozes e que se tornem, como ele, mestres na medida de sua destino! Queris de novo, que salte e experimentem que a poder é mais, que restar a ele? Onde estão os que, como Brunnhilde, entregaram por amor seu esboço e, por fim, retirado de sua vida e completamente suprimido. "A mais profunda das deuses amou em uma obra por se obscurecer? E se houve herois, sem medo, que amaram e floresceram em inocente autonomia, onde estão entre vocês?"

Queris assim, pergunta, e pergunta em vão, deveis voltar os olhos em busca de futuro e caso seu olhar receda e desvire, em alguns longos que logo depois "queris" de qual modo foi sua origem de arte impregnada sua própria história, compreendendo por último, também, o que Wagner está para esse povo, ele não pode ser para nós todos, talvez como tenha sido antes sempre, o vidente de um futuro, mas sem o interpretar e transfigurador de seu passado.











**A CONGADA D'O  
*CONTRACTADOR  
DE DIAMANTES***

**A PROGRAMAÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL** apresenta referências a manifestações culturais negras desde, pelo menos, os anos 1915. Temas como congada, maracatu, toadas de candomblé, bumba meu boi, entre outros, integram o repertório de diversos espetáculos, principalmente de óperas. Porém, com qual frequência essas referências são representadas por pessoas negras? A peça teatral *O Contractador de Diamantes* indica o registro mais antigo em que se pode afirmar que pessoas negras subiram ao palco do Municipal para encenar, em seu segundo ato, uma congada. A obra, escrita por Afonso Arinos e adaptada como ópera por Francisco Mignone, assim como sua repercussão na imprensa, são importantes documentos para se pensar a presença negra no acervo da instituição.



FRANCISCO MIGNONE (1897-1986)  
PARTITURA DA ÓPERA *CONTRATADOR DE DIAMANTES*, 1921  
PAPEL/ MANUSCRITO AUTÓGRAFO ENCADERNADO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

# SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

## 39.º SARÁU

### THEATRO MUNICIPAL

28 DE DEZEMBRO DE 1915

## PROGRAMMA

### FESTAS TRADICIONALES BRASILEIRAS

*Em complemento e como resulto do curso do Dr. Affonso Arinos sobre LENDAS E TRADIÇÕES BRASILEIRAS, a Sociedade de Cultura Artística organiza, sob a direção do sr. Manoel de Oliveira, o espetáculo no Theatro Municipal de alguns autos em dramas populares, cantados e dançados, que sob os nomes de ranchos do Rio, bailes populares, REBOLÕES e OBSTACULOS constituem a celebração pelo povo brasileiro das grandes festas de cristianismo-Natal, Anno Bom e Reis.*

*A Sociedade de Cultura Artística imediatamente ao alto sociedade do S. Paulo e mais generosa e interessada ajuda. Graças a essa tão sincera e entusiasta ajuda a Sociedade pôde em execução o seguinte programma.*

*O Dr. Manoel de Oliveira, o maior cultor e o mais profundo conhecedor das tradições do nosso povo, muito concorre para o êxito que certamente terão as representações das festas populares, não só indicando para fazer os seus versos aos senhores Capitão-Armador da Armada Nacional, Domingos Gualart da Silveira, também conhecedor das festas populares do Norte, como vindo pessoalmente assistir aos últimos preparativos com sua Esposa, Fátima, que de criação sempre e acompanha sempre piedosamente os folguedos.*

*Uma das partes mais difíceis era o mesmo, por não estar ainda escritos, nem regularmente publicados e por serem todos os autos populares inteiramente em canto e dança, ao som de instrumentos também populares.*

*Para essa parte veio do Rio um grupo de artistas artistas nacionais, reunidos para esse fim pelo sr. João Guimarães, conhecido pelo cognome de PERMANEÇO, e sua terra*

PROGRAMA DO 39.º SARÁU,  
PROMOVIDO PELA SOCIEDADE  
DE CULTURA ARTÍSTICA, 1915  
PAPEL/ IMPRESSO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

### VI CATERETÊ DO NORTE E LINDÓ DO SUL

Estabeleço o passo nos e variação dos autos populares, seguir-se-á de norte, para mostrar estas festas das regiões do norte para — as danças e folguedos populares, — que se celebram o CATERETÊ do Norte, das vapores de chapéu de ouro, e o LINDÓ e DESAFIO do Sul, das esvoaçadas sobre a variação e dança.

### DISTRIBUIÇÃO DOS PAPEIS

Dono da casa	Capitão General
1. Sophia Prado Farias e Chaves	Belio Frates
Filhas da dona da casa	Agostinho
Maria Helena da Silva Prado	Alber Celso
Maria Augusta Monteiro de Barros	Antonio Cezar
	Contra-mestre
	Flaccilio
	Maestro
	Real de Oliveira Farias
	Vaqueiro
	Felicio Gondral
	Antonio Geraldo
	Augusto Estela

### PROGRAMMA

#### I LÔAS DE NATAL E REIS

Parteira e pastora, no ranchão, referendando a festa da Escrita, são estas ladeiras no Rancho Deus, que ainda de agora se preserva no estado de Belém. O ranchão, no ano das festas, dirige-se a uma casa de campo, habitada por gente nobre, ou em cada uma se costumava tradicionalmente seguir o PEREGRINO, isto é, o ranchão que representa o Rancho Deus entre os antigos de guerra.

É aproximadamente do ranchão, e caso, são estabados os gados que se arrolam e de sua ou de guerra, pertencendo à cultura. Quando, porém, se corre a quadra

de uma outra gente  
Farias e outros.  
La das bandes do Oratório

Para entrar com o gado  
Farias e outros.  
Farias e outros.  
Farias e outros.

Para entrar com o gado  
Farias e outros.  
Farias e outros.  
Farias e outros.

Uma entrada do ranchão, feita o passo e passos ao segundo ato e quadro que representa o salto com o PEREGRINO.  
Os pastores e pastoras mediam dentro do Rancho Deus e inclinam-se em direção ao Rancho Deus. Cantam e dançam um pouco ao sair e voltam-se em forma para dar lugar ao ato.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

39.º SARÁU

THEATRO MUNICIPAL

28 DE DEZEMBRO DE 1915

PROGRAMMA

FESTAS

Em complemento e com  
TRADIÇÕES BRASILEIRAS,  
seguiu ilustre encenação,  
populares, cantados e danças  
BRASILEIRAS e CARIÓTIPO com  
Christiano-Nilso, Anna R.  
A encenação da CULTURA  
mas generosa e entusiasmada e  
cantação por um elenco e digno

Dr. Manoel Moraes, e muito  
nada mais, muito sucesso por  
populares, não se deixando por  
Arnaldo Nicotini, Romário dos  
populares de Nova, como sendo  
Erika, Flávia, que de corações em

Uma das partes mais difíceis de  
bravura, publicada e por serem todos  
de uma de encenação artística por  
Para esse parte não de São José  
uma das parte de João Guimarães, etc.



**HEITOR DOS PRAZERES  
E O BALLET DO  
IV CENTENÁRIO**

**HEITOR DOS PRAZERES** (1898-1966), filho de uma costureira e de um marceneiro e clarinetista da banda da Guarda Nacional, atuou como multiartista: foi compositor, cantor, artista plástico, sapateiro, marceneiro e alfaiate. Na música, tocava piano, violão e cavaquinho. Além de suas composições como sambista, participou da fundação de grandes escolas de samba cariocas, como a Portela e a Estação Primeira de Mangueira. Em suas pinturas, retratou as rodas de samba, as favelas, o candomblé, as festas populares, sendo as memórias de seu passado e as cenas do cotidiano da periferia do Rio de Janeiro seus temas principais. O vestido em tons de azul e branco – usado por Noêmia Wainer, interpretando a personagem Moça, e criado por esse importante nome da arte brasileira – nos provoca a observar a qualidade artística de Heitor dos Prazeres na concepção de figurinos. Figurinos, adereços e outras criações artísticas, produzidos ao longo da história do Theatro Municipal, são ricos documentos salvaguardados pelo acervo desta instituição. Entre eles destacam-se aqueles utilizados pelo Ballet do IV Centenário, o primeiro grupo profissional de dança do município, que, dirigido pelo húngaro Aurel von Milloss, foi criado para a celebração dos 400 anos da cidade de São Paulo. Diversos artistas realizaram a criação dos cenários e figurinos dos 16 espetáculos apresentados pelo grupo, entre eles podemos ressaltar Heitor dos Prazeres, autor dos figurinos do espetáculo *O Guarda Chuva*, uma comédia coreográfica em um ato, com música de Francisco Mignone. Como o edifício do Theatro Municipal de São Paulo estava em reforma, a estreia do grupo aconteceu em 1954 em um espaço adaptado no Ginásio do Pacaembu e as apresentações seguiram até 1955 em Santos, no Rio de Janeiro e em São Paulo.



HEITOR DOS PRAZERES (1898–1966)  
FIGURINO UTILIZADO NO  
ESPETÁCULO "O GUARDA-CHUVA",  
APRESENTADO NO  
IV BALÉ CENTENÁRIO, 1954  
TECIDO/ COSTURADO  
CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES  
ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI





INÍCIO,  
MEIO,  
INÍCIO

INÍCIO, MEIO, INÍCIO

**FAZENDO O  
MUNICIPAL: HISTÓRIAS  
DE TRABALHADORAS  
E TRABALHADORES  
NEGROS**

**A EXPOSIÇÃO** traz em seu título o vocativo *Presente!* que evoca o hoje e o agora numa exposição de itens do acervo que carregam a memória do Theatro Municipal. E quem fez e faz parte do Theatro hoje? Na mostra, apresentamos fotografias e dois vídeos com algumas vozes de trabalhadores e trabalhadoras do Theatro Municipal do passado e presente, em especial os trabalhadores negros que se dispuseram a contar um pouco de suas trajetórias e experiências. Eles falam um pouco sobre suas funções, minúcias da sua rotina de trabalho, algumas situações de racismo que viveram ou presenciaram e aprendizados de sua trajetória no Municipal.

Adentrar no Theatro Municipal é vivenciar o sublime das artes da cena e aplaudir apresentações de alta competência artística. Contudo, para que o deslumbramento do público aconteça, há um grande volume de trabalho realizado por trás das coxias pelos profissionais das diversas áreas técnicas e administrativas. Se o Theatro é a casa dos corpos artísticos, ele também é a casa de uma equipe técnica de excelência que dá corpo e alma aos bastidores dos espetáculos. Ao longo dessas 11 décadas de existência, o Municipal formou gerações de profissionais que começaram o trabalho muito antes das cortinas abrirem, indo até muito depois que elas se fecham. São eles: os corpos artísticos, a equipe de cenotécnica, iluminação, sonorização, produção, limpeza, segurança, comunicação, copa, planejamento e monitoramento, arquitetura e patrimônio, recursos humanos, infraestrutura e manutenção predial, parcerias e negócios, atendimento ao público, bilheteria, finanças, compras, logística, contratos, educação, programação, acervo e pesquisa, maquinário, contrarregagem e figurino. Em cada área, as equipes empregam inventividade, experiência e conhecimento para elaborar as soluções necessárias para cada momento. Sendo esse conjunto de trabalho técnico tão fundamental quanto o trabalho da concepção do espetáculo, **dedicamos uma salva de palmas a esses trabalhadores e trabalhadoras. Bravo!**



SCHMIDT  
 MÁRIO DE ANDRADE, DIRETOR DO  
 DEPARTAMENTO DE CULTURA, AO CENTRO,  
 COM FUNCIONÁRIOS DO THEATRO  
 MUNICIPAL, NA ESCADARIA DO EDIFÍCIO, 1936  
 FOTOGRAFIA AUTOGRAFADA PELO ESCRITOR.  
 PAPEL/ GELATINA E PRATA  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA  
 - PRAÇA DAS ARTES - COMPLEXO THEATRO  
 MUNICIPAL DE SÃO PAULO



GERSON ZANINI  
 CLAUDEDE, COPEIRA, DÉC. 1970  
 FOTOGRAFIA  
 PAPEL/ GELATINA E PRATA  
 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
 E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
 ARTES - COMPLEXO THEATRO  
 MUNICIPAL DE SÃO PAULO



AUTORIA DESCONHECIDA  
MARIO CHAMIE, SECRETÁRIO  
DA CULTURA, AO CENTRO, COM  
FUNCIONÁRIOS DO THEATRO  
MUNICIPAL, NA ESCADARIA DO  
EDIFÍCIO, DÉC. 1980  
FOTOGRAFIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
E MEMÓRIA - PRAÇA DAS  
ARTES - COMPLEXO THEATRO  
MUNICIPAL DE SÃO PAULO

AUTORIA DESCONHECIDA  
FUNCIONÁRIOS DA CENOTÉCNICA DO THEATRO MUNICIPAL, 1981  
FRANCISCO GIACCHERI, O PRIMEIRO DA DIREITA PARA A ESQUERDA, UM DOS  
IDEALIZADORES DA CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES, QUE HOJE LEVA O  
SEU NOME. ANÍBAL MARQUES, PELÉ, ATUAL GESTOR DA CENOTÉCNICA, ESTÁ  
NO CENTRO DA FOTOGRAFIA, NA FILEIRA DE TRÁS, COM ÓCULOS.

FOTOGRAFIA  
PAPEL/ GELATINA E PRATA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA - PRAÇA DAS ARTES -  
COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



## DEPOENTES DO VÍDEO



**Alessander de Oliveira Rodrigues**

contrarregra do Balé da Cidade de São Paulo



**Aníbal Marques (Pelé)**

gestor de Cenotécnica



**Anita de Souza Lazarim**

pesquisadora do Núcleo de Acervo e Pesquisa



**Áurea Aparecida Ferreira**

ex-bailarina do Balé da Cidade de São Paulo



**César Augusto Martins da Silva**

bolsista de Cenotécnica



**Daniel Aparecido Jeronimo**

ex-assistente de Recursos Humanos



**David Marcondes**

barítono do Coro Lírico Municipal



**Elisabete Machado Soares dos Santos**

coordenadora de Comunicação



**Everton Davida Candico**

maquinista



**Felipe Costa**

produtor



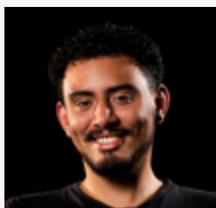
**Francielle Jonas Perpétuo**

aprendiz de Comunicação



**Grécia Catarina**

bailarina do Balé da Cidade de São Paulo



**Igor Antunes Silva**  
educador



**Igor Vicente Gomes da Silva**  
pesquisador



**Indhyra Gonfio**  
soprano do  
Coral Paulistano



**Isis Patacho dos Santos**  
bolsista de  
Genotécnica



**Inez Maria Rodrigues de Oliveira Neves**  
orientadora  
de público



**Jéssica Isis Domingos de Negreiros**  
ex-analista de  
Recursos Humanos



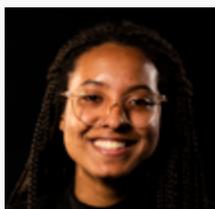
**Karoline Marques da Conceição**  
designer



**Leonardo Muniz**  
bailarino do  
Balé da Cidade  
de São Paulo



**Marli Nogueira Silva**  
estagiária do  
Núcleo de Acervo  
e Pesquisa



**Milena Lorana da Cruz Santos**  
analista de  
Planejamento e  
Monitoramento



**Monik Silva Negreiros**  
ex-assistente de  
Recursos Humanos



**Priscilla Pereira Gonçalves**  
analista de  
Recursos Humanos



**Raymundo Costa**  
coordenador artístico  
do Balé da Cidade de  
São Paulo



**Rebeca de Oliveira  
Rosio**  
Saúde e Segurança  
do Trabalho -  
Recursos Humanos



**Roseane dos  
Santos Silva**  
copeira



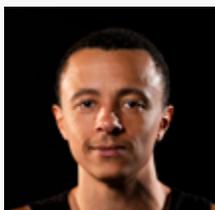
**Shirley Silva**  
conservadora do  
Núcleo de Acervo  
e Pesquisa



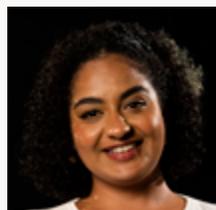
**Suzana dos Santos  
Barbosa Grem**  
produtora executiva  
de Parcerias  
e Novos Negócios



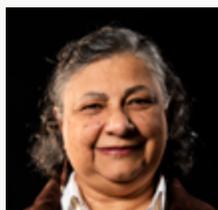
**Vitória Oliveira Faria**  
aprendiz de  
Recursos Humanos



**Walamis Santos  
Silva**  
equipe de Figurino

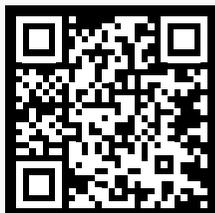


**Winie da Silva  
Cardozo**  
estagiária do  
Núcleo de Acervo  
e Pesquisa



**Yara Ludovico**  
ex-bailarina do  
Balé da Cidade  
de São Paulo

**Presenças negras no Theatro Municipal  
(vídeo 1 e 2):**





T  
E



P  
R  
E  
S  
I  
D  
E  
N  
T

# PAISAGEM SONORA, POR EUGÊNIO LIMA

**A BASE PARA A CRIAÇÃO DA TRILHA** para a exposição foi o concerto de Miles Davis realizado no Theatro Municipal em 1974, em especial a música “Funk Suite 1”. Eugenio Lima criou uma trilha com suas mixagens, produzindo sonoridades com citações, beats, trechos de músicas, canções de protesto africanas, tambores de candomblé e umbanda, pontos sonoros riscados, empregando seu repertório e a textura musical própria de seus trabalhos. A paisagem sonora começa com a reprodução de um breve trecho da faixa “congada” de Francisco Mignone, da ópera O Contractador de Diamantes, do Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga, também presente na mostra com o documento de sua partitura autógrafa de 1921, dando início uma sequência de camadas musicais sobrepostas, criando circularidade do som, numa grande mixtape da presença negra do Theatro Municipal.

**Para ouvir, acesse pelo QR Code:**



***ÍNDICE DE FONTES:  
A PRESENÇA NEGRA  
NO ACERVO DO  
THEATRO MUNICIPAL  
DE SÃO PAULO***

1 O Portal de Acervo do Theatro Municipal de São Paulo está disponível no site do Municipal, na aba do Núcleo de Acervo e Pesquisa: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/acervo-e-pesquisa/>

**DANDO CONTINUIDADE** à série de publicações organizadas pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa do Theatro Municipal de São Paulo que objetivam a difusão do acervo e a produção de novas pesquisas, o *Índice de fontes: a presença negra no acervo do Theatro Municipal de São Paulo*, apresenta o resultado da pesquisa sobre a contribuição de artistas negros e do repertório afro-brasileiro na programação do Municipal. Foram reunidos mais de 280 documentos originais, parte deles fizeram parte da exposição, que foram catalogados e disponibilizados no Portal de Acervo<sup>1</sup>, de modo que o público pode acessar na íntegra esse conteúdo. Para conhecer esse levantamento documental, bem como as análises das fontes primárias do acervo em suas diversas tipologias (programas, trajes de cena, fotografias, libretos e etc), **acesse o QR Code abaixo:**



# **PROPOSTAS EDUCATIVAS**

O Núcleo de Educação do Complexo Theatro Municipal tem um importante papel na democratização e ampliação do acesso aos diversos conteúdos que fazem parte do Theatro, sendo responsável pelo Programa de Gratuidade, por Residências e Práticas Artísticas e Visitas Educativas.

O Programa de Gratuidade oferece ingressos gratuitos para os espetáculos e divulga as ações educativas junto às instituições e ONGs, para que estejam presentes e participem da programação.

As residências e práticas artísticas relacionam e divulgam conteúdos artísticos, técnicos e históricos, propondo encontros participativos, tendo sempre as propostas educativas como norteadoras das ações. Também articulam as linguagens presentes na casa, integrando dança, música, literatura, artes cênicas e outras, convidando participantes a criar e realizar suas ideias junto aos coletivos de artistas residentes.

As visitas educativas, propostas de maneira dialógica e participativa, aproximam o público do Theatro, despertando o sentimento de pertencimento e cidadania nas centenas de pessoas que, por meio delas, acessam o Theatro diariamente.

Os encontros são preparados para diversos públicos. Há visitas para crianças, escolas, grupos fechados e espontâneos. A maioria das pessoas que participam das visitas educativas nunca esteve no Municipal, o que proporciona a oportunidade de fazer o convite para que elas voltem e experimentem o Theatro de diferentes maneiras. Do total das pessoas que participaram das visitas no ano de 2022, quase 80% delas nunca haviam estado no Theatro anteriormente.

Para ampliar o acesso à exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*, as visitas educativas passaram a incluir uma caminhada até a Praça das Artes. Após conhecer alguns espaços do Theatro Municipal, os participantes são convidados para uma visita mediada à mostra. A partir de figurinos, fotografias e depoimentos, e também do projeto expositivo, que dialoga fortemente com o entorno do Theatro, os educadores estimulam importantes ponderações sobre a presença negra no Theatro e na sociedade brasileira, relacionando experiências individuais, reflexões despertadas no público e as histórias contadas na exposição.

Os educadores do Theatro Municipal estão em constante processo de formação, que é organizado por meio de ciclos mensais que ampliam seus repertórios, promovem debates e aprofundam conteúdos relacionados à programação e a temas sobre os quais queremos falar em nossos encontros com o público. Há processos nos quais a equipe elabora e experimenta novos recursos para qualificar a mediação nas atividades educativas, e também idealiza e aprimora materiais educativos e práticas artísticas.

Para ampliar os recursos de mediação e processos educativos relacionados à mostra, foi idealizado um ciclo de formação a partir dos conteúdos exibidos, uma visita temática desenvolvida com base nas conversas com os curadores e também a ida, com grupos das visitas educativas regulares, ao espaço expositivo, na Praça das Artes.

**Adriane Bertini**

Coordenadora do Núcleo de Educação

## **PREPARANDO A VISITA**

A formação dos educadores e educadoras acontece por meio de ciclos temáticos, na qual são propostas reflexões, leituras, práticas artísticas e vivências para o aprimoramento e desenvolvimento das estratégias de mediação a diferentes públicos do Complexo Teatro Municipal.

Para a Exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal*, os encontros levaram em consideração, num primeiro momento, conhecer os aspectos curatoriais expográficos da exposição e num segundo momento discussões e planejamento de ações e roteiros de visitas que pudessem ser realizadas com os diferentes públicos.

Primeiramente houve uma conversa com o Coordenador do Núcleo de Acervo e Pesquisa do TMSP Rafael Domingos e a pesquisadora Anita Lazarim, para que contassem o processo de concepção da exposição e as propostas curatoriais e expográficas previstas para a montagem.

Para o planejamento das visitas educativas, foi proposto um primeiro contato da equipe no espaço expositivo, com intuito de

identificar e compartilhar as impressões e questões mobilizadas pela exposição, além da formação de grupos de trabalho para se pensar roteiros de visitas. Esse contato inicial contribuiu muito para se pensar nas potencialidades temáticas, objetos e espaços que eram de interesse da equipe em mediar com o público.

Novamente foi realizada uma conversa com Rafael Domingos, agora na exposição montada, para compartilhar informações sobre o processo de montagem e as intenções curatoriais e expográficas presentes no espaço.



Após este ciclo, o Núcleo de Educação passou a realizar visitas educativas que começavam no Teatro Municipal e terminavam na Exposição Presente! Presença Negra no Teatro Municipal.

Nos dias 28 de janeiro e 04 de fevereiro, aconteceu a Visita Temática “Presença em dois Atos”, idealizada e realizada pela educadora Joana Oliveira.

Para as visitas também foram criados materiais de apoio ao educador, como por exemplo, imagens utilizadas para exemplificar e relacionar assuntos que não tem na exposição e que podem ser apresentados através de imagens.

Após o início das visitas, achei importante aprofundar com a equipe alguns conteúdos que a exposição apresentava no espaço expositivos, a partir de símbolos, frases, objetos e imagens, que não eram de conhecimento de todos, tais como símbolos Adinkras de Gana, referências aos orixás e a religiosidade afro brasileiras, as danças afro brasileiras e as diferentes articulações do movimento negro no Brasil, principalmente na presença da Beatriz Nascimento.

Diante disso organizei um ciclo de formação para o aprofundamentos destes temas com conversas, vivências e práticas artísticas.

O primeiro encontro foi sobre os símbolos e tecidos Adinkras, na qual foi realizada uma oficina de estamparia, inspiradas nos tecidos Adinkras de Gana.

O segundo encontro foi sobre Religiosidade afro brasileira, em que pudemos conversar sobre a formação das religiões afro brasileiras e como historicamente se tornaram espaços de resistências e preservação da cultura afro brasileiras, além de referências presentes na exposição como figurinos e saudação a Exu, que puderam ser contextualizadas.



No terceiro encontro, sobre danças afro-brasileiras, foram apresentados os ciclos festivos brasileiros e a formação de diferentes manifestações de dança e música afro-brasileiras, como os Maracatus, Congadas e os cantos de trabalho. Neste encontro foi realizado também uma vivências com Dança e música.



Todas as práticas e discussões possibilitaram que os educadores tivessem um panorama muito abrangente e significativo sobre a exposição, numa perspectiva de apreender com os conteúdos da exposição a presença negra na história do Theatro em diferentes aspectos, seja pelas palavras, símbolos e programas, como até mesmo a partir de ações e produções artísticas, que estão diretamente em diálogo constante com a memória e a história da população negra no Brasil.

**Leandro Mendes da Silva**  
Supervisor de Arte-Educação

## **A EXPERIÊNCIA DE EDUCADORAS E EDUCADORES**

### **Educador: Gabriel Zanetti Pieroni**

É interessante perceber como a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo* tem articulado conhecimentos, impressões e experiências prévias do público visitante, sobretudo aquele participante das visitas educativas que, após passar pelo Theatro Municipal, se depara com a mostra na Praça das Artes. Esse percurso, realizado pelos dois equipamentos pertencentes ao Complexo Theatro Municipal, por si só já é o suficiente para impactar pela diferença estética das arquiteturas, da programação e, agora, por ocasião da mostra, da disparidade narrativa. Se, por um lado, ao andarmos pelo prédio do Theatro Municipal, percebemos uma série de estruturas e elementos próprios da representação das elites paulistanas do século XX, e que, resguardados pelas leis de patrimônio, revelam justamente uma memória também das elites, por outro, ao chegarmos à exposição *Presente!* somos confrontados com uma outra memória, também existente, também intensa e plural desse mesmo patrimônio, porém invisibilizada na imagem e regularmente inviabilizada pelas estruturas de funcionamento e acesso por não pertencerem aos ideais de então de sociedade, arte e cultura.

Na exposição nos deparamos com uma série de documentos que registram a intensidade e a pluralidade da presença afro-

brasileira ao longo dos 111 anos do Theatro Municipal, presença essa que identificamos mais próximas de nós quando comparada aos grandes espetáculos de ópera cantados em alemão, italiano, francês ou até mesmo em português. Esses programas, catálogos, adereços, figurinos e depoimentos, todos providos do Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal, descortinam essa presença por trás das coxias apagada pelos holofotes direcionados à arquitetura eclética repleta de simbologias europeias que, no fim, concedem acesso somente àqueles pertencentes à essa cultura.

Essa revelação confronta o nosso imaginário, se opõe, no mínimo, ao imaginário construído pelo Theatro Municipal. Ela (re) afirma uma presença aparentemente não presente! Percebemos a sua existência, importância e pluralidade, ao mesmo tempo em que, por outro lado, entramos em contato com a já suposta excepcionalidade e a escassa presença negra em contraposição com a exacerbada e abundante presença branca tradicional, o que nos permite acessar, conhecer e discutir o acervo e a história passada e, sobretudo, presente (aquela que estamos vivendo agora). Falar, mostrar e dar destaque a outras narrativas do Theatro Municipal é falar da história do próprio Theatro Municipal de São Paulo, é dizer que essas outras presenças existem e que esse patrimônio não poderia ser o que é hoje sem elas.

### **Educador: Luiz Augusto Soares**

Pego-me até hoje refletindo sobre o quão forte é *Presente!* estar presente na Praça das Artes, dentro da programação do Theatro Municipal. Comecei a refletir sobre quais eram as sensações que me atravessavam visitando a exposição e quais conceitos/ ideias ela me despertava. Comecei a pensar na parte externa da mostra e logo a frase da Angela Davis me toma um certo tempo: “Temos que falar sobre libertar mentes tanto quanto sobre libertar a sociedade”. Essa frase se repete em outro painel também do lado de fora. Ela me trouxe à memória um show da cantora Paula Lima que tive a oportunidade de traduzir, em que ela disse algo que me marcou muito: “Liberdade é não ter medo” (parafraseando Nina Simone). É fundamental ser antirracista”. Eu me peguei em momentos de muita reflexão não só sobre a potência da exposição nos dias de hoje, como foram os espetáculos ali registrados no palco do Theatro, qual foi a reação do público e tudo mais, mas também pensando no hoje, no “presente” em todos os seus sentidos. Estar ali me traz a sensação de que mudanças e transformações urgentes estão por vir. A princípio, pensei em dois conceitos dentro da exposição: ela como um “projeto humano”, trazendo não só artistas e movimentos que ocuparam o Theatro, mas seus funcionários; e a exposição como um lugar de respeito... Respeito à história da população negra, à ancestralidade, respeito às religiões de matriz africana etc.

Foram raros os grupos que não seguiram comigo para conhecer a exposição após a visita ao Theatro – e, praticamente em todos, tivemos oportunidade de conversar sobre os documentos ali apresentados e suas sensações visitando o espaço e a mostra. Em uma das visitas, ainda em janeiro, segui com o grupo para a exposição, fiz uma breve contextualização da Praça das Artes, trazendo o conceito de “ocupação” e desse processo de fora para dentro, onde os movimentos para que artistas negros estivessem no palco do Theatro sempre aconteceram a partir de incentivos externos. Deixei o grupo livre para ver os materiais apresentados e, alguns minutos depois, me reuni com eles novamente para finalizar nossa visita. Não precisei nem perguntar quais eram as sensações que as pessoas ali presentes tiveram. Uma moça que estava conosco (não me recordo o nome, infelizmente) disse: “Agora eu consigo me sentir um pouco mais representada nesse espaço que amo”. Lembro que no acolhimento, ainda no Theatro, ela havia dito que já tinha frequentado o Theatro algumas vezes em ocasiões de espetáculo. Essa pequena frase dela mostra o poder da exposição e o quão importante é o acesso do público àquele espaço.

### **Educador: Mateus Masakichi Yamaguchi**

As situações de maiores trocas em minha opinião foram as reuniões do ciclo de formação para a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*. Ainda nesse sentido, poderia compartilhar as impressões a respeito da atuação do Núcleo de Educação com a mediação da exposição.

A memória é um dos fenômenos mais interessantes e curiosos, sobretudo na sua capacidade de adaptar-se e reinventar-se. Duas pessoas podem viver um mesmo momento em condições similares e a lembrança sobre o acontecimento ser completamente distinta para cada um daqueles que vivenciou a mesma situação. Mediar a exposição tem sido uma experiência quase de caráter científico sobre o funcionamento da memória, pois, em cada mediação realizada, há um sentido de recuperação de algo que parecia ter sido esquecido e que, no entanto, sempre esteve ali.

O Theatro Municipal de São Paulo – sempre muito lembrado por seu caráter mais elitista, erudito e mesmo branco – a partir dessa exposição pode trazer leituras muito mais amplas do que essa visão preconcebida. Evidentemente, não poderíamos colocá-lo como exemplo de igualdade ou equidade, mas é muito importante saber que talvez ele não seja somente aquilo que muitos supõem em uma análise precipitada.

A recuperação dessa memória mais plural, inclusiva e muito personificadora ao lembrar o nome de muitas pessoas, que não somente serviram como estatística e sim como agentes de mudança com suas próprias histórias e lutas, é talvez um dos significados mais fundamentais do que seja uma ocupação, do

que seja o ato de intervir e apropriar. Mediar essa exposição, no entanto, não é um exercício exclusivo de lidar com o tempo que passou e se transformou em memórias. É uma proposta de perpetuar esses significados e a identidade em formação que tem sido sustentada por essas velhas histórias que por tanto tempo ficaram ocultas.

### **Educador: Renata Limeira Rodrigues**

A exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*, inaugurada em dezembro de 2022, reúne uma importante parte do acervo do TMSP, de 1915 aos dias atuais, onde foram localizados cerca 285 eventos com a presença negra nas dependências do Municipal, quantidade que pode ser considerada irrisória quando comparada aos seus mais de 100 anos de existência e aos milhares de eventos ali ocorridos. E é com base nesses dados que os visitantes têm seu primeiro contato com a programação, ainda nas dependências do Theatro, onde muitos já se mostram interessados. Assim, aproveito o momento para convidá-los a conhecer a mostra e seu significativo acervo.

Ainda que nem todos estejam dispostos ao deslocamento até a Praça das Artes, a visita até a exposição tem tido uma boa aderência dos grupos espontâneos que, ao chegar ao local, parecem perceber a importância e a potência do conteúdo exibido. Logo na abertura, conversamos sobre o conceito de documento ali trabalhado, mas também sobre alguns símbolos adinkra que permeiam todo o espaço expositivo. Surpreendidos pela expografia, os visitantes sempre se mostram animados a explorar o espaço e tudo que ele tem a oferecer.

Após um panorama geral da exposição, gosto de mediar duas vitrines específicas que, complementares, trazem documentos diversos sobre *Aida*, de Verdi, apresentando brevemente a história da ópera e como foi encenada em 2022 e 1951 no TMSP. Quando pergunto como a soprano Maria Callas, uma mulher branca, representou uma princesa etíope nos anos 1950, alguns respondem com um olhar de confusão, enquanto outros já respondem rapidamente: “Black face!”. Conversamos, então, sobre os contextos da sociedade “de 50”, buscando compreender alguns dos pensamentos mais conservadores da época em que o recurso foi utilizado. Mas, quando mostro uma fotografia de um black face realizado ano passado (2022) na Itália, na mesma ópera *Aida*, as reações se voltam para um estado de indignação, esboçada por algumas expressões e comentários.

Em uma dessas mediações, uma visitante da exposição, que começou a acompanhar de forma espontânea a conversa com o grupo, levantou uma referência interessante: O filme *As Branqueelas*, de 2004, em que homens negros se travestem de pessoas brancas, o que gera uma situação cômica e mesmo “ridícula” (palavra usada pela moça) no contexto da representação.

Em seguida, ela levantou o questionamento: “Se é tão ridículo e irreal uma pessoa preta se fantasiar de uma pessoa branca, por que o contrário é tão normalizado?”. Acredito que essa tenha sido a conversa mais potente que já presenciei como educadora na exposição. Assim, seguimos conversando sobre como, até poucos anos atrás, programas televisivos se utilizavam desses artifícios extremamente caricatos para a representação de uma parcela da sociedade, e como essa prática social já está tão engendrada que, muitas vezes, acaba passando despercebida no cotidiano. Aproveito a oportunidade para levantar a importância da realização de uma exposição como *Presente!* no contexto do Teatro Municipal, que infelizmente foi palco de preconceitos e segregações em uma parte de sua história, e que pensar sobre alguns desses “bastidores” de forma crítica nos ajuda a refletir e trabalhar para que situações como essas, de preconceito e racismo estrutural, não voltem a acontecer nas dependências desse simbólico complexo cultural.



10 MILHÕES DE  
ENCRUZILHAMENTOS  
EM UM CÉLULO  
DE POSSIBILIDADES  
INFINITAS  
IMAGINANDO



# **ROTEIRO DA VISITA "PRESENÇA EM 2 ATOS"**

**O ROTEIRO A SEGUIR** foi elaborado para a mediação de uma visita temática ocorrida nos dias 28 de janeiro e 4 de fevereiro de 2023.

Nesta visita o público é convidado a conhecer a presença negra no Theatro Municipal de São Paulo e em seu entorno, a partir de um olhar sobre as mudanças ocorridas nesses espaços nos últimos 111 anos.

Em seu primeiro ato, o visitante percorrerá os espaços do Theatro, pensando a ocupação e os movimentos da população negra por esse território central da cidade de São Paulo e os conceitos. O segundo ato contemplará a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*, na Praça das Artes, que revela a memória e a história por meio de fragmentos do acervo, figurinos, fotografias, instalações e depoimentos produzidos a partir da presença negra no Theatro Municipal desde 1915.

## ATO I – NO THEATRO

### Saguão – Introdução

A inauguração do Theatro Municipal no dia 12 de setembro de 1911 materializa os gostos e desejos da elite paulista da época, herdeira da produção cafeeira estabelecida com a mão de obra escravizada, e que, no início do século XX, ainda detinha o poder sobre o maior produto de exportação do Brasil daquela época.

Com materiais e referências importadas de diversas partes do continente europeu, buscavam forjar uma nova e moderna São Paulo, digna da alcunha de **metrópole** e, mais ainda, por meio deste edifício – uma casa de ópera inspirada nas mais modernas que contemplaram em suas viagens ao Velho Continente –, desejavam consolidar uma imagem de si enquanto parte de uma tradição estrangeira – ainda que distante da maior parte da população paulista.

Ao longo de seus 111 anos de história, à primeira vista, o Theatro Municipal de São Paulo consolidou-se como um dos grandes epicentros de uma cultura dominante, tradicionalmente europeia, consolidada em torno da ópera e que pouco tinha daquilo que hoje entendemos como plenamente brasileiro – que inclui e envolve a população afrodescendente, indígena e caipira.

No entanto, enquanto essa narrativa se desenrolava sob os holofotes, por meio do roteiro a seguir, convidamos os visitantes a conhecer as outras facetas dessa história, isto é, como a população negra também viu neste espaço a oportunidade de colocar-se em evidência em um monumento concebido para apartar essa diversidade de seu interior.

E mais ainda: veremos também como artistas, corpos artísticos nacionais e internacionais e organizações e indivíduos externos ao Theatro, junto a seus trabalhadores e trabalhadoras, ocuparam e seguem ocupando este espaço e construindo novas memórias – muitas vezes deixadas de lado – em torno dele com seus conhecimentos, referências, vozes e corpos.

**Você já veio ao Theatro Municipal de São Paulo? O que sabe sobre este espaço? O que já ouviu falar que aconteceu aqui? O que a palavra “ATO” evoca para você?** – Pense nas relações com “atuação”, “ativismo”, “ação”, “segmentos de dramaturgias”.

**De que forma você acha que se deu a presença negra no TMSP? Onde você espera encontrar a presença negra na história do Theatro Municipal?**

**Caso alguém já tenha visto um espetáculo, reparou na presença de pessoas negras no palco?**

Esta visita foi possibilitada pela inauguração da exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*, na Praça das Artes.

A exposição, por sua vez, foi elaborada pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa como produto da linha de pesquisa A Presença Negra no Acervo do Theatro Municipal de São Paulo e que resultou também em um índice de fontes com o mesmo nome e que reúne inúmeras referências a esta presença e que são parte dos nossos acervos e centro de documentação.

### **Sala de Espetáculos (Plateia) – Abolicionismo e Trabalho**

A relação tão próxima da programação do Theatro Municipal com a música conhecida como “clássica” se deve ao fato de que o edifício foi concebido para ser uma casa de óperas. As óperas, como conhecemos hoje, surgiram no século XVII, na Itália, e prontamente se tornaram muito populares.



Foto de Ricardo Kleine:  
<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/theatro-municipal/#gallery-lateral-32>

Sua popularidade se deu em dois sentidos: o primeiro, pelo alto nível de elaboração dos espetáculos, que as transformou na maior forma de entretenimento até o início do século XX; o segundo, como sinônimo de acessível, uma vez que, desde seu surgimento, a ópera esteve ao alcance de públicos de diversas classes sociais, e em constante relação de influência mútua com as culturas populares, isso na Itália dos séculos XVII e XVIII.

A partir do momento em que começa a se espalhar pelo resto do mundo, as óperas passam a estar cada vez mais associadas com as altas classes, com as elites. E é nesse novo contexto que surge o Municipal.

De qualquer forma, ir à ópera sempre foi também uma ocasião social, um momento de encontro de determinadas classes.

## De que forma você percebe uma organização ou uma ordenação de classe aqui nesse espaço?

Embora isso se faça presente de maneira muito determinada, há um outro lado da história de como esses espaços foram ocupados que investigaremos juntos ao longo da visita.

## Vocês imaginam um lugar como esse sendo ocupado por um movimento social de pessoas negras no século XIX?

Embora seja difícil e não tenha acontecido aqui (afinal o Municipal não existia naquela época), em pleno século XIX, antes da abolição da escravidão, os espaços teatrais tiveram uma grande importância em razão de seu caráter de lugar de socialização. Esse mesmo espaço tão caro às elites, foi apropriado também pelo movimento abolicionista em uma de suas facetas capitaneadas por muitos indivíduos negros.

Na década de 1880, a luta abolicionista por todo o Brasil estava manifesta de diversas formas: nos tribunais, nas revoltas, no parlamento, nas artes... Uma delas foi a promoção de eventos em teatros que tinham como objetivo a propaganda abolicionista, fosse com conferências e discursos ou com solenidades de entrega de alforrias ao encerramento de concertos e óperas.

Um participante frequente desses eventos foi o maestro e compositor paulista Carlos Gomes, que se envolveu com o “abolicionismo teatralizado” a partir de seu grande amigo André Rebouças – abolicionista negro – que, em agosto de 1880, convidou o maestro para subir ao palco para que libertasse uma de suas escravas e o motivou, em diversas oportunidades, quando estava no Brasil, a utilizar seus concertos e composições não só como veículo de propaganda abolicionista, como também de oportunidade de entrega pública de cartas de liberdade.

**PARA SABER MAIS:** “A teatralização da política: a propaganda abolicionista”, da historiadora Angela Alonso, traça um rico panorama dessa específica forma de atuação abolicionista da década de 1880!

<sup>1</sup><https://www.scielo.br/j/ts/a/6DG8jmyCxvpRW6LrSTnzzRt/abstract/?lang=pt>

Falando agora mais especificamente do Municipal, apesar da imposição, neste espaço, de uma lógica muito excludente, **isso significa que as pessoas negras ou de classes subalternas não apreciavam ópera, música clássica?**

Eles conseguiram ocupar este espaço de outras formas, por exemplo, por meio do seu trabalho como figurantes, nos trabalhos

técnicos e muitos outros. Ou seja, sem nenhuma iniciativa ou apoio na história da instituição, e muito menos desejo das elites que idealizaram este espaço, a presença negra sempre foi inevitável.

**PARA SABER MAIS:** o livro *O Theatro Municipal de São Paulo: histórias surpreendentes e casos insólitos*, de Edison Veiga e Vitor Hugo Brandalise, reúne dezenas de anedotas de pessoas que passaram pelo Municipal, incluindo trabalhadores que se aproximaram deste universo clássico por meio de seus ofícios no Theatro.

### Alto da escadaria – Identificações

**Você consegue identificar a que as imagens destes mosaicos se referem?**

As cenas representadas nos mosaicos presentes no Theatro Municipal se referem à mitologia nórdica, a cosmogonia dos povos conhecidos como escandinavos, popularmente tidos como *vikings*. Mais precisamente, se referem à mitologia nórdica como ela foi narrada dentro de uma ópera de um compositor alemão chamado Richard Wagner.

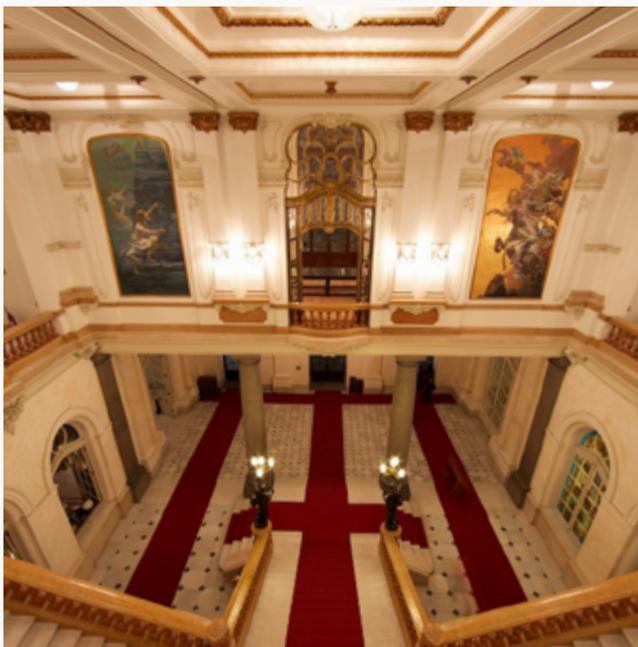
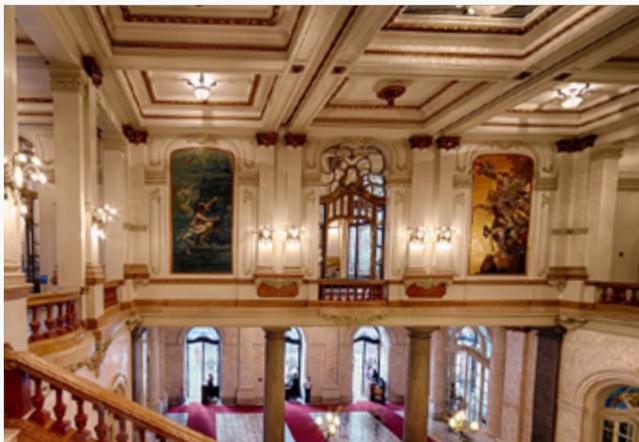


Foto de Ricardo Kleine  
<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/theatro-municipal/#gallery-lateral-34>

Ele passou cerca de 26 anos estudando os registros poéticos e narrativos dessa mitologia e compondo essa grandiosa ópera chamada *O Anel do Nibelungo*, que ficou com 16 horas de duração em média! Mas calma, precisamos levar em conta que ela é uma **tetralogia**, isto é, um conjunto de quatro óperas que desenvolvem a mesma história. Os mosaicos se referem às duas primeiras partes.

Posicionando-se no alto da escadaria, de frente para eles temos: à esquerda, uma cena da primeira parte, *O Ouro do Reno*, e, à direita, uma cena da segunda, *A Valquíria*. Das duas últimas partes não temos mosaicos, mas são elas *Siegfried* e *O Crepúsculo dos Deuses*.



À dir.: mosaico referente à primeira parte da tetralogia, *O Ouro do Reno*. À esq.: mosaico referente à segunda parte, *A Valquíria*.

Foto de Ricardo Kleine  
<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/theatro-municipal/#gallery-lateral-17>

2 [Die Walküre, WWV 86B](#).  
[Walkürenritt \(Remastered\)](#)

**SUGESTÃO:** Ao olhar para o mosaico da direita, ouça **A Cavalcada das Valquírias<sup>2</sup>** (*Der Walkürenritt*), uma das passagens musicais mais famosas de Wagner e que dá início ao Ato III dessa ópera. Imagine o mosaico em movimento! Tente lembrar se já ouviu essa música antes. Onde será que você ouviu?

**O que entendem por mitologia?** Visões de mundo? Lendas? Ficções? Variam de acordo com o povo e o lugar?  
**Que outras mitologias você conhece?**

Por todo o Municipal encontramos referências à mitologia greco-romana, tida como berço da cultura ocidental, incluindo o teatro e a ópera, a principal manifestação que ocorre no palco do TMSP.

**Por que essas mitologias europeias causavam tanto reconhecimento nas elites paulistas?**

O papel dessas referências e sua presença num espaço como este era pautar o universo cultural e as visões de mundo em meio às quais essas elites queriam se ver refletidas, distanciando-se do que era ser brasileiro naquela época: negro, indígena, caipira...

**Causaria estranhamento se ali, em lugar das valquírias, tivéssemos um orixá africana? Por quê?**

**De que forma podemos saber, nos dias de hoje, o que retratam esses mosaicos?** – A ideia aqui é chamar atenção para a falta de sinalização ou identificação dessas imagens e para as ferramentas de que dispomos hoje em dia para saber o que elas são.

**Qual vocês acham que foi a intenção por trás dessa ausência de identificação para essas imagens? Qual a consequência dessa falta de identificação?**

**Como vocês acham que as pessoas que frequentavam o Theatro então sabiam o que eram ou quais as referências aqui presentes?**

A intenção era fazer do Theatro um espaço exclusivo, com a incorporação na iconografia decorativa de elementos que eram parte de um repertório mais inacessível, o que possivelmente conformava uma hierarquização dos frequentadores do Theatro entre os que sabiam, conheciam, acessavam esse universo cultural e aqueles que desconheciam o repertório de referências europeias, fundante e caro às elites paulistas, cujos anseios foram satisfeitos com a construção do TMSp.

Para falarmos mais sobre isso, vamos para outro espaço.

### **Varanda do Vale do Anhangabaú**

Caminhando pela cidade de São Paulo, encontramos diversos monumentos.

**Você conhece homenagens/monumentos/esculturas da cidade de São Paulo que fazem referência ao repertório cultural ou a afro-brasileiros/as?**

**Já viram essas esculturas da imagem acima pela cidade ou (re)conhecem as pessoas nelas imortalizadas? Se não, quem acham que são?**

Para começarmos a corrigir isso, vou apresentar as esculturas para vocês (Nome, Localização, Data de Inauguração, Autor):

**Em seguida, as seguintes imagens de apoio são apresentadas ao grupo. Para acessá-las, basta clicar nos links abaixo:**

**Zumbi dos Palmares**, Praça Antônio Prado, 2016, José Maria Ferreira dos Santos.

(<https://vejasp.abril.com.br/cidades/escultura-homenagem-zumbi-dos-palmares/>)

**Geraldo Filme** (sambista e compositor), Praça David Raw (Barra Funda), 2022, Newton Santana.

(<https://www.youtube.com/watch?v=ALRsqjWyn-4>)

**Tebas/Joaquim Pinto de Oliveira** (arquiteto restaurador da primeira igreja da Sé, de 1778), Praça Clóvis Bevilacqua, 2020, Lumumba Afroindígena e Francine Moura.

(<https://arteforadomuseu.com.br/tebas/>)

**Itamar Assumpção**, Centro Cultural da Penha, 2021, Leandro Jr.

(<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/12/15/afro-brasileiro-puro-itamar-assumpcao-ganha-estatueta-em-sao-paulo.htm>)

**Mãe Preta**, Largo do Paissandu, 1955, Júlio Guerra.

(<https://www.descubrasampa.com.br/2018/06/escultura-mae-preta.html>)

**Madrinha Eunice/Deolinda Madre** (Matriarca do samba), Praça da Liberdade, 2022, Lídia Lisboa.

(<https://www.folhape.com.br/cultura/sao-paulo-ganha-estatueta-da-sambista-madrinha-eunice/222192/>)

A maioria delas é muito recente e faz parte de um esforço da Prefeitura de São Paulo de trazer mais visibilidade para a relevância da população negra e de suas contribuições para a história da cidade.<sup>3</sup>

Algumas delas não têm sinalização alguma até o momento (janeiro de 2023), dificultando que as pessoas que passam por elas saibam quem são, assim como ocorre com os elementos figurativos do TMSP.

<sup>3</sup><https://www.uol.com.br/splash/colunas/arte-fora-do-museu/2021/08/18/sao-paulo-ganhara-5-esculturas-de-personalidades-negras.htm>  
<https://expresso.estadao.com.br/naperifa/seis-estatuas-de-pessoas-negras-em-sao-paulo/>

**Será que é pelo mesmo motivo que não há identificação nesses monumentos?**

**Quais os problemas gerados por essa ausência, em cada um desses casos, sendo que, tanto o TMSP quanto os locais onde essas estátuas, estão em espaços públicos?**

Apagamentos, mesmo querendo dar visibilidade X conformação de um ambiente exclusivo.

**O que define um monumento? Qual a sua função?** Monumentos e estátuas são a materialização da memória e possuem um fator de identificação, de ver a si e à sua história na concretude do espaço.

**E, o edifício do TMSP, é um monumento?**

**E qual a memória que ele materializa na sua arquitetura?**

Exclusão, se apresenta como um lugar imponente, mas para poucos, que não é convidativo à entrada para a maioria da população.

Mas agora sabemos, olhando a documentação e a história que ainda está viva, que, mesmo assim, as pessoas deixadas de lado na conformação aqui do Theatro estiveram aqui de muitas formas. Vamos ver mais uma delas em outro espaço?

### **Escadaria externa – Movimento Negro Unificado (MNU)**

Para discutir a presença negra como uma ocupação do espaço do Theatro que parte de fora – da sociedade civil – para dentro, mais do que como um movimento que parte de políticas internas das gestões do TMSP, o público será convidado à escadaria externa do Theatro.



Foto de Rafael Salvador

### **Conhecem algum evento que ocupou esta parte externa?**

No dia 7 de julho de 1978, o Movimento Negro Unificado (MNU) fez o que ficou conhecido como Ato Público contra o Racismo nessas escadarias, e teve como estopim o assassinato de Robson Silveira da Luz pela polícia. Duas mil pessoas estavam presentes aqui, algo impensável durante a ditadura militar. Muitas outras manifestações ocorreram aqui desde então. Para saber mais, ver texto e imagem no link: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/articulado-antes-da-abolicao-associativismo-negro-cresceu-como-reacao-ao-racismo-e-forma-de-afirmacao.shtml>

### **Por que este espaço é convidativo para manifestações populares?**

Podemos pensar que não apenas o TMSP tem uma localização muito central – com a amplitude da praça e sua escadaria –, mas, justamente como vimos na varanda, ele, como monumento, articula em torno de si uma memória que, por sua vez, foi erguida aqui com um objetivo muito excludente. A ocupação deste espaço por pessoas negras, indígenas, LGBTQIAP+, mulheres, trabalhadores e outros grupos contra-hegemônicos busca também incluir e construir novas memórias neste espaço.

Uma das palavras que surgiu muitas vezes foi **Ocupação**.

### **O que você entende a partir dela? O que ela evoca?**

Movimentação popular; algo feito coletivamente; criar algo em um lugar ao qual não se pertencia inicialmente; moradia...

Essa é uma das principais ideias que definem o que veremos na exposição, a forma, o “método” por meio do qual se deu a presença negra – algo que não se aplica somente ao TMSP, mas que se apresenta como uma estratégia do viver negro e subalternizado.

Convido vocês a me acompanharem até a Praça das Artes.



Foto de Rafael Salvador

## ATO II

### Pórtico



Foto de Rafael Salvador

**O que você acha desta entrada? Ela te causa sensações? Quais? A intenção era se encaixar de maneira harmônica ou se destacar, tornando visível a intervenção? Que elementos aqui você reconhece? – Símbolos, frases, autores, materiais... Você acha que foi feito por apenas uma pessoa? Se não, que elementos sugerem uma coletividade?**

Olhando para o centro da cidade de São Paulo, frequentemente vemos as paredes de prédios antigos cobertas de pichações. Essa coexistência de elementos “tradicionais” e aqueles mais recentes, que muitas vezes não entendemos, inseridos sobre o antigo, também nos convida a refletir sobre ocupação. Assim, a partir do olhar para nosso entorno, vemos a marginalização ocupando o centro em um movimento de fora, das periferias geográficas e simbólicas, para dentro, para o centro da cidade, mas também para algo que se pretende ser o centro da cultura como ela deve ser – eurocêntrica –, para poucos.

### Espelho

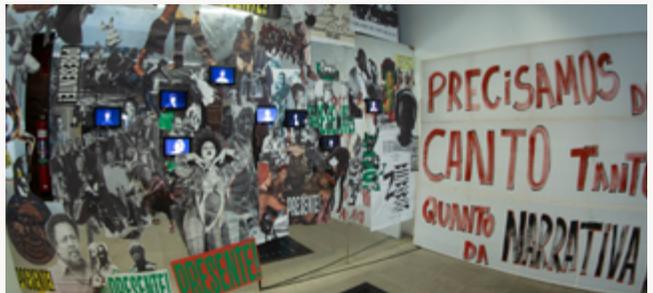


Foto de Larissa Paz

**Reconhecem alguém neste painel?  
Se não, por que não as reconhecemos?  
Quem são as pessoas nas telas?**

Uma presença fundamental na exposição *Presente!* é a dos funcionários negros/as do Theatro, principalmente com seus depoimentos que foram gravados especialmente para a exposição. Temos funcionários jovens e mais velhos, que estão no Theatro há meses ou há décadas, dos corpos artísticos, da técnica, da administração...

**Por que, logo na entrada, a inclusão dos espelhos?  
O que eles fazem conosco enquanto observadores?**

Nós, visitantes e observadores, somos incluídos na exposição, em meio aos rostos e corpos negros que compõem e compuseram a história do Theatro Municipal de São Paulo. Em meio à fragmentação do painel e da própria presença negra, agora somos incorporados de nossa posição de agentes externos ao TMSP, representamos também aqueles da sociedade e organizações civis e externas ao TMSP que ocuparam seu espaço em movimentos de fora para dentro e que agenciam mudanças na ocupação do palco e do público.

### ***O Crepúsculo dos Deuses***



Foto: Winie da Silva Cardoso

### **Que elementos reconhecem neste figurino? Já os viram em outros contextos? Quais?**

(búzios, palha, tecido de linho/algodão, contas)

Esse figurino foi utilizado em uma montagem de 2012 da ópera *O Crepúsculo dos Deuses*, composta por Richard Wagner em 1876. Ela é a última parte da **tetralogia** do compositor alemão, isto é, conclui um ciclo de quatro óperas que, juntas, têm o título *O Anel do Nibelungo*. Essa ópera conta uma grandiosa saga da mitologia nórdica e referências às duas primeiras partes – *O Ouro do Reno* e *A Valquíria* – da tetralogia estão presentes na forma de grandiosos mosaicos venezianos no Theatro Municipal. Essa última parte conclui o ciclo com uma adaptação da narração do *Ragnarök*, palavra do nórdico antigo que se refere à grande guerra que culminaria no fim dos tempos e na renovação do mundo.

### **Seriam esses os elementos esperados para compor um figurino de uma obra com essa temática, que aborda a cosmogonia nórdica?**

Esse figurino foi utilizado pelas personagens das **Nornas** – anciãs responsáveis pelo que aconteceu, o que acontece/continua a acontecer e pelo que virá a ser, e que regem o destino das pessoas. Essas personagens da mitologia nórdica encontram ecos quase exatamente iguais na mitologia grega, com as **Moiras**, e na romana, com as **Parcas**, e aqui a ideia é colocar nessa relação de equivalência a figura do **Yaô** (o nome que se dá aos iniciados no candomblé) e que expressa a encruza – o encontro entre o passado, o presente e o futuro na religião de matriz africana –, aquele que mobiliza seu passado, sua ancestralidade, no presente, para a perpetuação da memória e dos ritos no futuro.

### **Faz sentido essa inclusão? Se houve uma preocupação tão grande em lotar o TMSP de referências às mitologias ocidentais, por que não, na contemporaneidade, incluir essas outras referências e motivar novos reconhecimentos, novos olhares sobre o mundo?**

A ideia das mitologias é explicar o mundo e o comportamento humano, e muitas vezes encontramos ecos e semelhanças em diferentes culturas. **Por que não incluir a cultura e a mitologia iorubá também?**

Na imagem do link a seguir temos o figurino em uso, no palco do Theatro Municipal: <https://igotbugsinyhead.wordpress.com/2012/08/20/figurino-de-opera-crepusculo-dos-deuses-no-teatro-municipal-de-sao-paulo/>

### **Herma/Hino à Abolição**

Há mais um monumento dedicado à uma pessoa negra sobre o qual devemos comentar, o primeiro deles na cidade de São Paulo: a herma ou busto dedicado a Luiz Gama. Ver foto no link a seguir: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/memoria-lider-negro-luiz-gama-busto/>



João Pedro Gomes Cardim (1821-1918). Hino da Abolição, 1881. Papel/Manuscrito autógrafo. Centro de Documentação e Memória - Praça das Artes - Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



Falamos um pouco sobre o uso dos espetáculos como oportunidade para a libertação pública de escravizados. Um deles ocorreu em 1886, durante uma apresentação da ópera *Aida*, organizado pelos abolicionistas André Rebouças, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco e ocorrido no Teatro Lírico do Rio de Janeiro. Na ocasião, a soprano russa Nadina Bulicoff fez a entrega solene de sete alforrias ao final da apresentação e foi efusivamente exaltada por isso. A imagem abaixo foi uma homenagem publicada na *Revista Illustrada*, do Rio de Janeiro, do mesmo ano.<sup>5</sup>

[5bbc.com/portuguese/brasil-45559374](http://5.bbc.com/portuguese/brasil-45559374)

## Aida



Foto de Larissa Paz

## Já ouviram falar dessa ópera?

É do compositor italiano Giuseppe Verdi e conta a história de uma princesa aprisionada em outro reino que se apaixona pelo

general do exército inimigo – o que se torna uma grande tragédia para ambos.

### **A partir da breve sinopse, onde acham que essa ópera se passa?**

Toda a ópera se passa no continente africano, tendo como pano de fundo uma guerra entre Egito e Etiópia e a princesa etíope Aida não estava apenas aprisionada pelos egípcios, como era escravizada – por isso também o simbolismo de, após uma récita desta ópera, fazerem uma cerimônia de libertação de escravizadas lá em 1886.

Essa é uma das óperas mais montadas do mundo e foi recebida no TMSP em 1951. A grande cantora de ópera Maria Callas ia interpretar a protagonista. Por uma indisposição, ela foi substituída, mas sua parada em São Paulo fazia parte de uma turnê e, ao se apresentar no México, ela estava caracterizada assim – o que sugere que ela teria se apresentado com a mesma maquiagem no TMSP. Para ver, clique no link a seguir: <https://www.pinterest.es/pin/578571883355954771/>

### **Conseguem perceber algo errado com essa imagem?**

Poderíamos justificar o uso da pintura corporal, conhecida como *blackface*, por conta da época. No entanto, apenas alguns anos depois, em 1958, a soprano afro-estadunidense Gloria Davy tornou-se a primeira cantora negra a cantar no Metropolitan Opera de Nova York, então não é como se não houvesse cantoras para o papel ou outras opções além da pintura.

No ano de 2022, *Aida* foi novamente montada no TMSP, mas pela primeira vez contou com um número tão grande de solistas negros.



Stig de Lavor, Fotos de cenário com elenco de *Aida* de 2020.

No mesmo ano, na renomada Arena di Verona, na Itália, o elenco de *Aida* apresentou-se como na imagem do link a seguir: <https://www.telegraph.co.uk/world-news/2022/07/17/opera-theatre-blackface-row-soprano-quits-racist-production/>

Enquanto aqui no Municipal houve a preocupação de selecionar cantores negros pelo menos para alguns papéis principais, na Arena di Verona, na Itália, em 2022, o elenco também foi pintado para os papéis.

**Por que será que fizeram essa escolha? Em algum momento foi de fato justificável?**

Aqui estamos falando de eventos que, de fato, partem do Theatro, da gestão interna. Não é uma ocupação do espaço.

**Será que agora sabem que “é possível” ter cantores negros em papéis negros? Será sempre esse o caso?**

**Finalização**

**Em comparação com as expectativas que você tinha no início da visita e o que viu até agora, que percepção você leva dessa presença negra no Theatro Municipal?**

**Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende**

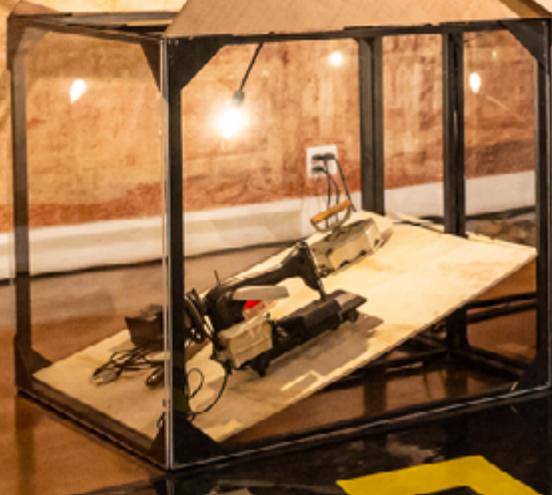
Educadora Bilingue do Núcleo de Educação do  
Theatro Municipal de São Paulo

CALADINA  
*Elita Evangelista*



VEM DE AFRICA!!!  
BUNDA, CALANGA, CACHAÇA,  
QUITANDA, FUBA, MUVUCA,  
XINGAR, MOLEQUE...!!!  
UMA QUIZUNDA SO!!!  
BUNDA, CALANGA, CACHAÇA,  
QUITANDA, FUBA, MUVUCA,  
XINGAR, MOLEQUE...!!!  
UMA QUIZUNDA SO!!!

Textual information panel with multiple lines of small text.



ONDE V-VE  
A SUA MADE  
ONDE V-VE  
A SUA MADE

ONDE V-VE  
A SUA MADE  
ONDE V-VE  
A SUA MADE











LA ENIGMIZADA DE FRESTAL Y LA SABEDORIA INVENCIÓN LUDICA







**NOSSAS HISTÓRIAS  
VÊM DE  
LONGE!**



QUEM É  
QUILOMBO?  
O QUE É O  
QUILOMBO  
HOJE ?



Small informational tag on the left display case.

Illegible text on the front panel of the left display case.

Small informational tag on the middle display case.

Text on the front panel of the right display case.

EXHIBIT SOUL



INÍCIO,  
MEIO,  
INÍCIO

*Artista: I Papa dos Santos*

O MUNDO É UMA  
SOMBRINHA DE  
POSSIBILIDADES  
INACABADAS...



## **SERVIÇO DA EXPOSIÇÃO**

De 8/12/2022 a 29/3/2023

Terça a sábado, das 10h às 18h

Praça das Artes

Entrada Gratuita

## **EXPEDIENTE DO CATÁLOGO**

**Organização** Anita de Souza Lazarim e Rafael Domingos Oliveira

**Fotos** Larissa Dias Paz e Rafael Salvador

**Produção editorial** Beatriz de Castro Ramos

**Capa** Karoline Marques sobre fotografia de Áurea Ferreira (Emidio Luisi, 1981)

**Projeto Gráfico e Diagramação** Winnie Affonso

**Revisão** Cíça Corrêa

## **FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO**

**Proposição Curatorial** Ana Lucia Lopes, Anita de Souza Lazarim e Rafael Domingos Oliveira | Núcleo de Acervo e Pesquisa / Gerência de Formação, Acervo e Memória

**Coordenação Geral** Rafael Domingos Oliveira

**Pesquisa Documental e Iconográfica** Anita de Souza Lazarim, Igor Vicente Gomes da Silva, Lais Charleaux, Vitória Ribeiro

**Identidade Visual e Design** Karoline Marques

**Fotos e vídeos documentais** Stig de Lavor

**Assistente de vídeo** Rafael Gomes de Souza

**Realização com a participação de:** Alexandre Ferreira Xavier, Ana Beatriz Rodrigues de Paula, Andressa Cristina Cericato Azaro, Anibal Marques (Pelé), Bianca Leiva Rosa, Bruna Rossi, César Augusto Martins da Silva, Cristiane Alves de Oliveira, Edilson José da Costa Silva, Edson Silva dos Santos, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Elisabete Machado Soares dos Santos, Flora Ainá Rossi de Araujo, Giovana Borges Freitas, Giullia Lima Rodrigues, Guilherme Fontão, Guilherme Lopes Vieira, Hannah Beatriz Zanotto, Henrique Souza Soares, Isabela Carlsen Tavares, Isis Patacho dos Santos, Jonas Pereira Soares, Julio Cesar Souza de Oliveira, Lara Mazeto Guareschi, Louise Ponara Makiana, Mariana Perin, Marli Nogueira Silva, Matheus Bastian Moraes, Nathalia Costa, Rafael de Araujo Oliveira, Rafael Augusto Ritto, Rodolfo Souza Santos, Rosa Casalli, Shirley Silva e Winie da Silva Cardoso

## **EXPOGRAFIA**

**Conceito** Ricardo Muniz Fernandes

**Arquitetura** Vinicius Cardoso

**Coordenação técnica e de produção** Julio Cesarini

**Paisagem sonora** Eugênio Lima

**cenotecnia e adereçagem** Fernando Zimolo, Rafael Alcantara, Wanderley Wagner da Silva e Willian Zimolo

**Depoimentos:** Alessander de Oliveira Rodrigues, Anibal Marques (Pelé), Anita de Souza Lazarim, Áurea Aparecida Ferreira, César Augusto Martins da Silva, Daniel Aparecido Jeronimo, David Marcondes, Elisabete Machado Soares dos Santos, Everton Davida

Candico, Felipe Costa, Francielle Jonas Perpétuo, Grécia Catarina Gonçalves da Costa Santos, Igor Antunes Silva, Igor Vicente Gomes da Silva, Indhyra Gonfio Barboza, Isis Patacho dos Santos, Inez Maria Rodrigues de Oliveira Neves, Jéssica Isis Domingos de Negreiros, Karoline Marques da Conceição, Leonardo Magalhães Muniz, Marli Nogueira Silva, Milena Lorana da Cruz Santos, Monik Silva Negreiros, Priscilla Pereira Gonçalves, Raimundo Afonso Almeida Costa, Rebeca de Oliveira Rosio, Roseane dos Santos Silva, Shirley Silva, Suzana dos Santos Barbosa Grem, Vitória Oliveira Faria, Walamis Santos Silva, Winie da Silva Cardozo, Yara Ludovico Bozzini e Yasser Alejandro Diaz

## **PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

**Prefeito** Ricardo Nunes

**Secretária Municipal de Cultura** Aline Torres

**Secretário Adjunto** Bruno Modesto dos Santos

**Chefe de Gabinete** Rogério Custodio de Oliveira

## **FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

**Direção Geral** Abraão Mafra

**Direção de Gestão** Dalmo Defensor

**Direção Artística** Andreia Mingroni

## **CONSELHO ADMINISTRATIVO SUSTENIDOS**

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Eduardo Saron, Gildemar Oliveira, Leonardo Matrone, Magda Pucci, Monica Rosenberg e Wellington do C. M. de Araújo

## **CONSELHO CONSULTIVO SUSTENIDOS**

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Benjamin Taubkin, Carlos Henrique Freitas de Oliveira, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Lia Rosenberg, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

## **CONSELHO FISCAL SUSTENIDOS**

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

## **SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA (THEATRO MUNICIPAL)**

**Diretora Executiva** Alessandra Fernandez Alves da Costa

**Diretor Administrativo Financeiro** Rafael Salim Balassiano

**Gerente Financeira** Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas

**Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing** Heloisa Garcia da Mota

**Gerente de Controladoria** Danilo Arruda

**Contador** Luis Carlos Trento

**Gerente de Suprimentos** Susana Cordeiro Emidio Pereira

**Gerente Jurídica** Adline Debus Pozzebon

**Gerente de Captação de Recursos** Marina Soleo Funari

**Gerente de Recursos Humanos** Ana Cristina Cesar Leite

## COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

**Diretora Geral** Andrea Caruso Saturnino

**Secretária Executiva** Valeria Kurji

**Gerente Geral de Operações e Finanças** Ana Paula Godoy

**Coordenadora Artística** Camila Honorato Moreira de Almeida **Coordenador de Programação** Eduardo Dias Santana **Equipe de Programação** Ana Paula Higino Brito e Isis Cunha Oliveira Barbosa **Gerente da Musicoteca** Maria Elisa Pasqualini (Milly) **Equipe da Musicoteca** Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Fagioni, Jonatas Ribeiro, Milton Tadashi Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira, Thiago Ribeiro Francisco e Victor Martins Pinto de Queiroz **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

**Gerente de Produção** Nathália Costa **Coordenadora de Produção** Rosana Taketomi de Araujo **Equipe de Produção** Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina Derio, Felipe Costa, Fernanda Cristina Pereira Camara, Karine dos Santos, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana Perin, Rodrigo Correa da Silva e Rosangela Reis Longhi

**Gerente de Formação, Acervo e Memória** Ana Lucia Lopes

**Coordenadora de Educação** Adriane Bertini Silva **Supervisor de Arte-Educação** Leandro Mendes da Silva **Equipe de Educação** Gabriel Zanetti Pieroni, Igor Antunes Silva, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi Yamaguchi, Renata Limeira Rodrigues e Renata Raissa Pirra Garducci **Coordenador de Acervo e Pesquisa** Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Alexandre Ferreira Xavier, Anita de Souza Lazarim, Guilherme Lopes Vieira e Rafael de Araujo Oliveira **Estagiários** Ana Beatriz Rodrigues de Paula, Bianca Leiva Rosa, Cristiane Alves de Oliveira, Edson Silva dos Santos, Giovana Borges Freitas, Giullia Lima Rodrigues, Hannah Beatriz Zannotto, Henrique Souza Soares, Isabela Carlsen Tavares, Marli Nogueira Silva, Rafael Augusto Ritto e Winie da Silva Cardoso **Supervisora de Ações de Articulação e Extensão** Carla Jacy Lopes **Bolsistas do Programa Jovens Criadores, Pesquisadores e Monitores** Jailson Batista Teodosio Pereira, Janderson André da Silva Nikolaus e Washington de Souza Alves (Articulação e Extensão), Andressa Cristina Cericato Azaro, César Augusto Martins da Silva, Edilson José da Costa Silva, Flora Ainá Rossi de Araujo, Guilherme Fontão, Isis Patacho dos Santos, Joanna Iglesias Cepeda, Louise Ponara Makiama, Lucas Melo, Matheus Bastian Moraes, Rafael Gomes de Souza e Rodolfo Souza Santos (Cenotécnica), Aruam Gailleu Pereira Santos, Beatriz dos Santos Pereira e João de Mello (Dramaturgia), Lais Aparecida Faria Charleaux e Vitória Ribeiro (Pesquisa)

**Diretor Técnico de Palco** Sérgio Ferreira

**Coordenador de Palco** Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e Administrativa de Palco** Adalberto Alves de Souza, Diogo de Paula Ribeiro, Helen Ferla, Jonas Pereira Soares, Luiz Carlos Lemes, Renan Hernandes Silverio, Sônia Ruberti e Vivian Miranda **Gestor de Cenotécnica** Anibal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção**

**(Cenotécnica)** Rosa Casalli **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Davida Candido, Igor Mota Paula, Ivaildo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Mafrense de Sousa, Raissa Milanelli Ferreira e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de Contrarregragem** Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomé, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo Barreto e Rafael de Sá de Nardi Veloso **Sonorização** André Moro Silva, Daniel Botelho, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin e Leandro dos Santos Lima **Coordenação de Iluminação** Sueli Matsuzak e Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Julia Gomes de Freitas, Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos Santos, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes e Yasmin Santos de Souza

**Equipe de Figurino** Eunice Baía, Suely Guimarães e Walamis Santos **Camareiras** Antônia Cardoso Fonseca, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras** Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues Martins

**Coordenadora de Comunicação** Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** Beatriz de Castro Ramos, Guilherme Dias, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Laila Abou Mahmoud, Larissa Lima da Paz, Stig de Lavor, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso **Coordenador de Planejamento e Monitoramento** Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Marcella Bezerra Pacca, Milena Lorana da Cruz Santos e Tony Shigueki Nakatani **Captação de Recursos** Rodrigo Antônio Ramos Galvão

**Gerente de Patrimônio e Arquitetura** Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Isabelle Zanoni, João Pedro de Goes Moura e Raisa Ribeiro da Rocha Reis **Gerente de Infraestrutura e Gestão Predial** Cleiton Dionatas Souza **Coordenador de Operações** Mauricio Souza **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gomes **Equipe de Infraestrutura e Gestão Predial** Carolina Ricardo, Elias Ferreira Leite Junior, Fernanda do Val Amorim e Leandro Maia Cruz **Coordenador de TI** Yudji Alessander Otta **Equipe de TI** Romário de Oliveira Santos

**Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios** Luciana Gabardo dos Santos **Supervisora de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Monique Marquezin Alves, Suzana Santos Barbosa Grem e Vitória Terlesqui de Paula **Equipe de Atendimento ao Público** Kleber Roldan de Araujo, Matheus Moreira Flores, Rosimeire Pontes Carvalho e Walmir Silva do Nascimento **Supervisão de Bilheteria** Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Claudiana de Melo Sousa, Maria do Socorro Lima da Silva e Monica de Souza

**Supervisor de Finanças** Marcos Sá Chaves **Equipe de Finanças** Ariane Bittencourt de Oliveira, Carolina Dezan Esteves, Jéssica Brito Oliveira, Kedma Encinas Almeida e Valéria de Freitas Mota Lima **Equipe de Contabilidade** Andreia Nascimento dos Santos **Equipe de Controladoria** Tainá Silva Hasselmann

**Equipe de Compras** Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Logística** Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora e Raimundo Nonato Bezerra **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Lucas Serrano Cimatti e Yara Maria da Silva **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Daniel Aparecido Jeronimo, Mateus Costa do Nascimento, Priscilla Pereira Gonçalves, Rebeca de Oliveira Rosio e Vitoria Fernanda do Carmo Leite

**Aprendizes** Ana Beatriz Silva Correia, Bruna Eduarda Cabral da Silva, Carlos Eduardo de Almeida, Francielli Jonas Perpétuo, Gabrielle Silva Santos, Julia Rodrigues de Jesus, Leticia Lopes da Silva, Suiany Olier Encinas Racheti e Vitoria Oliveira Faria

PRESENTES  
PRESENTES  
PRESENTES  
PRESENTES

DEPARTMENT OF  
JAZZ  
BAND

PRESENTES

PRESENTES



DAD

PRESENCAS NO  
TEATRO MUNICIPAL

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Presente! [livro eletrônico] : presenças negras no Theatro Municipal de São Paulo / Anita de Souza Lazarim...[et al.] ; organização Anita de Souza Lazarim...[et al.] -- São Paulo, SP : Sustainidos Organização de Cultura, 2023.  
PDF

Outros autores: Ana Lucia Lopes, Igor Vicente Silva, Lais Aparecida Faria Charleaux, Vitória Ribeiro.  
ISBN 978-65-997225-2-3

1. Arte afro-brasileira 2. Artistas negros - Brasil 3. Exposições - Catálogos 4. Theatro Municipal de São Paulo - Acervo I. Lazarim, Anita de Souza. II. Lopes, Ana Lucia. III. Silva, Igor Vicente. IV. Charleaux, Lais Aparecida Faria. V. Ribeiro, Vitória. VI. Título.

---

23-149202

CDD-792.098161

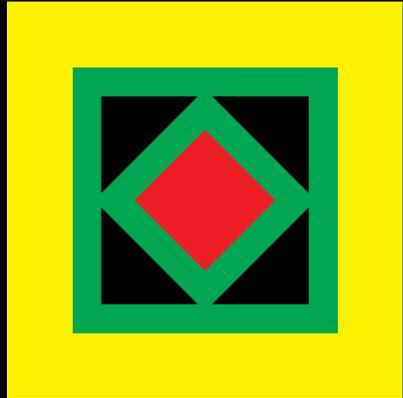
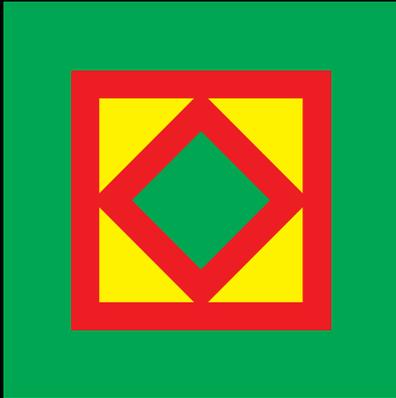
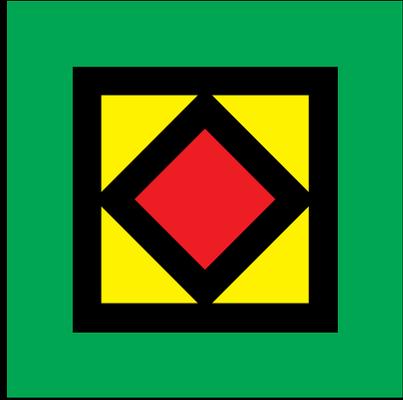
---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Acervo : Theatro Municipal de São Paulo :  
História 792.098161

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253





realização:

# SUSTENIDOS  
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

FUNDAÇÃO  
THEATRO  
MUNICIPAL



CIDADE DE  
SÃO PAULO  
CULTURA